

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Magali Oliveira Frassão**

**Caderno Meu Filho: um modo de ser mãe, organizar a família e educar o  
bebê a partir da escrita de si.**

**Porto Alegre  
2011**

**Magali Oliveira Frassão**

**Caderno Meu Filho: um modo de ser mãe, organizar a família e educar o bebê a partir da escrita de si.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:

Dra. Leni Vieira Dornelles

Linha de Pesquisa: Estudo sobre Infâncias

Porto Alegre

2011

**Magali Oliveira Frassão**

**Caderno Meu Filho: um modo de ser mãe, organizar a família e educar o bebê a partir da escrita de si.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 08 set. 2011.

---

Profa. Dra. Leni Vieira Dornelles – Orientadora

---

Profa. Dra. Maria Isabel Edelweiss Bujes – ULBRA

---

Profa. Dra. Susana Rangel Vieira da Cunha – UFRGS

---

Profa. Dra. Mariene Jaeger Riffel – UFRGS

---

### CIP - Catalogação na Publicação

Frassão, Magali Oliveira

Caderno Meu Filho: um modo de ser mãe, organizar a família e educar o bebê a partir da escrita de si / Magali Oliveira Frassão. -- 2011.  
138 f.

Orientador: Leni Vieira Dornelles.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2011.

1. Maternidade. 2. Mídia. 3. Infância. 4. Governamento. 5. Manual. I. Dornelles, Leni Vieira, orient. II. Título.

Dedico este trabalho ao Gilberto, ao Artur  
e à Elisa, amores da minha vida.

## Agradecimentos

Esta pesquisa foi possível graças ao envolvimento de muitas pessoas, dentre as quais eu faço questão de agradecer:

À Leni, pela orientação, exigência, compreensão, incentivo, carinho, paciência, dicas de leitura. Devo a ti muito do que aprendi como pesquisadora; se estes últimos anos foram marcados pela sobrecarga de trabalho, estudo e leitura, agradeço-te pelos encontros descontraídos e alegres em que era possível conciliar e cultivar estudo, amizade, alegria e seriedade, num enorme desejo de sempre retornar.

Às professoras Norma Marzola, Maria Isabel Edelweiss Bujes, Susana Rangel Vieira da Cunha, por todas as considerações feitas ao meu Projeto o que permitiu dar um encaminhamento bem diferente à pesquisa.

Agradeço à professora Mariene Jaeger Riffel pelos produtivos encontros e dicas de leitura.

À minha grande e amada família (Cleu, minha irmã; Misa, Gordo, André, Claudio e Ozéias, meus irmãos; cunhadas, cunhados, sobrinhas, sobrinhos) que entendeu a minha ausência. Ao meu pai e à minha mãe, que sempre me incentivaram a estar onde estou. Ao meu sogro e sogra pelo apoio e compreensão. À Anita, pelo chimarrão e atenção.

À Equipe do Mundo da Criança, agora InfânciaS (Manoela, Jéssica, Katita, Tati, Tati Nunes, Déia, Lê, Jô, Tati A. Iara, Raque, Sara, Márcia, Pablo, Cíntia e Misa). Esta turma pra lá de especial segurou as pontas na minha ausência. Obrigada Misael pela fidelidade e carinho que me permitiam afastar-me do trabalho. Obrigada Ana pelo apoio. Às famílias e crianças com as quais trabalhei e trabalho. A ideia desta pesquisa emergiu toda das relações que estabeleço no meu trabalho.

Ao meu grupo de pesquisa: Carine, Fernanda Moraes, Fernanda Bizarro, Circe, Dani e a dupla pra lá de especial e amiga, que comigo ingressou, Antônio e Mel.

Ao meu amor Gilberto, que me incentivou e que acreditou em mim, quando eu já estava quase desacreditando. Sou grata por ele entender a minha ausência e a reclusão que me impus para dar conta deste estudo. Ao meu amado filho Artur e à minha amada filha Elisa, obrigada por entenderem o meu solitário afastamento e ficar ausente dos passeios, parques, cinema. Obrigada filho por emprestar o teu recanto para o meu estudo. Obrigada filha por adormecer ao meu lado e aceitar somente me olhar para não me atrapalhar.

## RESUMO

O tema central desta Dissertação é a análise dos textos escritos, em forma de confissões de uma jornalista na Coluna Nave Mãe, veiculados no Caderno Meu filho, semanalmente, no período de agosto de 2008 a dezembro de 2010; para esta análise foram selecionadas oitenta e cinco Colunas. As escritas de si da jornalista iniciaram quando ela confirma a gravidez que tanto desejava. Suas confissões expressam o modo como constituiu-se mulher-mãe e o que foi preponderante para si nesta constituição. Assim, nas suas escritas, vemos que para ela a gestação é um período de preparação no qual a mulher precisa organizar a sua vida e a casa para a chegada do bebê. Também o período gestacional é marcado por grandes aprendizagens e transformações. A mulher deve procurar aprender sobre o que pode e deve ou não fazer com o corpo, tendo em vista que dentro de si ela carrega outra vida, que precisa estar protegida de qualquer risco. Através da análise dos textos, temos o indicativo que para a mulher-mãe cuidar do outro é necessário que ela cuide de si. Investimento total no corpo grávido que resulte em saúde ao bebê. O grande marcador do corpo grávido para ela foi o crescimento da barriga. Antes disso, ela sentia-se pouco confortável em dizer e exigir alguns direitos concedidos às grávidas. A amamentação para ela resultou na promoção de saúde e proteção à filha, tomando para si integralmente o cuidado de seu bebê. Os discursos que atravessaram sua constituição materna como verdadeiros, objetivando e subjetivando-a, em primeiro lugar e com forte acento foi o médico-obstétrico e, após, o médico-pediátrico. Também vemos o quanto suas decisões, condutas e sentimentos são marcados e cingidos pelo discurso da psicologia, da religião, da pedagogia e da economia. Através das confissões, ela falava de si, produzindo as verdades sobre si mesma e disseminando-as entre as outras mulheres, mulheres-mães, o público, a quem eram endereçadas as crônicas-confissões escritas.

Palavras-chave: Maternidade e mídia. Infância. Governo. Confissão. Manual de maternagem.

## RESUMEN

El tema de esta Disertación es el análisis de los textos escritos, en forma de confesiones de una periodista en la Columna Nave Mãe, en el cuaderno Meu Filho, semanalmente, en el periodo de agosto de 2008 a diciembre de 2010; para este análisis fueron seleccionadas ochenta y cinco Columnas. Las escritas de si de la periodista iniciaron cuando ella confirma su embarazo que tanto deseaba. Sus confesiones expresan el modo como se constituyó mujer-madre y lo que fue preponderante para si en esta constitución. Así, en sus escritas, vemos que para ella la gestación es un periodo de preparación en el cual la mujer precisa organizar su vida y la casa para la llegada del nene. También el periodo gestacional es marcado por grandes aprendizajes y transformaciones. La mujer debe procurar aprender sobre lo que puede y debe o no hacer con el cuerpo, acordándose que dentro de si ella lleva otra vida, que precisa estar protegida de cualquier riesgo. A través del análisis de los textos, tenemos el indicativo que para la mujer-madre cuidar del outro es necesario que ella cuide de si. Inversión total en el cuerpo embarazado que resulte en salud del nene. El gran marcador del cuerpo embarazado para ella fue el crecimiento de la barriga. Antes de esto, ella se sentía poco comfortable en decir y exigir algunos derechos concedidos a las embarazadas. El amamantamiento para ella resultó en la promoción de salud y protección a la hija, tomando para si integralmente el cuidado de su nene. Los discursos que atravesaron su constitución materna como verdaderos, objetivando y subjetivándola, en primer lugar y con fuerte acento fue el médico obstétrico y, despues, el médico pediátrico. También vemos el cuanto sus decisiones, conductas y sentimientos son marcados y ceñidos por el discurso de la psicología, de la religión y de la economía. A través de las confesiones, ella hablaba de si, produciendo las verdades sobre si misma y diseminándolas entre las otras mujeres, mujeres-madres, el público, a quien eran dirigidas las crónicas-confesiones escritas.

Descripción: Maternidad y mídia. Infancia. Gobierno. Confesión. Manual de maternidad.

---

Frassão, Magali Oliveira. **Caderno Meu Filho: um modo de ser mãe, organizar a família e educar o bebê a partir da escrita de si.** Porto Alegre, 2011. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Logotipo do Caderno Meu Filho, veiculado em todos os Cadernos, desde sua 1º edição, em 30/8/2004.....	17
Imagem 2: Matéria Pequenos roedores - Foto de Carlinhos Rodrigues (Caderno Meu Filho, nº 199, p.1, em 16/6/2008) .....	18
Imagem 3: Caderno Meu filho - Logotipo da coluna Nave Mãe.....	20

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
<b>1 CADERNO MEU FILHO E A COLUNA NAVE MÃE.....</b>	<b>18</b>
1.1 CADERNO MEU FILHO.....	18
1.2 CADERNO MEU FILHO: ABASTEÇA SUA NAVE E ELA IRÁ LONGE .....	20
1.3 AS ESCRITAS DE SI: CONSELHEIRA PARA O TEMA ‘MÃE’ .....	27
<b>1.3.1 Da Nave Mãe como <i>blog</i> .....</b>	<b>30</b>
1.4 NAVE MÃE/MÃE NA RODA: O TEMPO DA GRAVIDEZ COMO PREPARAÇÃO PARA A MATERNIDADE .....	32
1.5 AS CONFISSÕES QUE RETRATAM A CONSTITUIÇÃO DE UM MODO DE MATERNIDADE .....	37
<b>2 A FAMÍLIA DA NAVE MÃE: UM MODELO DOMINANTE .....</b>	<b>47</b>
2.1 NAVE MÃE – MULHER-MÃE EMPREENDEDORA .....	57
2.2 NAVE MÃE – A FAMÍLIA PLUGADA NO MUNDO.....	60
2.3 NAVE MÃE – O FORTE VÍNCULO COM A FAMÍLIA MATERNA – O AMOR COMO CONSTITUIDOR DAS RELAÇÕES ENTRE AS GERAÇÕES .....	66
<b>3 MATERNIDADE, “A MAIS LINDA JORNADA” .....</b>	<b>71</b>
3.1 MATERNIDADE: UM MARCADOR – AS TRANSFORMAÇÕES DO CORPO.....	78
<b>3.1.1 Maternidade: Outro Marcador .....</b>	<b>84</b>
3.2 MATERNIDADE E INSTINTO MATERNO NA NAVE MÃE .....	88
3.3 AMAMENTAÇÃO: ME DEIXEM EU E MINHA FILHA, ESTE É O NOSSO MOMENTO.....	99
<b>4 NA MEDIDA CERTA DO QUE SE DESEJA. – “XÁ COMIGO.” GRAVIDEZ SAUDÁVEL.....</b>	<b>101</b>
4.1 EXEMPLAR MODELO DE DIETÉTICA – AUMENTE 300 CALORIAS .....	103
4.2 RISCO ZERO – NEM COM AUTORIZAÇÃO MÉDICA .....	105
4.3 A VIDA VISTA POR DENTRO .....	107
<b>4.3.1 A Emoção do Parto - “Um Parto Bem Humanizado” .....</b>	<b>109</b>
<b>4.3.2 A Regulação do Corpo Infantil – o Discurso Médico-Pediátrico.....</b>	<b>111</b>
4.4 GRAVIDEZ SAUDÁVEL E TRANQUILA -“OS SEGREDOS DE UMA ENCANTADORA DE BEBÊS” .....	113
4.5 A MÃE ABJETA: NÃO CUIDA DE SI, NÃO CUIDA DO OUTRO, ESQUECE E DEIXA MORRER .....	116
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>120</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>126</b>

## INTRODUÇÃO

Após dois anos e meio, é hora de dar adeus à Nave Mãe. [...] escolhi repartir o desenvolvimento de minha filha aqui por ter a certeza de que outros pais e mães – e também avós, tias, padrinhos – identificavam-se e pegavam carona nos meus relatos [...] (CADERNO MEU FILHO, 27/12/2010). [Última participação da colunista].

[...] a história do presente ou, o que é o mesmo, a ontologia crítica de nós mesmos, a desconstrução, a desconstrução histórica daquilo que somos e já estamos deixando de ser, tem a ver com a problematização das evidências e universalidades que nos configuram em nossas formas de conhecimento, em nossas práticas punitivas, em nossas formas de relação com os demais e conosco. Trata-se de mostrar que aquilo que somos é arbitrário, específico e contingente; de colocar em questão o habitual, aquilo que é o mais difícil de ver como problemático porque se converteu em hábito para nós, em costume, em identidade. É preciso converter aquilo que somos em problema, o habitual em insuportável, o conhecido em desconhecido, o próprio em estranho, o familiar em inquietante [...] (LARROSA, 2000, p. 330).

Início este texto com duas epígrafes. A primeira é um excerto retirado do *corpus* do material analítico da pesquisa, escrito pela jornalista da Coluna Nave Mãe que em sua última participação no Caderno Meu Filho, ao despedir-se de suas leitoras, deixa claro que seu objetivo era dividir suas experiências<sup>1</sup> maternas, porque tinha a certeza de que algumas pessoas poderiam se identificar consigo pegando uma carona e aprender a partir da sua escrita, isto é, ao escrever e publicar sobre como constituiu-se mulher-mãe, ela ensinava como acreditava, conhecia e vivia tanto sua gestação, como a educação de sua filha às leitoras.

A segunda epígrafe, pensada por Larrosa, a partir do que Deleuze escreveu sobre Foucault, procura mostrar a necessidade de indagarmos sobre o modo como conhecemos, atuamos e acreditamos naquilo que vivemos, atentos para o quão contingente e provisória são nossas identidades.

O meu estudo terá como tema central buscar compreender em que medida as escritas desta jornalista produziam um modelo de maternidade e como este modelo

---

<sup>1</sup> Tomarei aqui experiência como: [...] “a correlação, em uma cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (FOUCAULT, 2009, p. 10). Ao longo de suas escritas, a jornalista fala das suas experiências que, como tentarei mostrar, são construídas a partir da incorporação de uma série de discursos (médico, psicológico, religioso, econômico, pedagógico). Às vezes, eles se sobrepõem, em outros momentos suas experiências parecem se pautar mais por um discurso. Suas experiências, como veremos, dizem de uma forma de maternidade legitimamente aceita por nossa cultura, daquilo que é determinado e prescrito que uma mãe sinta, viva e faça e da fusão da educação que recebeu durante sua vida, que a constituíram de uma forma e que perante a experiência materna a fazem incorporar novos modos de existir.

foi constituído onde lugares, espaços e papéis eram atribuídos à mulher-mãe, ao homem-pai e ao bebê.

Antes de eu me “aproximar” de Foucault e dos estudiosos que estão filiados ao seu pensamento, eu já buscava entender por que determinadas pessoas pareciam ser mais afetadas que outras por alguns problemas, verdades e crenças. Eu fazia isso para encontrar “a origem” daquilo que pudesse “influenciar” certa pessoa a ser e agir de “um jeito”. Acredito que, em virtude desta busca, o tema da pesquisa surgiu em minha vida antes de eu ingressar no Mestrado, por este estar relacionado ao meu trabalho e ao que vivo como mulher-mãe.

Desde 1988, trabalho com educação infantil<sup>2</sup>. Por se tratar de crianças que têm uma forte dependência do adulto, muitas famílias (em especial e com mais frequência a mãe<sup>3</sup>) acabam participando bastante do cotidiano escolar tendo em vista que a troca de informações do que acontece em casa é importante para a criança por nós atendida, tanto no que diz respeito aos cuidados básicos (higiene, alimentação, saúde) quanto à aprendizagem de diferentes saberes do mundo que a cerca.

Penso em como estes saberes circulam e escapam ao espaço das instituições de educação infantil se pulverizando para outros lugares. Locais pedagógicos “[...] em que o poder se organiza e se exercita de diferenciadas formas [...]” (WORTMANN, 2010, p. 111). Saberes que encontrei circulando no jornal, através do Caderno Meu Filho, algo caro, instigador, provocador de perguntas, por vezes algo que me fazia rever meus saberes, meus conceitos e preconceitos. O jornal é, no meu entendimento, uma das fontes onde circulam matérias atuais que busca conjugar aquilo que a leitora “precisa”, afinado a um tipo de consumidora desejada pelo meio de comunicação que o produz. Entendi que estudar o Caderno Meu Filho era um modo de articular saberes com um material que me ajudaria nas dúvidas, na reafirmação, validação e indagações sobre os discursos pedagógicos,

---

<sup>2</sup> Educação infantil – 1º etapa da Educação Básica que atende em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade.

<sup>3</sup> É comum, ao longo da educação infantil, vermos o envolvimento da família – avó, avô, tio, tia, pai e mãe – na educação e cuidados com a criança, entretanto espera-se que a mãe tome para si o dever e assuma como prioridade em sua vida tudo o que se refere ao/à filho/a. Nas reuniões escolares, geralmente é a mãe quem comparece; quando a criança fica doente, liga-se para ela; quando falta algo para a criança, recorre-se à mãe. Parece haver um consenso que cabe à mulher-mãe responder por tudo em relação à criança. As mulheres-mães, mesmo cansadas e sobrecarregadas, assumem este papel e esperam que a escola recorra a elas em um primeiro momento. A escola, por sua vez, espera que a mãe-mulher esteja disponível e corresponda integralmente às solicitações.

médicos e psicológicos muito presentes nas matérias que circulam nele, portanto, deveriam circular também na proposta pedagógica da escola. Entretanto, não poderia perder de vista o que afirma Fischer (2010) sobre a linha tênue que existe quando nos servimos de tais materiais em um trabalho de pesquisa acadêmica, sem deixar “[...] de estabelecer relações complexas entre linhas de força, instituidoras de sentido tornados quase hegemônicos [...], e aquilo que escapa completamente desses processos culturais, de imposição de modos de olhar e existir [...]” (p. 12).

Mergulhar nos Estudos Culturais me permitiu ver revistas, *sítes* e jornais como artefatos culturais que constituem um valioso material quando desejamos algo que fale sobre atualidades e que trate daquilo que se vive e se sente, “[...] numa espécie de movimento do pensamento, num terreno sobretudo instável [...]” (FISCHER, 2010, p. 15), visto que esses artefatos pretendem ensinar de “um outro jeito” (quem sabe?) aquilo que usualmente fazemos, para que se produzam os modos de ser mãe e como esta deva conduzir a educação do seu filho ou sua filha. Constituir a educação de uma criança de modo que ela se torne educada, inteligente, alegre, obediente é o que venho observando neste artefato. Artefatos endereçados às mães e que, segundo Steinberg (2001), fazem parte de produtos que ensinam. Para a autora se aprende numa variedade de locais sociais, que incluem a escola, os espaços da família, mas não se reduzem a eles, como observo no Caderno Meu Filho, em especial na Coluna Nave Mãe.

Neste sentido, os Estudos Culturais nos ajudam a compreender que “A cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser [...]” (SILVA, 1999, p. 134). Bujes (2002) assinala que os Estudos Culturais possibilitam “[...] perceber que os significados estão sendo constantemente negociados e que estão conectados a políticas de verdade em ação na sociedade [...]” (p. 20). Podemos, a partir dos Estudos Culturais, naquilo que Fischer (1999) aponta, pensar acerca de algumas questões que são análogas ao que procuro responder nesta Dissertação ao olhar para o meu *corpus* de pesquisa. Questões que a referida autora coloca como:

[...] em que medida a presença da mídia na vida cotidiana produz, reproduz ou dinamiza certos valores, crenças, sentimentos, preconceitos que circulam na sociedade? [...] de que forma os meios de comunicação têm participado da disseminação de maneiras especiais de ser e estar, de agir,

de comportar-se, de os sujeitos tratarem a si mesmos, a seus corpos e a seu mundo interno? (FISCHER, 1999, p. 19).

Por entender o Caderno Meu Filho como um produtor e dinamizador de certas crenças e valores e como um disseminador de modos de ser, estar e agir no mundo é que passo a vê-lo como um instrumento que faz parte de uma pedagogia cultural. Com isso, fiz dele um caderno escolar. No caderno escolar eu tinha por hábito anotar tudo o que era discutido, falado em aula e depois, ao revisar, fazia uma seleção daquilo que era mais proveitoso para o meu estudo e para levar à equipe que eu coordenava. Com o Caderno Meu Filho, eu fazia algo similar: sublinhava algumas matérias que me interessavam, que sugeriam a leitura junto à equipe de trabalho da escola para discussão e estudo.

O Caderno Meu Filho apresentava e apresenta matérias “atualizadas”<sup>4</sup>, ou seja, aquelas que são o “fato do dia” sustentadas por depoimentos de especialistas, sugestões de livros, dicas, entrevistas. Ele faz uso de sua função de ensinar dando dicas sobre crianças, maternidade, família, em matérias atuais, locais e endereçadas. Sobre os *modos de endereçamento*, é importante observar e indagar no Caderno Meu Filho, a partir do estudo de Ellsworth (2001), quem é a leitora que vai consumi-lo? Qual é a relação que pode se estabelecer entre as crônicas da jornalista e as experiências das leitoras? Qual é a relação entre o que o jornal produz e o que ela, a leitora, precisa entender a partir do que lê? Que tipo de família, mãe, pai, criança o jornal Zero Hora, a partir do que é circulado, se propõe constituir e privilegiar?

A partir de tais questões, observo que o *Caderno Meu Filho* é produzido e endereçado a um determinado público: mulheres-mães ou mulheres que se interessam pelo assunto de maternidade ou que se interessam pelo tema educação. O Caderno Meu Filho é editado por mulheres para ser consumido por mulheres, principalmente as mulheres-mães; a partir disto podemos pensar que os “modos de endereçamento”, pensados por Ellsworth a partir do cinema e estudados por Fischer (2006a) em sua análise sobre a linguagem midiática na TV, podem servir para a

---

<sup>4</sup> Em 04 de agosto de 2008, a matéria de capa do Caderno Meu Filho foi **Lições de Pai**, isto em virtude da proximidade do dia dos pais. Em 24 de novembro do mesmo ano, prevendo o encerramento do ano escolar para as crianças do Jardim, a matéria foi **Tchau, tchau, escolinha**. Em dezembro, com a chegada do verão, o jornal publicou no dia 08: **Mamãe, tira a fralda?** E no dia 22: **É hora de contar a verdade?** Matéria relativa ao Natal e ao Papai-Noel.

análise da Coluna *Nave Mãe*, no que se refere a “[...] nos olharmos também naquilo que olhamos, e de pensar, a partir do que foi visto, de tomar para nós o que alguém pensou e que tornou de alguma forma visível” (p. 12). Podemos pensar o endereçamento da Coluna *Nave Mãe* “[...] para chegar a alguém, para seduzi-lo, chamá-lo a ver, gostar e reconhecer-se” (p. 84) naquilo que está escrito ali e que vai ao encontro do que está nas epígrafes que abrem esta Dissertação. Segundo Ellsworth (2001), “o modo de endereçamento envolve história e público e expectativa e desejo” (p. 47). E é justamente nesta direção que a jornalista escreve: “Vocês não imaginam o número de mensagens que entram em minha caixa de e-mails todos os dias. São perguntas sobre os mais variados assuntos relacionados à maternidade” (CADERNO MEU FILHO, 23/3/2009). A jornalista, responsável pela Coluna, escreve de si, mas sua escrita não está deslocada do que suas leitoras desejam ler, saber, ela replica em grande medida o que circula no social. Mas, como afirma Fischer (2010), “o que importa é esse jogo, são essas multiplicidades, e não a felicidade consoladora e apaziguada de ter encontrado as verdadeiras representações de algo” (p. 12).

Na busca de entender o que diz para suas leitoras, quais matérias produzem sobre maternidades, crianças, famílias, educação de crianças e adolescentes é que tomo agora o *Caderno Meu Filho* como material empírico desta pesquisa. Não farei a análise das matérias do **Caderno Meu Filho**, farei um recorte e construirei outro caderno bem específico voltando o meu olhar para a **Coluna Nave Mãe**. Os textos da Coluna formarão o *corpus* analítico da pesquisa. Desta forma esta Dissertação está assim organizada:

No capítulo 1, apresento informações sobre o *Caderno Meu Filho* e procuro significar o logotipo do *Caderno* que permanece inalterado desde sua primeira edição. Também volto o meu olhar para a Coluna *Nave Mãe* de onde extraio o *corpus* analítico da pesquisa e os propósitos da jornalista, escritora da Coluna. Afirmo que a imagem veiculada na Coluna compõe um atravessamento de vários discursos, dentre os quais o discurso da Psicologia do Desenvolvimento que almeja produzir uma criança autônoma e independente. Imagem e texto se complementam e, a partir da análise, mostro os discursos que produzem a mulher-mãe que escreve as crônicas, atentando para como ocorre esta interpelação e constituição. Neste capítulo, apresento a justificativa, o problema e os objetivos da pesquisa. Aponto

alguns estudiosos/as que usei e sustentaram este estudo. Mostro em todos os capítulos excertos do *corpus* analítico procedendo concomitante à análise da constituição materna e à operação dos conceitos que utilizei como ferramentas da pesquisa.

No capítulo 2, retomo sucintamente a história, os papéis definidos para a família ocidental moderna procurando destacar como a mulher-mãe foi chamada a assumir a educação e o governo da família. Mostro, a partir da análise das Colunas, como a mulher-mãe da Nave Mãe se constituiu mulher-mãe-empREENDEDORA, mulher-mãe-tecnológica. Também neste capítulo apresento o quanto a jornalista, sua filha e o marido estabelecem uma forte ligação afetiva com a família materna.

No capítulo 3, disserto sobre a representação da maternidade na vida do casal, em especial na vida da jornalista mostrando que para ela a gravidez é estar em **estado de graça**. Apesar de todas as preocupações e incômodos que a gravidez lhe gerou, ainda, segundo ela, foi o momento mais especial de sua vida. Neste capítulo procuro dialogar com outros estudos em que a sacralização do corpo grávido estava representado e, ao fazer isso, respondo uma das questões que levanto na pesquisa. Também analiso alguns marcadores percebidos através das confissões da cronista que ela define como importantes em um corpo grávido. Discuto a questão paradoxal vislumbrada na constituição materna da jornalista em que concomitante ela pensa sua gravidez como construção e aprendizagem e como instintiva. Neste capítulo lanço o meu olhar e me debruço para pensar sobre o quanto a maternidade é normatizada a partir da politização do seio que amamenta.

No capítulo 4, ao responder a outra questão levantada nesta pesquisa, disserto sobre os discursos que estiveram mais acentuados na constituição materna da jornalista, prescrevendo, normatizando, definindo em diferentes momentos seu período gestacional e também após o nascimento de seu bebê, em que até os menores detalhes eram anotados e pormenorizados. Ao fazer isso, procuro mostrar o quão pungida ela foi pelo discurso médico obstétrico num primeiro momento e após médico pediátrico, para cuidar de si, com vistas a cuidar de sua filha. Mostro que seu corpo foi alvo de um grande, desejado e esperado escrutínio pois, como aponto neste capítulo, gravidez está associada a risco. O olhar detalhado e minucioso para o corpo grávido também passa pelo desejo de conhecer e reconhecer o bebê antes de seu nascimento de modo que, ao parir, a mulher-mãe, o

homem-pai e os demais familiares façam a conferência de suas impressões. Neste capítulo analiso, dialogando com outros estudos, a partir das confissões, o que é o parto humanizado. Encerro a Dissertação operando com o conceito de governo (Foucault)/governamento (Veiga-Neto, Bujes) concluindo, por fim, que é necessário e saudável existir um pleno governo do corpo materno para a mulher-mãe desdobrar-se em muitas, como tem sido exigido, com vistas a cuidar de si, para cuidar do outro.

## CAPÍTULO 1

1 Caderno Meu Filho e a Coluna Nave Mãe

1.1 Caderno Meu Filho

1.2 Caderno Meu Filho: abasteça sua Nave e ela irá longe

1.3 As escritas de si: conselheira para o tema 'mãe'

1.3.1 Da Nave Mãe como *blog*

1.4 Nave Mãe/Mãe na Roda: o tempo da gravidez como preparação para a maternidade

1.5 As confissões que retratam a constituição de um modo de maternidade

*Meu* **filho** ZERO HORA

Porto Alegre, 14 de junho de 2008 - 5ª 198

## 1 CADERNO MEU FILHO E A COLUNA NAVE MÃE

### 1.1 CADERNO MEU FILHO

O Caderno Meu Filho<sup>5</sup> é composto por quatro páginas; na primeira ele apresenta o logotipo do Caderno, uma imagem com a chamada principal e a matéria. O logotipo é formado pelo pronome possessivo **Meu** na forma da primeira pessoa do singular e, como sugere, indica posse; e pelo substantivo masculino **filho**. Vemos que o pronome em fonte menor parece adentrar o substantivo marcando-o, não o apagando e nem o tomando por completo.

O pronome **Meu** parece fazer crescer, inflar, tornar forte e vigoroso o substantivo filho.

Abreu (2008), na pesquisa que realizou sobre a revista Bravo, pontua que a capa de uma revista apresenta a identidade visual, usando uma série de elementos verbo-visuais, dentre os quais: formato da capa, desenho do logotipo, cores, imagem, que estão vinculados. Estes elementos articulados pretendem capturar o leitor. Vemos, na primeira página do Caderno, alguns elementos visuais gráficos que aparecem nas capas das revistas apontados por Abreu: logotipo, imagem principal e chamada principal (título). A imagem e o título complementam o texto que aparece logo abaixo. Abreu (2008) assinala que as imagens e a organização dos textos devem privilegiar “[...] um tipo de ordenação visual em que a harmonia, coerência entre texto e imagem não causem estranhamento ao leitor” (p. 125-126). Em vários Cadernos a matéria que aparece na capa está relacionada a um aspecto da



<sup>5</sup> O Caderno Meu Filho é veiculado toda segunda-feira, no jornal Zero Hora, pertencente ao grupo Rede Brasil Sul de Telecomunicações (RBS), com forte penetração no Rio Grande do Sul, com sede em Porto Alegre. Este caderno sucedeu ao Caderno ZH Escola. A primeira edição foi em 30 de agosto de 2004. Sem um patrocínio fixo, ele se mantém a partir dos anúncios que faz. Larissa Roso foi editora responsável em 2004 pelo caderno. Atualmente é Anelise Zanoni. Usarei a palavra “Caderno” quando referir-me ao “Caderno Meu Filho.”

educação das crianças. Esta matéria dependendo do conteúdo, estende-se às páginas dois e três; quando isto não ocorre, existe a apresentação de outros assuntos. Os títulos das matérias têm destaque colorido e em fonte maior que o restante dos textos, tal qual apresentado acima. Além das matérias, o Caderno apresenta dicas de livros, entrevistas, álbum de família com fotos enviadas pelas leitoras que fazem um cadastro, depoimentos, propagandas e as crônicas da Coluna Nave Mãe.

As imagens, sua disposição, tamanho da fonte, coloridos em destaque, sabemos que, além de chamar a atenção da leitora, “educam” como afirma Cunha (2010).

Atualmente, as instituições que educam as crianças, mesmo sem se darem conta, e as corporações de entretenimento, que ao contrário, percebem os efeitos educativos das imagens, promovem uma educação através das imagens. Entendo que esta concepção educativa se efetiva porque há uma história construída em torno das imagens, possibilitando que os artefatos imagéticos ainda continuem a nos educar, dentro e fora dos espaços escolares (p. 2).

Imagens e texto se complementavam no Caderno e na Coluna, e acredito que foi possível vislumbrar isso na medida em que a jornalista apresentava como pensava a educação de sua filha, mostrando às leitoras um modo de ser mãe e filha dentro de uma significância, de um “modelo” de família nuclear tipicamente ocidental. Sobre esse falar de si da jornalista, podemos refletir sobre a produção dos processos produtivos simbólicos de que trata Wortmann (2010): “[...] através dos quais os significados são absorvidos, reconhecidos, compreendidos, aceitos, contestados, distorcidos, ampliados, ou descartados [...]” (p. 112). Bujes (2002) afirma que os significados “[...] dependem de um conjunto de possibilidades que se conjugam em determinado momento da história, são organizados socialmente e sustentados por discursos nem sempre homogêneos e em perene transformação [...]” (p. 24-25).

Para tentar entender as significâncias que atravessam os ditos do Caderno na produção de um tipo de ser mãe é que, a partir da leitura das suas crônicas, formulei o meu problema de pesquisa: **como a Coluna apresenta, constitui e faz circular um modelo de família, de maternidade, de criança, de filho, a partir de um modo de existir, que possa ser tomado como uma forma de ensinamento a quem a lê.** Questiono a partir deste problema: quais os discursos que preponderam

nesta circulação e constituição - nas crônicas - quando a jornalista que a escreve fala de si e de sua família? A publicização de particularidades escritas nas crônicas, em que ela mostra o quanto investiu e preocupou-se consigo, mudando hábitos, lendo, conversando, seguindo as prescrições do seu médico, poderia ser pensada como uma preocupação com o outro?

Entendo que, ao escrever de si e ao responder a indagações de suas leitoras, a jornalista vai ensinando-as sobre um modo de ser mulher-mãe e, com isso, mostrando as respostas para as questões levantadas nesta pesquisa. Como procurava mostrar através da Coluna, que a educação de sua filha deveria resultar na produção de uma criança bem governada que pilotasse a Nave com autonomia, independência, sozinha e sem perder-se durante a viagem, ou desviar-se do caminho proposto pela família.

Como mostra a imagem e a chamada principal do Caderno, pretendo roer, corroer, esmiuçar, esquadrihar dedo a dedo, palmo a palmo, o que este Caderno apresenta em suas crônicas. Desejo, portanto, nesta DISSERTAÇÃO DE MESTRADO **“Caderno Meu Filho: um modo de ser mãe, organizar a família e educar o bebê a partir da escrita de si**, no que for possível, lançar um olhar diferente ao que pensamos sobre maternidade, sobre papéis assumidos e desempenhados pelos seus membros e sobre a educação do bebê por meio de um jornal, prestando atenção ao que tomamos como certo e adequado, não para desmascarar algo que a Modernidade omitiu ou mascarou sobre as famílias e as crianças mas para indicar como os sentimentos, desejos, condutas, afetos, temores desta mulher que se constituiu mulher-mãe se pautam por diferentes discursos que são tomados como legítimos na contemporaneidade.

## 1.2 CADERNO MEU FILHO: ABASTEÇA SUA NAVE E ELA IRÁ LONGE



No que se refere à Coluna Nave Mãe, durante o tempo em que foi publicada na maioria das vezes aparecia na página três.

Nave Mãe é o título da Coluna<sup>6</sup> levada à frente pela jornalista como apontei acima quando escreve sobre si a partir do momento em que vê confirmada a sua gravidez. Suas escritas dizem de si, de sua família, de sua relação com o marido e de como devia ser, agir, fazer, sentir nesta diferente fase de sua vida. Não julgo se o modo como vive a maternidade é o melhor, não cabe, dentro da perspectiva pós-estruturalista, a qual eu me filio, fazer este julgamento. Sabemos que as mulheres se constituem como mães de inúmeros modos e, às vezes, o que serve para uma, não serve para a outra, entretanto, não podemos perder de vista o que sublinha Meyer (2003):

[...] todas as representações de mulher e/ou maternidade produzem sentidos que funcionam competindo entre si, deslocando, acentuando ou suprimindo convergências, conflitos e divergências entre diferentes discursos e identidades; mas são algumas delas que, dentro de determinadas configurações de poder, acabam se revestindo de autoridade científica e/ou transformando em senso comum, a tal ponto que deixamos de reconhecê-las como representações. É assim que **uma** delas passa a funcionar, num determinado contexto sócio-histórico e cultural, como **sendo a melhor ou a verdadeira maternidade** [...] (p. 42) [grifos da autora].

Podemos observar, a partir da interlocução que a jornalista mantém com suas leitoras - e que transcreve em suas Colunas -, que as representações de maternidade que ela constrói são tomadas como uma referência de experiência materna. Essa referência poderá ser percebida como sendo “o melhor modelo”. Tanto os seus textos, quanto o logotipo da Coluna fazem parte desta constituição materna, e vemos em ambos que a mulher-mãe está representada como a grande responsável pela educação e cuidado da filha.

O logotipo era facilmente reconhecido e dizia muito do propósito da jornalista: ao dividir com as leitoras como viveu a gestação e como educava Sofia, sua filha, ela ensinava **um modo** (o seu modo) de ser mãe a outras mulheres. O que me reporta a Wortmann (2010), quando reflete sobre os estudos de Giroux sobre as produções culturais e afirma que tais produções:

---

<sup>6</sup> O nome Coluna é oriundo da diagramação feita em formato de coluna nos jornais em textos que não são informativos. Embora atualmente as colunas não sejam obrigatoriamente veiculadas em diagramação vertical, a Coluna Nave Mãe sempre apresentou esta formatação. A colunista não precisa ser necessariamente jornalista e a linguagem apresentada é em forma de crônica. Neste texto usarei o vocábulo colunista, cronista e jornalista como sinônimos, pois Tanise Sirotsky Dvoskin Dutra, responsável pelas crônicas da Nave Mãe, desde quatro de agosto de dois mil e oito até vinte e sete de dezembro de dois mil e dez, tem formação em jornalismo.

[...] não apenas produzem entretenimento ou notícias desinteressadas, mas operam na produção de identidades, bem como na produção de legitimações dos saberes, mesmo que os efeitos de suas produções não sejam os mesmos para todos(as) aqueles(as) com os(as) quais essas interagem [...] (p. 111).

Cada leitor/a de algum modo poderá ser capturado/a pela imagem que remete a Coluna, ou seja, a figura de uma pequena Nave pilotada por uma criança; para que ela pudesse ser independente e ter autonomia para andar sozinha, fazer escolhas apropriadas e certas para si mesma era necessário que sua educação e conduta tivessem uma “correta direção da família”. Isto é, a família deve tomar para si o “bom” governo dessa criança.<sup>7</sup> Kant (1986), ao pensar a educação das crianças, já assinalava que ‘devemos provar a ela [criança] que o controle lhe é imposto para que ela possa, no devido tempo, usar sua liberdade corretamente, e que sua mente está sendo cultivada para que ela possa, um dia, ser livre; isto é, independente da ajuda dos outros’ (apud DONALD, 2000, p. 68). Não por acaso que a fumaça emitida pela Nave a identifica como sendo da Mãe, embora seja pilotada por uma criança que se mostra feliz, mesmo que sozinha.

A imagem da Nave e o discurso da Psicologia do Desenvolvimento e seus pressupostos parecem se complementar, ambos se fundem, ou seja, o propósito de construir uma criança independente, autônoma e livre. Em prol da construção desta criança a família e a escola devem trabalhar. Em uma das Colunas, a jornalista publica o que sua mãe escreveu sobre a educação que sua neta está recebendo nos indicando que a verdadeira educação se desenvolve a partir das vivências, experiências e diálogo e que em virtude disto o eixo emocional se fortalece.

**Minha filha querida. [...] Tu e o Rafael estão dando uma verdadeira educação à Sofia. É através de vivências, de experiências, do diálogo que nosso eixo emocional vai se solidificando** (CADERNO MEU FILHO, 22/6/2009). [grifos meus].

Afirma assim que confiança em si próprio e segurança devem ser desenvolvidas no bebê para que, mais tarde, longe da condução da família, pilote a nave sozinha. Essa educação que faz do bebê e da criança um futuro indivíduo dono

---

<sup>7</sup> No caso das crônicas analisadas, mostrarei o quanto a jornalista vai constituindo-se de diferentes modos mulher-mãe, mas temos vários indicativos de que ela acaba sendo a grande responsável pela educação de sua filha. Mulher-mãe-cuidadora estará cindido na sua constituição em todos os momentos.

de si, seguro e que saberá fazer escolhas certas é um longo caminho atravessado por muitos sentimentos, vividos pela jornalista, desde o momento em que descobre a gravidez e que após o nascimento de sua filha se acentuam, tal qual ela escreve no momento do desmame.

Li que, segundo Freud, o bebê não se separa subjetivamente da mãe quando nasce. A verdadeira separação ocorre no momento do desmame. Por isso, o bebê precisa continuar muito próximo da mãe para que esteja preparado para essa separação. O objeto que satisfaz o bebê, o seio, é primeiramente percebido como fazendo parte dele mesmo, e o desmame será para ela como perder uma parte de si mesmo. [...] A verdade é que esse meu sentimento 'desconfortável' deve ter algum significado a mais que não estou conseguindo entender. Culpa? Separação? Saudade? Medo? (CADERNO MEU FILHO, 05/10/2009).

Se não consegue definir ao certo os sentimentos no processo do desmame, o mesmo não ocorre ao pensar na responsabilidade da família frente ao investimento que deverá fazer em relação ao desenvolvimento infantil, mostrando-se imperativa ao afirmar que as escolhas acertadas, a confiança em si e a segurança que os filhos desenvolvem dependem integralmente do investimento da família.

Se botamos filhos no mundo temos a obrigação de mostrar todos os caminhos para que eles venham a fazer as melhores escolhas na vida. Precisamos investir no desenvolvimento infantil pensando na construção de um adulto confiante em si próprio e muito feliz (CADERNO MEU FILHO, 09/11/2009).

A imagem da Coluna é ratificada constantemente na escrita de si da jornalista a partir do forte discurso da psicologia que afirma que, para a autonomia se desenvolver, é necessário “[...] também mais governo (no sentido de controle da conduta) [...]” (SILVA, 1998, p. 8).

Ó (2009) aponta que a Psicologia muito recentemente passou a ocupar e se afirmar como a ciência da alma humana. Isso, segundo o autor, ocorreu no final do século XIX, a partir de inúmeras investigações que procuravam dissecar “o corpo e a alma da criança, até a constituir como um ator social distinto e individualmente diferenciado” (p. 39). Walkerdine, a partir dos estudos de Foucault, pretende “[...] demonstrar que a Psicologia do Desenvolvimento está fundamentada num conjunto de asserções de verdade que são historicamente específicas, não sendo a forma única ou necessária de compreender as crianças [...]” (1998, p. 144).

A imagem da Coluna Nave Mãe está atravessada por um forte discurso da Psicologia que é disseminado pela jornalista e mostra-se produtivo, porque “[...] seus efeitos positivos estão em sua produção das práticas de ciência e de pedagogia” (WALKERDINE, p. 157). Cunha, (2005b) esclarece que a cultura visual

[...] reflete e analisa como o universo visual - aquilo que se vê - e a visualização - os modos de ver e as tecnologias de visão – estão nos constituindo. [...] a Cultura Visual se preocupa em como as imagens são produzidas, distribuídas e utilizadas socialmente, como uma prática cultural que produz e negocia significados [...]” (p. 30).

Mirzoeff (2003) afirma: “ver é mais importante que crer. Não é uma parte da vida cotidiana, mas a vida cotidiana em si mesma” (apud CUNHA, 2005a, p. 45). Se, como o autor afirma, ver é mais importante que crer, a imagem da Nave Mãe afirma e dissemina as premissas do discurso da Psicologia do Desenvolvimento quais sejam: criança autônoma, livre, independente, dona de si, moralmente capaz e determinada, que a partir da educação emancipatória recebida tem plenas condições de pilotar a nave, tal qual a imagem ensina. Berger (1999) sublinha “[...] a maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos” (p. 10).

Em outras crônicas, a imagem e a escrita de si da jornalista se cruzam apoiando-se em um mesmo discurso. Ao se engajar na campanha “Crack Nem Pensar”, lançada pela RBS, a jornalista escreve:

Tudo começa em casa, trato aqui do assunto para que os pais se dêem conta que é desde cedo que temos que educar e preparar nossos filhos para o mundo. Que bom seria se pudéssemos estar sempre junto a eles em todos os momentos da vida. [...] Mas tem coisas – muitas coisas – que eles vão ter de escolher sozinhos. [...] E é aí que o nosso papel é fundamental. [...] Mas vai ser pela forma como sempre conversamos com eles que eles vão fazer as escolhas acertadas. Por isso penso que o mais importante é o diálogo. [...] Acredito que conversando, explicando sempre a verdade, com transparência, seja a melhor maneira de passar os nossos valores aos nossos filhos (CADERNO MEU FILHO, 1/6/2009).

Tudo começa em casa, afirma a colunista, e lembra que os seus pais sempre mantiveram com ela uma relação aberta e, em virtude disso sentia-se livre para falar sobre qualquer assunto com eles e pretende fazer o mesmo com sua filha. Na mesma Coluna escreve ainda: “Sempre contei tudo para eles e tive a liberdade de

perguntar sobre as minhas mais variadas dúvidas. E assim pretendo ser com minha filha (com meus filhos, se Deus quiser).”

Acreditando que o espaço de liberdade e o diálogo que tinha com a família lhe prepararam para viver no mundo permitindo-lhe fazer escolhas acertadas, a jornalista reproduz e difunde a ideia de que ter liberdade para discutir qualquer assunto dentro de casa é fundamental para o sucesso na educação dos/as filhos/as. Ela complementa, afirmando que essa liberdade e esse diálogo devem ser acompanhados de uma atitude enérgica do/da pai/mãe. Podemos entender esta afirmação como a entrada do pronome **Meu** (a mãe e o pai) na alma do/da **filho/a**, como sugere o logotipo do Caderno: “o importante é sermos enérgicos o suficiente para que, mesmo à distância, eles se lembrem do que ouviram de nós.” Portanto, a partir do analisado, tudo indica que podemos pensar que, para o/a filho/a pilotar a Nave no rumo certo, é necessária a constituição de uma mãe que promova e garanta um espaço de liberdade em casa, no qual a criança possa se sentir segura e confiante para expor dúvidas, temores e, com isto, fazer escolhas de modo autônomo e seguro para a sua vida. Também é possível pensar que a mãe deve ser alguém aberta para permitir que o/a filho/a traga diversos assuntos, independente do teor evocado nesses assuntos.

Para esquadrihar esses temas, entrei na Nave Mãe do Caderno Meu Filho para a minha viagem. Embora eu tenha me preparado e organizado esta viagem desde o meu ingresso no Mestrado, em 2009, ela tomou um rumo muito diferente do que eu previra inicialmente. Este rumo foi, em grande medida, alterado, quando qualifiquei o Projeto, e a banca apontou outras possibilidades, fazendo-me ver que eu poderia realizá-la retomando, revendo e mudando o itinerário. O curso da viagem também mudou com o apoio e a partir da leitura que realizei da instigante Tese de Doutorado de Leni Vieira Dornelles, *Meninas de Papel* (2002). A análise que Dornelles faz da “produção das meninas na prática discursiva e não discursiva das revistas” serviu-me de inspiração para esta Dissertação.

Como leitora e colecionadora do Caderno Meu Filho reuni, todos os exemplares que datavam de 04 de agosto de 2008 a 27 de dezembro de 2010. Ao fazer isso, percebi que me faltavam alguns, o que exigiu que eu fosse até o arquivo de Zero Hora para completar o material da pesquisa. De posse de todos, eu tinha um total de cento e vinte e seis Colunas para análise, contudo, ao retomar as

leituras percebi que deveria fazer um recorte e escolher um tema para o estudo. Não desejava perder de vista o texto inicial da colunista, por que foi ele quem me tomou por completo e me fez desejar ler as demais Colunas numa curiosidade sem fim para ver como seria a mudança na vida da jornalista e a produção de sua maternidade.

Desta forma, optei por tratar do período no qual a colunista escreveu sobre a gestação até o parto e as implicações deste período, e sobre o primeiro ano de sua filha, reduzindo o material empírico. Foram vinte e dois exemplares do ano de 2008, cinquenta e dois, do ano de 2009 e onze, de 2010, num total de oitenta e cinco Cadernos. Para ficar muito próxima e apropriada dos textos da jornalista, decide digitar todas as Colunas. Apesar do tempo que demandou esta forma de registro, ao fazer este trabalho, fui percebendo que alguns assuntos eram muito recorrentes. Com isso, passei a apontar, em um quadro, quais eram as recorrências e quais os discursos que se sobressaíam nas Colunas. Com o vai e vem das leituras e digitação, fui assinalando, grafando, colorindo, nos textos que eu produzia, os cruzamentos ou distanciamentos dos discursos e fazendo referências aos estudos que eu havia realizado, apontando bibliografias. Quando conclui a digitação, sem ter planejado anteriormente, já tinha definido os capítulos e as seções da Dissertação, produzindo outro Caderno, chamado **Caderno Meu Filho: um modo de ser mãe, organizar a família e educar o bebê a partir da escrita de si**, entretanto, percebi que, ao fazer as relações entre as Colunas, havia deslocado inúmeras vezes alguns excertos e isso foi um dos problemas que julgo poder esclarecer ao leitor e leitora. Ao longo da pesquisa, determinados excertos das Colunas se repetem; em alguns momentos num mesmo capítulo, em outros, em capítulos diferentes. Isto ocorreu pela fecundidade e desdobramento que produziu a análise das Colunas e pela possibilidade e amplitude a que se prestaram.

Com o **Caderno Meu Filho: um modo de ser mãe, organizar a família e educar o bebê a partir da escrita de si**, faço a análise da Coluna Nave Mãe como um manual atualizado que ensina mulheres a constituírem-se como mães, a partir da escrita de si ou das confissões de uma jornalista que escreve sobre sua vida, mostrando como ela vislumbra e compreende um modo ideal de viver a gravidez, educar a sua filha, formar sua família. Além do meu material empírico, abasteci a Nave com a minha caixa de ferramentas, que me possibilitou olhar para as Colunas

para entender que esta constituição de maternidade, criança, papéis exercidos pelo pai, mãe, filho/a, avó, avô, como diz o excerto que abre esta Dissertação, é arbitrária, específica e contingente. Para isso, me apoiarei nos Estudos Culturais e nos conceitos de saber-poder, subjetividade, governo, desenvolvidos por Michel Foucault (1999; 2000; 2006; 2008a; 2008b; 2008c; 2009). Também buscarei me apoiar em estudiosas/os, que pensam, usam, escrevem, produzem a partir dos Estudos culturais e/ou Michel Foucault, entre as/os quais: Leni Vieira Dornelles (2002; 2008; 2010), Alfredo Veiga-Neto (2007), Maria Isabel Edelweiss Bujes (2002; 2010), Tomas Tadeu da Silva (1998, 2008), Susana Rangel Vieira da Cunha (2005; 2010), Mariene Jaeger Riffel (2005), Jorge Larrosa (2000, 2008), Nikolas Rose (1979; 1998; 2001), Rosa Maria Bueno Fischer (1996; 2004; 2006; 2010), dentre outros/as.

### 1.3 AS ESCRITAS DE SI: CONSELHEIRA PARA O TEMA 'MÃE'

Na Coluna Nave Mãe, a autora saúda as leitoras, na sua primeira participação no Caderno Meu Filho, escrevendo:

É incrível como um risquinho a mais no teste muda totalmente a nossa vida. Meu marido e eu resolvemos parar com o anticoncepcional na volta da lua-de-mel. [...] todo mundo falava que, quando se quer engravidar, a primeira coisa a fazer é não pensar no assunto. Quanto mais a gente quer, mais difícil é conseguir. Como queríamos muito, imaginávamos que levaria pelo menos seis meses (CADERNO MEU FILHO, 04/8/2008).

Falando de si, escreve sobre a longa preparação que desenvolveu para a maternidade, os sentimentos que experimentou durante a gestação, as mudanças em sua vida, as dúvidas, os temores, as alegrias, o carinho que recebeu de seu marido, a ansiedade e expectativa que sentia para a chegada de seu bebê. Fala do envolvimento e a forte união de sua família em torno da chegada de sua filha, as primeiras aprendizagens como mulher-mãe e de Sofia, sua filha, os sustos, enfim, como viveu a maternidade.

Em uma única Coluna, dirigiu sua escrita, em forma de recado, ao homem-pai: “Então, papais, não esqueçam que o apoio de vocês é fundamental neste momento importante. Não deixem de estar junto de suas mulheres e saibam que,

quanto mais protegidas nos sentirmos, melhor para os nossos filhos” (CADERNO MEU FILHO, 21/09/2008). Em todas as demais Colunas compartilhou com as leitoras como viveu e aprendeu sobre a maternidade e, ao fazer isso, ia mostrando, um tipo de organização que incidia sobre cada sujeito de sua família. Com isso, ia indicando as formas esperadas de cada um, a importância de cada pessoa, a representação da chegada de sua filha para ela, seu marido e os demais membros da família.

A partir de sua escrita, a cronista acentuava de modo forte e imperativo a importância da mãe na vida da criança – tanto por tê-la no ventre, como por amamentá-la nos primeiros meses de vida, e apontava o pai, como o Outro (também importante) na vida de sua filha. Ela escreve: “Embora seja inquestionável que só as mulheres podem engravidar, é verdade, também, que os homens ficam ‘grávidos’. Por isso, hoje vou falar sobre o **outro responsável** pela gestação da Sofia, o Rafael” (CADERNO MEU FILHO, 21/9/2008). [grifo meu].

Ao escrever de si, parece-me que a jornalista tinha em vista a captura das famílias para o como melhor conduzir a conduta dos/das filhos/as, e é justamente nisto que reside o meu olhar, a partir do que nos lembra Foucault (2006), quando trata do poder pastoral que, segundo o filósofo, é um poder que pensará as técnicas destinadas a dirigir continua e permanentemente a conduta dos indivíduos. “O problema pastoral concerne à vida dos indivíduos” (p. 366).

Foucault, ao estudar a emergência dos Estados Modernos, aponta que se desenvolveram diferentes relações econômicas e sociais, vinculadas às novas formas de governar necessárias a esta emergente razão de Estado, que organizava e pensava o poder sobre a vida da população e dos indivíduos. Estas duas formas de pensar o poder sobre a vida que não se opõem, mas que se complementam, desenvolveram estratégias de governar e conduzir a vida do indivíduo através de procedimentos disciplinares e de inúmeros controles, intervenções e regulações sobre a população. “As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolve a organização do poder sobre a vida” (FOUCAULT, 1999a, p. 131).

Estudando a passagem da pastoral das almas ao governo político dos homens, Foucault (2008) afirma que há uma grande intervenção e intensificação do pastorado religioso sobre a vida das pessoas ao longo do século XVI. Também

nesse século acontece o desenvolvimento da condução da conduta dos homens, fora da ordem religiosa, abrindo um grande leque de questões sobre a condução da conduta: “[...] como se conduzir? Como conduzir a si mesmo? Como conduzir os filhos? Como conduzir a família?” (p. 308).

Bujes (2002) assinala, a partir de Foucault, que

o **jogo do pastor** constitui uma herança de formas peculiares de relação entre o senhor e seu servo, entre religiosos e seus fiéis, entre o pai e sua família, entre o mestre e seus discípulos. Cada um desses ‘governantes’ zela pelo rebanho mais diretamente pela ação do ‘olhar’ (p. 76). [grifo da autora].

Tomando como foco essas questões, ao que tudo indica, podemos vislumbrar na análise da Coluna Nave Mãe um modelo vivido pela jornalista de sua maternidade. Donald, (2000) ao comentar Foucault, afirma que: “os modos pastorais de **poder** exigem, como pré-condição um certo grau de **autonomia**” (p. 82). [grifos do autor].

Por outro lado, mostra, ao longo de suas Colunas, o quanto o discurso médico a move a cuidar de si. Ela é livre e autônoma para decidir como viver a maternidade. Ela escolhe ler livros, ouvir conhecidos, mas quem garante segurança a ela é o seu obstetra; portanto essa liberdade é contingente, a partir daquilo que é produzido e legitimado pelo que é considerado como verdadeiro. Foucault (2000) afirma que:

[...] cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns de outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (p. 12).

Para dar conta sobre o que funciona como verdadeiro, a jornalista mostra como, a partir de uma série de cuidados, exames minuciosos e rotineiros e controle alimentar, ela garantirá saúde para si e para o seu bebê. Demonstra o quanto confia e é produzida pelo discurso médico, quando coloca que:

Durante nove meses, muito mais do que lermos nos livros ou ouvirmos de conhecidos, precisamos ter a liberdade de poder consultar os nossos obstetras sempre que tivermos dúvidas. Por isso, a necessidade de ter

**confiança absoluta neles** (CADERNO MEU FILHO, 08/9/2008). [grifo meu].

### 1.3.1 Da Nave Mãe como *blog*

Concomitante ao seu trabalho como cronista no jornal, a jornalista mantinha um *blog*<sup>8</sup> (O *blog*<sup>9</sup> estava no site de Zero Hora, no *Dona online* e no *Vida Feminina*). Mesmo que não seja foco deste estudo, acredito trazer à baila da discussão a expansão ou atualização da Coluna, quando faz uso daquilo que Simon (apud WORTMANN, 2010) enuncia como **tecnologia cultural**, quando se refere “a esses variados conjuntos de arranjos e de práticas institucionais no interior dos quais várias formas de imagens, sons, textos e discursos são construídos e nos são apresentados” (p. 112). Fazendo uso do *blog* como uma tecnologia cultural, a jornalista estabelecia uma intensa conversa com suas leitoras que, segundo ela própria, tinha uma repercussão imediata junto às usuárias que sinalizavam o que achavam dos seus textos. Em algumas ocasiões, o assunto de sua escrita na crônica surgia a partir do seu *blog*.

Vejamos o que a jornalista escreve quando publica as respostas de algumas blogueiras, ao se intitular “uma espécie de conselheira para o tema ‘mãe’”.

(Jornalista) Vocês não imaginam o número de mensagens que entram em minha caixa de e-mails todos os dias. São perguntas sobre os mais variados assuntos relacionados à maternidade. Graças a este espaço, me tornei **uma espécie de conselheira para o tema ‘mãe’**. Dos enjôos do início da gravidez à culpa na hora de sair de casa. Como é quase impossível responder a todos os mails, resolvi que uma vez por mês vou publicar perguntas – com as respostas, claro – aqui na coluna. **Assim estarei ajudando muito mais gente, pois a dúvida de uns muitas vezes é igual a de outros.**

(Leitora) Tenho dois filhos, um de três anos e nove meses e um de 21 dias. **Gostaria que você me desse algumas dicas** de como voltar logo à forma, pois engordei 10 quilos. Sabe aquela barriguinha que fica após o parto? Tem alguma dica pra sair o mais rápido possível? (Patrícia Dalla Lana)

(Jornalista) Oi Patrícia, quando perguntei ao meu obstetra quanto tempo eu levaria para retornar ao corpo de antes da gravidez, ele respondeu ‘Quanto

<sup>8</sup> Não tenho como objetivo fazer uma análise do *blog* da jornalista. Ele é citado porque, a partir da comunicação que a cronista estabelece com as blogueiras, ela escreve algumas de suas crônicas. Friederichs, (2009) em sua Dissertação de Mestrado, intitulada *Mulheres ‘on line’ e seus diários virtuais: corpos escritos em blogs*, analisa a escrita de cinco *blogs* e, a partir do estudo que empreende, ela percebe que as escritas são produzidas por cinco mulheres que mostram uma forma de ser e estar no mundo.

<sup>9</sup> [www.Donna.Zerohora.Com.Br/Navemae;](http://www.Donna.Zerohora.Com.Br/Navemae;)  
[Tanise.Dvoskin@Rbstv.Com.Br](mailto:Tanise.Dvoskin@Rbstv.Com.Br)

[www.Vidafeminina.Com.Br/Navemae;](http://www.Vidafeminina.Com.Br/Navemae;)

tempo sua barriga levou para crescer?’ Ou seja, milagre não existe. A amamentação ajuda muito a emagrecer. Mas lembre-se que a preocupação agora é com a saúde do bebê, então regimes muito rigorosos estão proibidos. **Uma dica que funcionou para mim foi o uso das cintas elásticas. Usei desde quando saí da maternidade e minha barriga voltou bem rápido** (CADERNO MEU FILHO, 23/3/2009). [grifos meus].

(Leitora) Acompanho-te desde o início de minha tão esperada gravidez, já que levei dois anos para receber o resultado positivo. Optei por deixar meu toquinho na creche no término da licença. Visitei algumas e, por enquanto, a que mais me agradou foi aquela que tive boas referências. **Como a gente fica apreensiva, seja com creche ou babá, gostaria de saber a tua opinião** (Denise Ribeiro, Sapucaia do Sul).

(Jornalista) Oi Denise, para deixarmos nossos filhos em uma creche ou com a babá, precisamos ter confiança 100% numa ou na outra, com referências e informações sobre o trabalho feito. Se o seu filho for ficar o dia todo sozinho com a babá, talvez a creche possa ser mais proveitosa para ele, pois lá ele vai conviver com outros bebês e ter ainda mais assistência. Mas se você trabalhar só um turno, por exemplo, e tiver alguém da família para ficar em casa junto com a babá e seu filho, aí a babá pode ser a melhor opção. O que deixar você mais segura certamente será o melhor para seu bebê (CADERNO MEU FILHO, 20/4/2009). [grifos meus].

(Leitora) **Te escrevo para tirar uma dúvida cruel: como tu aplicaste o método do livro Os Segredos de Uma Encantadora de Bebês, de Tracy Hogg, com a Sofia desde o início?** Como era tua rotina com ela nas primeiras semanas? Acordava ela de três em três horas de dia para não dormir muito? E, à noite, a que horas colocava ela no berço? E as mamadas, deixava em livre demanda ou estabeleceu horários? Queria um parâmetro para adaptar a Betina. **Meu marido diz que ela é muito novinha para seguir tantos horários, e que temos de deixar o tempo ir mostrando o que deve ser feito.**

(Jornalista) **Eloise, comigo foi o contrário. Eu que achava que a Sofia era muito novinha para seguir horários, e meu marido que quis botá-la na rotina da Encantadora de bebês. Mal ou bem, deu certo.** Acordávamos ela durante o dia para as mamadas a cada três horas. No primeiro mês, ela mamou de três em três horas também durante a noite. Depois, com dois meses, começamos tirando a mamada da meia-noite. Mais adiante, cortamos também a mamada das três da manhã. Tudo sempre com orientação da pediatra (CADERNO MEU FILHO, 08/6/2009). [grifos meus].

Podemos perceber, através das perguntas das *blogueiras* e das respostas da jornalista, o cruzamento de algumas preocupações concernentes à vida das mulheres na atualidade (voltar à forma após a gravidez, onde deixar o bebê ao término da licença maternidade, rotina do bebê nas primeiras semanas de vida, sobre a amamentação, aplicação do método da Encantadora de Bebês). As respostas da jornalista mostram como as práticas da sua vida se pautam por saberes oriundos do discurso da medicina (em especial da obstetrícia e pediatria), da psicologia, da pedagogia, entre outros. Essas práticas, como sublinha Meyer (2000), se tornam inteligíveis, se expressam e se concretizam nas experiências da

jornalista quando vive, sente e age como mulher-mãe, mostrando como vem construindo e regulando a sua conduta a partir de diferentes discursos.

A sua participação no jornal Zero Hora, assim como no *blog* encerraram-se em 27 de dezembro de 2010. Neste mesmo ano, no dia 9 de novembro, ela lançou o livro *Nave Mãe – Da descoberta da gravidez ao primeiro ano do bebê*.

#### 1.4 NAVE MÃE/MÃE NA RODA: O TEMPO DA GRAVIDEZ COMO PREPARAÇÃO PARA A MATERNIDADE

Ao finalizar algumas crônicas, a jornalista apresentava o espaço chamado **Mãe na Roda**, onde constavam sugestões de livros, *sites* e dicas que procuravam validar a sua escrita. O **Mãe na Roda** sempre estava relacionado ao que escrevia, indicando em vários momentos um passo a passo de como a mamãe deveria agir com seu/sua filho/a. Este espaço funcionava como um manual atualizado e resumido que se prestava a guiar, ensinar e educar sua leitora. Ao falar sobre a proximidade do seu parto, da despedida da gestação e escrever que o quarto de sua filha estava pronto, ela mostrava sobre como deveria ser, por exemplo, o quarto ideal de um bebê.

O quarto do bebê.

Cores – os tons pastel dão mais tranqüilidade. Os brinquedos podem ter cores vivas. Mas em excesso podem perturbar a criança. Berço – O estrado tem de ser regulável na altura. Conforme o bebê cresce, deve-se abaixá-lo.

Bichos de pelúcia – Quanto menos, melhor. Para limpá-los, é preciso passar o aspirador toda semana com água e sabão uma vez por mês.

Piso – O de vinil é indicado por não acumular pó. Os tacos atraem sujeira para seus vãos e o tapete junta muita poeira.

Trocador – Alguns têm borda de proteção, mas na troca não dá para vacilar. As mães e pais devem deixar tudo à mão, pois os bebês podem, num descuido, virar e cair. Fonte: site [www.bebe.com.br](http://www.bebe.com.br) (CADERNO MEU FILHO, 08/12/2008).

Do quarto à hora do parto como aparece nas crônicas do jornal, o constituir-se mulher-mãe, a maternidade tem sido alvo de inúmeros estudos, análises, debates, programas de TV, políticas públicas. Várias publicações na mídia impressa

circulam e tratam sobre a maternidade. Santos<sup>10</sup> (2009) faz a análise do livro *A vida do Bebê*, escrito por Rinaldo De Lamare. O livro é um volumoso manual de puericultura e infância que, segundo a autora, “promove/promoveu biopolíticas dirigidas às mães para o desenvolvimento de infâncias saudáveis e normais” (p. 17). A jornalista, após concluir sua crônica, que também tomo como uma espécie de manual, sugere dicas que incluem informações sucintas sobre cuidados com o corpo e a saúde, indicações de bibliografias, sugestões de *sites* que estejam relacionados ao tema gravidez. O **Mãe na Roda** funciona, também, como um manual resumido de fácil entendimento. Durante o tempo de gravidez, de 04 de agosto a 22 de dezembro de 2008, foram publicadas vinte e uma colunas; destas, o **Mãe na Roda** circulou dezoito vezes complementando e ratificando a escrita de si da jornalista. Os assuntos do **Mãe na Roda** estavam diretamente relacionados ao seu texto e eles, parece-me, apresentavam um caráter educativo e preparatório.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Cláudia Amaral dos Santos, na Tese intitulada *Toda boa mãe deve... governo das maternidades para a constituição de infâncias saudáveis e normais*, lista inúmeras publicações de livros, revistas que funcionam como manuais porque “desempenham uma função pedagógica à medida que ensina a mães e pais como agir com suas filhas e seus filhos [...]” (p. 17).

<sup>11</sup> Vejamos os assuntos do *Mãe na Roda*:

- **Cuidados importantes para gestantes e futuras mães.** Fonte: João Steibel, obstetra (CADERNO MEU FILHO, 04/8/2008).
- **Dicas para reduzir os enjoos na gravidez.** Fonte: Sylvania Gracie, nutricionista obstetra (CADERNO MEU FILHO, 11/8/ 2008).
- **Sugestões de livros para ler durante a gravidez** (CADERNO MEU FILHO, 18/8/2008).
- **Conheça as atividades mais indicadas na gravidez. Todas devem ser feitas sob orientação de um professor.** Fonte: Thaís Carneiro, professora de Educação Física (CADERNO MEU FILHO, 25/8/2008).
- **Saiba mais sobre toxoplasmose.** Fonte: Dr. Valentino Magno, obstetra (CADERNO MEU FILHO, 01/9/ 2008).
- **A importância dos ultra-sons - Quatro exames são suficientes para a gestante, desde que tenham resultado normal.** Fonte: Dra. Patrícia Soares de Oliveira – médica especialista em radiologia (CADERNO MEU FILHO, 08/9/ 2008).
- **Nos sites abaixo você encontra listas completas do que não pode faltar no enxoval do bebê** (CADERNO MEU FILHO, 15/9/ 2008).
- **Como ser um pai presente desde a gravidez** (CADERNO MEU FILHO, 21/9/ 2008).
- **O sexto mês de gestação.** Fonte: livro ‘A grávida e o Bebê de Dr. Rinaldo de Lamare e Dr. Simão Costovsky (CADERNO MEU FILHO, 29/9/2008).
- **Como preparar seu cão para a chegada do bebê. - 04 dicas sobre como preparar o cachorro para a chegada da criança** (CADERNO MEU FILHO, 06/10/ 2008).
- **Recomendações na hora de viajar com seu filho. Dicas do que levar ou fazer com o bebê em uma viagem** (CADERNO MEU FILHO, 13/10/ 2008).
- **O que você deve fazer no sétimo mês. Dicas de descanso, alimentação, calorías e viagem.** Fonte: livro *A Agenda da Gravidez, ...* (CADERNO MEU FILHO, 27/10/ 2008).
- **A lista da maternidade – O ideal é preparar a mala da maternidade no início do oitavo mês de gestação para não ser surpreendida. O que não pode faltar** (CADERNO MEU FILHO, 03/11/2008).
- **O oitavo mês.** Fonte: livro *O que Esperar quando Você Está Esperando* (CADERNO MEU FILHO, 24/11/ 2008).
- **Para ajudar a evitar o cansaço.** Fonte: livro ‘A grávida e o Bebê’, de Dr. Rinaldo de Lamare e Dr. Simão Coslovskis (CADERNO MEU FILHO, 01/12/2008).
- **O quarto do bebê.** Fonte: site [www.bebe.com.br](http://www.bebe.com.br) (CADERNO MEU FILHO, 08/12/2008).

É importante observar que nos Cadernos de 1/6/2009, 6/7/2009, 19/10/2009, são apresentados depoimentos de cinco mulheres-mães e um homem-pai. O Caderno, como já escrito acima, é endereçado às mulheres e sobre isso Riffel (2005) trata quando discute a participação e o envolvimento da família, principalmente do pai no período gestacional. Chama atenção quando se trata da ordem de endereçamento para a mulher e os programas a ela destinados no que se refere à maternidade:

Abrangendo tão amplamente aspectos da vida e da economia, toma a sexualidade feminina e seus aspectos reprodutivos como estratégia para atingir a sociedade. Tal pensamento ocorre pelo simples fato de que mesmo que não sejam todas as mulheres que gerem filhos, todas as crianças são geradas por mulheres. Assim, as mulheres devem ser instrumentalizadas para a educação e o cuidado de si mesmas e de seus filhos, de maneira que não se possa mais definir qual sua “origem”: se a mulher que gesta e é educada para sua gestação e para o cuidado e educação de seu filho desde o nascimento, ou se a criança que desde seu nascimento é educada para ser de determinada maneira em relação ao cuidado consigo e com a sociedade [...] (p. 151).

No que se refere à Coluna, é interessante observar que o tempo de gravidez, como na citação acima, é um tempo preparatório, portanto nela este tempo é organizado como um manual resumido, ou uma forma de atualização dos antigos

---

- **O que você deve fazer no nono mês.** Fonte: A agenda da gravidez, Dra. A. Christine Harris (CADERNO MEU FILHO, 15/12/2008).

Após a gestação de 29 de dezembro de 2008 a 28 de dezembro de 2009, foram publicadas cinquenta e três colunas e nestas, em apenas 12 circulo o espaço Mãe na Roda, ratificando a escrita da jornalista, com os seguintes assuntos:

- **Como escolher o pediatra** (CADERNO MEU FILHO, 12/01/2009).
- **A dieta ideal no aleitamento.** Fonte: livro O que esperar Quando Você Está Esperando (CADERNO MEU FILHO, 19/01/2009).
- **Por que alimentar com leite materno.** Fonte: *Unicef* (CADERNO MEU FILHO, 02/02/ 2009).
- **Conheça o método da Encantadora de Bebês. São ciclos que se repetem durante o dia.** Fonte: livro ‘Os Segredos de uma Encantadora de Bebês’, de Tracy Hogg (CADERNO MEU FILHO, 09/02/ 2009).
- **A etiqueta para visitar recém-nascidos.** Fonte: Livro Boas Maneiras de A a Z, de Célia Leão (CADERNO MEU FILHO, 16/03/ 2009).
- **Como estimular o bebê a falar desde cedo.** Fonte: Guia de Pais Johnson’s Baby (CADERNO MEU FILHO, 30/3/2009).
- **O que é um bebê índigo?** Fonte: Divaldo Franco, médium (CADERNO MEU FILHO, 25/5/2009).
- **Dicas para viajar com seu bebê.** Fonte: babycenter.com (CADERNO MEU FILHO, 15/ 6/ 2009).
- **O bebê de seis meses.** Fonte: [www.linkdobebe.com.br](http://www.linkdobebe.com.br) (CADERNO MEU FILHO, 29/6/2009).
- **O que deve constar no ‘diário da amamentação’ para controlar as mamadas.** Fonte: *Os Segredos de Uma Encantadora de Bebês, Tracy Hogg* (CADERNO MEU FILHO, 24/8/2009).
- **Como fazer o desmame do jeito certo.** Fonte: Revista Crescer (CADERNO MEU FILHO, 05/10/ 2009).
- **Onde o bebê deve dormir.** Fonte: Tracy Hogg, autora de os Segredos de uma Encantadora de Bebês (CADERNO MEU FILHO, 26/10/2009).

manuais<sup>12</sup>. A produção de manuais destinados a conduzir a conduta de mulheres-mães data de algum tempo. Rousseau, em 1762, publica **Emílio ou Da Educação**<sup>13</sup>, uma obra dedicada a ensinar as mulheres de seu tempo a constituírem-se como mães a partir das possibilidades sociais, econômicas e políticas exigidas naquele momento histórico. Rousseau olhava para a educação dirigida às crianças com desconfiança e descrença. Entendia que as mulheres-mães eram as responsáveis pela educação das crianças, tanto assim que no Livro I, ele escreve: “É a ti que me dirijo, terna e previdente mãe [...]”(ROUSSEAU, 1999, p. 7). O autor explica que “a primeira educação é mais importante e cabe incontestavelmente às mulheres” (p. 7).

Postmann (2008), ao escrever sobre alguns efeitos da prensa tipográfica, assinala que havia novas coisas para se falar e fazer e elas estavam nos livros. Um dos livros que o autor aponta é o *The Boke of Chyldren*, de Thomas Phaire, publicado em 1544. Este é considerado o primeiro livro de pediatria escrito por um inglês (contudo, Paolo Bagallardo já havia publicado em 1498) em forma de manual.

A Coluna Nave Mãe, tomada como um pequeno manual, que de algum modo ensina como as mães devem viver a maternidade e educar seus/suas filhos/as ensina sobre a gravidez e sugere que seja um tempo de preparação e organização para evitar desassossegos após o nascimento de sua filha. Com isso, ao longo de suas escritas, a autora vai apontando no que consiste esse preparo mostrando-o passo a passo às suas leitoras. Em diferentes momentos, isto fica visível na sua escrita.

Cinco horas da manhã. Às vezes, às seis. O despertador nem tocou, e eu acordo com fome, fome de sucrilhos com leite. Além deste alimento que se tornou indispensável na minha gravidez, **acredito que estou sendo preparada desde já para levantar cedo** (CADERNO MEU FILHO, 27/10/2008). [grifo meu].

---

<sup>12</sup> O Mãe na Roda foi apresentado como um manual para educar e ensinar mulheres-mães, com assuntos ligados à gestação: 81,81% das suas publicações foram durante o período de gravidez da cronista; 22,64%, após o nascimento de sua Sofia. Vê-se, com isso, o quanto de investimento é realizado para que o corpo grávido seja saudável, garantindo, com isso, saúde para o bebê.

<sup>13</sup> Para tratar da educação das meninas, Rousseau criou Sofia. Tanise fala de sua Sofia.

Além de levantar cedo, ela afirma que tudo deve estar pronto antes de ir para a maternidade. Segundo ela, o tempo de nove meses de gravidez é suficiente para deixar tudo preparado<sup>14</sup>.

Finalmente. Chegou o mês pelo qual as mães tanto esperam **e para qual a gente tanto se prepara desde o dia do resultado positivo do teste de gravidez**. No nono mês, tudo deve estar pronto para a hora de ir à maternidade (CADERNO MEU FILHO, 15/12/2008). [grifo meu].

Quando ela vai para o hospital, na sua casa já está tudo pronto. O quarto de Sofia está decorado; ela sabe a relação das roupas de sua filha a partir de uma tabela que organizou, “O quartinho da Sofia já foi escolhido. Das roupinhas que ganhei, fiz uma tabela – com a ajuda da minha sogra – para saber o que ainda falta comprar” (CADERNO MEU FILHO, 15/9/2008).

Também tem ciência do que fazer com sua filha após o nascimento, porque, segundo ela,

[...] a natureza é sábia, e que se os bebês ficam nove meses no útero, isso tem um porquê. Eles precisam estar totalmente desenvolvidos e prontos para sair da tranquilidade da barriga e encarar o mundo aqui fora. Mas, na minha modesta opinião, em seis meses, ou em sete no máximo, os pais já leram bastante, já ouviram diversos palpites e já estão completamente acostumados com a idéia de ter um filho (CADERNO MEU FILHO, 15/9/2008).

A colunista afirma que o tempo de gravidez é um tempo de preparação e aprendizagem. Segundo o que ali está escrito, a autora leu muitos livros para se preparar para a chegada de sua filha. Uma leitura que realizou e indicou em diferentes momentos nas crônicas foi a obra de Tracy Hogg “Os Segredos de uma Encantadora de Bebês”. Segundo esta autora, uma de suas preocupações era de produzir um texto “compacto, que apresentasse conselhos práticos, simples e, ainda assim, individualizados sobre o comportamento e o desenvolvimento de um bebê”, tornando a mamãe uma encantadora de bebês. Hogg (2002) sugere à mulher-mãe que é imprescindível para a felicidade da família o seu modo de organização e

---

<sup>14</sup> Esta preparação, de acordo com Riffel (2005), deve se estender a todas as categorias sociais. Algumas mulheres-mães deverão ser atendidas pela rede do SUS, atendimento que se efetiva num manual que prescreve, cuida, fiscaliza e orienta as gestantes, dentro de um “instrumento destinado a garantir o fluxo de informações no sistema de referência e contra-referência é o ‘cartão da gestante’. [...] Esse cartão poderá ser apresentado à qualquer serviço de saúde em que a gestante buscar atendimento e, se tiver alguma orientação quanto às anotações nele realizadas, poderá acompanhar o desenvolvimento de sua gestação” (p. 147).

preparação para a chegada do bebê. Quanto mais organizada a mulher estiver antes de sair da maternidade, mais felizes todos ficarão depois: “[...] no momento em que retorna à casa, a maioria das mães está com medo, confusa, exausta ou dolorida – ou talvez tudo isso junto” (p. 19).

Mostrando-se em sua organização, a jornalista sugere o mesmo para suas leitoras. Entretanto, embora tenha se preparado e conte com o apoio da empregada, babá, mãe e sogra, ela relata que a primeira saída com a Sofia foi uma grande confusão, como mostra abaixo:

Se antes a minha bolsa já parecia um porta-malas sem fim, com a bebê não podemos esquecer de nada, inclusive da própria bolsa dela, que vai cheia de fraldas, lenços umedecidos, pomada e roupas. Quando tudo está pronto, para entrar no carro é mais uma função. A cadeirinha de bebê parece um bicho-de-sete-cabeças. Até que, com um atraso de meia hora – e mais a companhia das duas vovós –, chegamos à primeira consulta à pediatra (CADERNO MEU FILHO, 12/01/2009).

Apesar de várias pessoas ao seu redor, do preparo que ela desenvolveu para que fosse tudo tranquilo com a chegada de sua filha e nada lhe escapasse, ainda assim a maternidade primogênita gerou-lhe confusões. A expressão disso é dada quando ela se flagra confusa para fixar a cadeirinha de bebê no carro e chegando com meia hora de atraso na consulta agendada com a pediatra. Com isso, temos o indicativo de que o planejamento com antecedência não prepara para tudo e existe sempre a possibilidade para o inusitado, tornando o organizado e previsível à passível de novas disposições.

## 1.5 AS CONFISSÕES QUE RETRATAM A CONSTITUIÇÃO DE UM MODO DE MATERNIDADE

[...] Aos três meses, ela parecia muito mais grávida do que eu. Por sorte, as duas sentaram na primeira fila. Confesso que mal posso esperar para ver o meu barrigão e não mais botar para fora na hora de tirar as fotos (CADERNO MEU FILHO, 18/8/2008).

[...] pela primeira vez nas 21 semanas de gestação, cometi um ‘pequeno deslize’. E junto com ele veio a primeira culpa. Imagina se acontecer alguma coisa? O maitre me garantiu que os peixes são fresquíssimos, que não teria problema nenhum em eu comer. Mas, no dia seguinte, não parei de pesquisar tudo na internet sobre toxoplasmose, e confesso: fiquei com medo. Pensei até em ligar para o meu médico e perguntar se tem algo do tipo ‘pílula do dia seguinte’ (CADERNO MEU FILHO, 1/9/2008).

[...] confesso que jamais imaginei que algum dia eu seria capaz de estar apaixonada assim por uma mulher. E digo mais: essa constatação eu fiz na cama com uma mulher. Explico: nunca antes nos dez meses que minha filha completa amanhã eu havia deixado ela dormir conosco. Claro que uns cochilos durante o dia, sim. Mas a noite inteira jamais (CADERNO MEU FILHO, 26/10/2009).

Preciso confessar: nunca mais abasteci o livro do bebê depois da maternidade. Antes de minha filha nascer, eu o enchi de informações. No hospital, todas as visitas escreveram recados. Mas, depois, por causa da coluna e do *blog*, quase tudo que acontece com a Sofia eu conto aqui. E, já que a guriuzinha nasceu em plena era tecnológica, seu livro do bebê será virtual. Vou compilar todas as colunas (quem sabe num livro?) e os *posts* do *blog* e dar a ela em algum aniversário (CADERNO MEU FILHO, 07/12/2009).

Escolhi quatro excertos de diferentes Colunas em que a cronista afirma que suas escritas são confissões de si. Mas o que observei é que, ao longo de *todas*<sup>15</sup> as crônicas, a autora publica particularidades de sua vida e expõe às suas leitoras. Ou seja, segue o que nos ensina Fischer (1996), quando trata das confissões publicizadas na atualidade:

[...] nos textos da mídia, a discursividade sobre ‘o que fazer de si mesmo’ passa sempre por uma ‘revelação de si’. A base das produções textuais, em geral, é a confissão que os próprios sujeitos fazem de sua vida íntima, de sua precariedade humana, dos seus desejos, dos seus pecados ou até simples atos do seu cotidiano (p. 85).

Essa publicização, em forma de confissão, me parece tornou-se desejada pelo público que lê a Coluna, entretanto, não tão tranquila e aceita. Na crônica o “Dilema da Exposição”, a colunista dirige sua escrita a uma leitora, colega de sua sogra, que sem saber da vinculação entre as duas comenta: “Tem uma moça que escreve muito bem em Zero Hora sobre a filha dela. Mas acho que na Coluna **Nave Mãe** ela expõe demais a Sofia” (CADERNO MEU FILHO, 19/4/2010).

Ao que a jornalista responde:

[...] gostaria de dizer a ela que a preocupação dela também é minha, e que, a cada linha que escrevo, também fico no dilema de tentar dividir experiências com mães e pais. [...] A maternidade é diferente para cada mãe. [...] mas muitas coisas são parecidas, muitas situações se repetem. [...] Jamais pensei em fazer um ‘Big Brother’ da minha filha. [...] Que bom seria se eu tivesse lido antes o que aconteceu com os outros para enfrentar mais tranquilamente cada nova situação (CADERNO MEU FILHO, 19/4/2010).

<sup>15</sup> Exceto naquelas que suas leitoras fazem as confissões.

A colunista esclarece que se preocupa em não expor sua filha, todavia, paradoxalmente apresenta em seu *blog* fotos e pequenos vídeos de algumas aprendizagens de Sofia. Também, como veremos, descreve inúmeras situações com detalhes das experiências que vive com a filha. Faz isso, não para expô-la, mas para que outras mães e pais possam enfrentar, “mais tranquilamente cada nova situação” como procura deixar claro na Coluna acima citada. Aprender a partir do que ela viveu e de seu exemplo, como poderá ser a conduta da mãe, isto é, ao narrar sobre si, ela diz dela mesma como mãe, ela apresenta às leitoras uma possível constituição de maternidade. Uma experiência que ilustra essa exposição da vida de Sofia é quando ela está com cinco semanas de vida.

A Sofia é bastante tranqüila. [...] Mas isso não significa que de vez em quando ela não tenha seus ‘pitis’. No último fim de semana, acordou chorando de uma hora para outra, no meio da tarde, como se tivesse tido um sonho ruim. Mas o choro não parou nos quinze minutos seguintes. E para os pais de primeira viagem, o berreiro pareceu que durou mais de uma hora, principalmente porque foi a primeira vez, depois de cinco semanas, que ela chorou de verdade, com a força de um leão. Botamos a chupeta. Nada. Pegamos no colo. Também não adiantou. Bolsa de água quente na barriga. Em vão. No banho ela também não relaxou. Até que só no peito, finalmente e depois de um belo suador nosso, ela parou de chorar. Será que era fome? Mas ela tinha recém mamado. Pode ser que não tenha matado a fome na mamada anterior, até porque ela é muito preguiçosa e maioria das vezes acaba dormindo no seio – se não incentivamos, ela para antes de ficar satisfeita (CADERNO MEU FILHO, 9/2/2009).

No confessionário Nave Mãe, observo a presença de modos de confissões que se tornaram comuns e explícitos em artefatos culturais como revistas, livros e jornais. É importante perceber que elas são práticas antigas e que, segundo Foucault, quando foram tomadas como o exame de si, organizou-se o que o filósofo chamou de *scientia sexualis*, resultando na produção de verdade sobre o sexo (FOUCAULT, 1999a). Recuando historicamente, podemos ver continuidades e descontinuidades na prática da confissão. Percebemos que ela se atualizou no presente tendo pontos comuns, mas lugares e valores diferentes do que foi nas doutrinas cristãs e nas sociedades greco-romanas<sup>16</sup> (FOUCAULT, 2009). No

---

<sup>16</sup> Fischer (1996) ao pensar na atualização da prática confessional indaga: “Estaríamos vivendo um momento semelhante àquele que Foucault investigou – da Antiguidade Clássica –, em que se tornaram tão presentes as ‘técnicas de si’, essa reflexão sobre os modos de existir e reger a própria conduta, segundo determinados fins que o homem fixa para si mesmo? Ou estaríamos mais próximos da apropriação, feita pelo Cristianismo, dessas técnicas de si? Ou ainda: estaríamos aperfeiçoando aquilo que o homem dos séculos XVII e XVIII tão bem conseguiu, ao produzir um fardo material, tão bem analisado por Foucault, no qual se registrou à exaustão a intimidade de vidas ‘infames’, obscuras e desafortunadas? Por que essa obsessão por imiscuir-nos no que tem o

primeiro volume, da *História da Sexualidade, a vontade de saber*, lemos que desde a Idade Média a confissão passou a ser “uma das técnicas mais altamente valorizadas para produzir a verdade. Desde então nos tornamos uma sociedade singularmente confessanda” (FOUCAULT, 1999a, p. 59). Segundo o filósofo, “a partir da Reforma o discurso da confissão [...] explodiu em vez de ficar localizado no interior do ritual de penitência” (FOUCAULT, 2006, p. 237) e podemos sentir os seus efeitos “na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares [...] confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama” [...] (FOUCAULT, 1999a p. 59). Ainda segundo Foucault (2000) durante o século XVIII, assiste-se a um “refinamento das técnicas da confissão” (p. 263). Esse refinamento, para Dornelles (2002), produziu como efeito na atualidade a disseminação e diversificação de diferentes tipos de instrumentos que

[...] são organizados, transcritos, reunidos em dossiês, publicados e comentados. Torna-se necessário, pois, dizer tudo sobre si mesmo, produzindo, assim, subjetividades que dependem de como o sujeito se diz, se observa e se julga sob o controle de seu “confessor” (p. 119).

Às leitoras, a quem ela dirige suas confissões, acabam sendo uma forte possibilidade de direção de conduta, de prática de vida. Ler e ver o que a jornalista escreve pode ter uma incidência no modo como as leitoras entendam que deva ser a maternidade. A potência de suas confissões reside no fato de ela mostrar um modelo prescritivo de ser mãe e que parece estar dando certo. Ou seja, “a confissão é um modo igualmente histórico de relação do sujeito com a verdade sobre si mesmo” (PRADO FILHO, 2008, p. 142). Assim como, “é também um tipo de relação com os outros e consigo mesmo que implica imediatamente poder” (p. 144) em relação aos outros e consigo mesmo.

Candiotto (2007), estudioso de Foucault, afirma que “para que um regime de verdade seja aceito e justificado é preciso que o sujeito que pense seja qualificado”. No caso das confissões da colunista, a qualificação advém justamente do lugar de onde fala e do sucesso que ela diz ter com sua filha, apesar de admitir que, como todas as famílias, ela também tem problemas. Todavia o que move as condutas da jornalista para agir de uma ou de outra maneira são os discursos legitimados como

---

nome de privado? Sim, por que as coisas devem permanecer classificadas como ‘privadas’ e, desse reino, serem alçadas a públicas. Esse é o jogo” (p.68).

verdadeiros pela medicina, psicologia, pedagogia, religião, economia, dentre outros. Logo na sua primeira crônica, ela escreve:

[...] a menstruação não veio. Comprei um teste na farmácia. Resultado: um risquinho só. Negativo. Segui minha vida normalmente, inclusive bebendo vinho, comendo sushi, tudo proibido na gravidez. Mais uma semana e nada de descer a menstruação. O médico disse para fazer outro teste. Eu tinha marcado de retocar minhas luzes. Como sabia que não se deve usar produtos químicos no cabelo durante a gravidez, resolvi comprar o mesmo teste da semana anterior pouco antes de ir ao cabeleireiro [...] (CADERNO MEU FILHO, 04/8/2008).

A colunista receava fazer o retoque das luzes e estar grávida provocando assim problemas ao seu bebê. Ela seguiu o aconselhamento médico antes de fazer o que pretendia. Muito presente será a orientação deste profissional na vida da jornalista que, segundo ela, deve ser ouvido, seguido e respeitado. Portanto, ela toma para si toda a responsabilidade afirmando:

[...] a partir daquele instante me tornei outra pessoa. Ao mesmo tempo em que a felicidade era enorme, o medo também era grande. Como vou saber cuidar de um serzinho para sempre? Para sempre alguém vai depender de mim e dos meus cuidados? Será que vou conseguir? Inseguranças que não saem da cabeça das mães desde o resultado positivo do teste. Mas vamos lá! Agora é me cuidar para que o meu bebezinho se desenvolva perfeitamente (CADERNO MEU FILHO, 04/8/2008).

Ao fazer isso mostra que a vida dentro de si depende muito e inteiramente dela; neste sentido, sua conduta e as trocas que faz com este profissional da medicina vão se pautando por saberes médicos que entende serem imprescindíveis para que viva a maternidade com tranquilidade.

[...] Daí a importância que é dada à confiança entre profissional e gestante, para que sua história e exame físico sejam obtidos e realizados de modo a tornar mútua a responsabilidade pela assistência. Não se trata apenas de uma confissão; trata-se de um inquérito, ou ainda, de uma anamnese, que torna a manifestação verbal do usuário uma verdade a ser codificada pelo profissional [...] (RIFFEL, 2005, p. 105).

Contudo, mesmo tomando para si o pleno desenvolvimento de seu bebê, a mulher-mãe conta com o apoio, carinho, amparo irrestrito de seu marido, que lhe acompanha em todas as consultas, mostrando-se empenhado em também mudar alguns hábitos. Seu marido cobra-lhe uma conduta fiel às recomendações médicas, mostrando-se preocupado quando ela não segue alguma determinação.

Embora seja inquestionável que só as mulheres podem engravidar, é verdade, também, que os homens ficam 'grávidos'. Por isso, hoje vou falar sobre o outro responsável pela gestação da Sofia, o Rafael. Ele ficou sabendo que estávamos 'grávidos' antes mesmo de mim. Após o teste de farmácia quando fiz o exame de sangue, ele foi o primeiro a ver o resultado na internet. Desde então, passou a cuidar de mim de uma maneira que eu jamais imaginava que pudesse ser cuidada. O Rafa, que já era um marido superatencioso, se mostrou ainda mais dedicado. Ele trabalha como um louco. Sai cedo e chega tarde. Mas consegue sempre um tempo para estar comigo, ligar para saber como estou, ou até almoçar em casa (ainda bem que moramos a uma quadra do escritório dele). Consulta o obstetra, ele não perdeu nenhuma. Faz tantas perguntas ao médico que já virou um 'PhD em gravidez' (CADERNO MEU FILHO, 21/9/2008).

Essa participação do marido na vida familiar me fez retomar algumas assertivas ao apresentar meu Projeto de Dissertação. Naquele momento afirmei que os homens ficavam muito ausentes da vida familiar acarretando uma sobrecarga na vida da mulher. Não é assim na constituição da família apresentada nestas crônicas, visto que a jornalista entende que o modo como o seu marido está vivendo com ela a maternidade lhe fortalece. Entende que ele também poderá ensinar aos homens um modo de ser homem-pai, por isso, ao final da Coluna do dia 21 de setembro, lembra: "Então, papais, não esqueçam que o apoio de vocês é fundamental neste momento importante. Não deixem de estar junto de suas mulheres e saibam que, quanto mais protegidas nos sentirmos, melhor para os nossos filhos" (CADERNO MEU FILHO, 21/9/2008).

Pensando como Foucault, mãe e pai precisam adentrar em si, constituir-se como mãe e pai para pensar em ser mãe e pai e preparar o outro para ser mãe e pai. Gros (2008), ao lembrar em Epíteto da história de um pai que, quando ao voltar para casa encontra sua filha doente, abandona a casa, esquecendo que o seu "papel impõe um certo número de deveres como proteção, o cuidado dos seus" [Assim como mostra a coluna, este pai precisa regular suas ações, pois] "não se cuida de si para escapar do mundo, mas para agir como se deve" (p. 132).

A participação, as mudanças, os cuidados e as aprendizagens que o marido da cronista elabora, em diferentes situações da vida familiar, podem ser observados também como constituintes do homem-pai.

Em quatro semanas, a Sofia só tem nos dado alegrias. Ela é um bebê muito tranqüilo, até demais da conta. Por ela, passa o dia dormindo. Temos que acordá-la para as mamadas e até entre um seio e outro. Aí vale tirar toda a

roupinha, fazer cócegas nos pés ou o que mais inventarmos para mantê-la desperta. O Rafael chega a cantar e a dançar Frank Sinatra com ela pela casa (CADERNO MEU FILHO, 26/1/2009).

[...] Já faz alguns meses que a hora do banho aqui em casa virou motivo de muita festa e alegria. [...] Alguns dias eu dava e, outros, o papai, até que a Sofia começou a esperar o Rafael chegar em casa para tomar banho com ele. E todos os dias é assim: ele chega, os dois fazem a maior bagunça e logo vão para o banho, que normalmente leva quase meia hora. (Ela nunca quer sair, sempre pede mais, mais, mais) (CADERNO MEU FILHO, 16/8/2010).

O tema do banho foi tratado em diferentes Colunas: como resistência ou medo ou alegria da criança, como possibilidade de interação do pai/mãe e filha e como a problematização do corpo no adulto diante da criança. Nas diferentes situações em que o banho foi tema da Coluna, o discurso da psicologia e/ou psiquiatria esteve permeando a escrita da jornalista.

[...] Segundo a psiquiatra e psicanalista de crianças e adolescentes Maria Lucrecia Zavaschi, a presença de adultos sem roupa em frente às crianças pode ser um superestímulo erótico sexual, inapropriado para a idade. Ela vai mais além e diz que os pais nem devem tomar banho com os filhos. Podem ficar ao lado, cuidar, brincar, mas cada um no seu banho. A coordenadora do comitê de bebês da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, Gabriela Filipouski, também não aconselha pais sem roupa na frente dos filhos pequenos. Ela explica que a criança ainda não tem maturidade suficiente para compreender a identidade sexual. No momento em que há um contato físico, a questão sai da imaginação e vai para o concreto, e isso pode atrapalhar a criança, pois desde pequena ela está desenvolvendo a identidade sexual junto com a social e a cultural (CADERNO MEU FILHO, 16/8/2010).

Ao tomar o discurso da psicologia, da medicina, da religião para pautar o governo de sua vida, ela mostra como vai sendo subjetivada pelas prerrogativas das verdades legitimadas por estes discursos. Com isso, podemos entender o que Foucault (2008a) escreve sobre o conceito de discurso:

[...] como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse 'mais' que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (p. 55). [grifo do autor].

Procuro mostrar, nesta Dissertação, portanto, “esse a mais” da vida da jornalista que parece indicar a presença dos discursos nestas práticas sociais e que a subjetivam em mulher-mãe fazendo uso do que Fischer (2001), a partir do estudo que faz da Arqueologia do Saber, nos ensina:

[...] o discurso ultrapassa a simples referência a 'coisas', existe para além da mera utilização de letras, palavras e frases, não pode ser entendido como um fenómeno de mera utilização de letras, palavras e frases, não pode ser entendido como um fenómeno de mera 'expressão' de algo: apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria. É esse 'mais' que o autor se refere, sugerindo que seja descrito e apanhado a partir do próprio discurso (p. 200).

O **mais** de que fala Foucault, que Fischer retoma e que mostra como a jornalista vai se subjetivando em mulher-mãe, é apresentado em todas as crônicas, em que percebemos “uma maneira de se relacionar consigo mesmo para se construir, para se elaborar”, como sublinha GROS (2008, p. 128). Mostrarei alguns excertos em que podemos ver os discursos legitimados nas práticas da vida, atravessados e expressos na conduta da jornalista fazendo-a constituir-se de modos diferentes. Procurarei, com isso, mostrar que pensar a subjetividade implica considerar, como assinala Rose (1976), “[...] todas essas práticas e esses processos heterogêneos por meio dos quais os seres humanos vêm a se relacionar consigo mesmos e com os outros como sujeitos de um certo tipo [...]” (p. 36).

A partir disso, gostaria de apresentar algumas confissões da jornalista que nos dizem sobre sua produção que se mostra atravessada, afetada por determinados saberes que são legitimados como verdadeiros. Bujes (2002), a partir dos estudos em Foucault, sublinha que as disciplinas produzem sujeitos e saberes. “Desta forma, as tecnologias disciplinares aplicadas ao corpo permitem a extração de saberes sobre os sujeitos, saberes que, ao serem devolvidos ao sujeito, o constituem como indivíduo, constroem o seu eu” (p. 37).

Estas tecnologias disciplinares que, segundo Bujes, se complementam produzindo saberes e sujeitos, podemos vislumbrar do seguinte modo:

mulher-mãe cuidadosa, prevenida e disciplinada:

Acabo de fazer o ultra-som morfológico de 22 semanas. Que alívio saber que está tudo bem com a minha Sofia. As medidas das pernas, dos braços, do cérebro, do coração, cada parte da minha filha que a médica dizia que estava perfeita dava uma sensação maravilhosa. [...] Como é importante ter acompanhamento médico durante a gestação. E como é importante também termos confiança no obstetra. Para mim, o que o doutor Kalil fala é lei (CADERNO MEU FILHO, 8/9/2008).

### mulher-mãe organizada:

Estou na 23ª semana. Já se passaram mais de 150 dias de gravidez e faltam cerca de cem. [...] O quartinho da Sofia já foi escolhido. Das roupinhas que ganhei, fiz uma tabela – com a ajuda da minha sogra – para saber o que ainda falta comprar (CADERNO MEU FILHO, 15/9/2008).

### mulher-mãe apaixonada:

A mais linda jornada da minha vida até agora está chegando ao fim.[...]Mas me conforta saber que, depois desta etapa que está chegando ao fim, a nova será ainda melhor. Ouvir o primeiro choro, ver a carinha dela, as mamadas em meu peito, depois o primeiro sorriso. A interação com ela vai ser um aprendizado e uma emoção nova a cada dia. Se dentro de mim eu já sou tão apaixonada pela minha guriuzinha, imagina quando ela estiver aqui fora? (CADERNO MEU FILHO, 08/12/2008).

### mulher-mãe-mulher:

Eu sou jornalista. Tu podes ser médica. Hillary Clinton é chefe de Estado do país mais poderoso do mundo. Mas acredito que não haja poder maior e melhor do que ser mãe. Dito isso, não podemos esquecer que, além de mães, somos mulheres. Por isso precisamos nos cuidar e lembrar sempre que nossos maridos, mesmo felizes em nos vendo no papel de mães, querem ao lado deles a mulher com quem casaram. É difícil ter tempo para tomar um bom banho? É. Fazer uma escova é quase impossível? Também. Mesmo assim temos que nos esforçar para não passar o dia de roupão ou com o cabelo preso em um coque malfeito. O fato de estarmos amamentando não é desculpa para não cuidarmos da alimentação. [...] Nossos filhos dão muito trabalho, e a função cansa. Mas temos que tirar forças sei lá de onde para fazer algum programa só com o marido. [...] A gente vive o 'ser mãe' praticamente 24 horas por dia, ao menos nesse início, nos primeiros meses. Mas, desde quando a Sofia tinha 15 dias, pelo menos uma vez por semana o Rafael e eu temos saído só nós dois para jantar. E eu me sinto super bem e ainda mais disposta quando me arrumo para sair com ele – e também quando volto para casa (CADERNO MEU FILHO, 16/02/2009).

Parece-me que, a partir destas diferentes constituições, podemos apontar o conceito de subjetivação como

[...] o nome que se pode dar aos efeitos da composição e recomposição de forças, práticas e relações que tentam transformar – ou operam para transformar – ser humano em variadas formas de sujeito, em seres capazes de tomar a si próprios como os sujeitos de suas próprias práticas e das práticas de outros sobre eles. (ROSE, 2001, p. 143).

Encerro o capítulo com o conceito de subjetividade a partir de Nikolas Rose, porque este conceito será retomado adiante.

## **CAPÍTULO 2**

2 A família da Nave Mãe: um modelo dominante

2.1 Nave Mãe – Mulher-mãe empreendedora

2.2 Nave Mãe – a família plugada no mundo

2.3 Nave Mãe – o forte vínculo com a família materna – o amor como constituidor das relações entre as gerações



## 2 - A FAMÍLIA DA NAVE MÃE: UM MODELO DOMINANTE

[...] depois que me tornei mãe, não tem como não analisar todos os fatos sob o ponto de vista da família. **A família é o alicerce de tudo.** Mães nunca se enganam em relação aos sentimentos dos filhos. [...] devemos, de todas as maneiras, apresentar os melhores caminhos aos nossos filhos. Já as escolhas não temos como fazer no lugar deles. Ainda bem (CADERNO MEU FILHO, 20/7/2009). [grifo meu].

Conforme o excerto “a família é o alicerce de tudo”<sup>17</sup> e sobre este pensar acerca da família, Kuhlmann Junior (1998) em seus estudos sobre a infância, mostra que o catolicismo social “via a família [como] a base da sociedade” (p. 61), o que muito se assemelha ao significado do texto assinalado. Ao longo das crônicas estudadas, a autora mostra o quanto se constitui mulher-mãe a partir do discurso moral. Também se pode pensar como “a mídia compõe na atualidade, via meios de comunicação (rádio, Internet, televisão, jornal, etc), uma expertise religiosa que captura [os pais] a uma aliança entre seus desejos, os desejos sociais e os desejos de Deus” (DORNELLES, 2010, p. 8).

Hironaka (2008) assinala que, a partir de uma série de condições se cruzando, se compõem novas configurações de famílias. Dentre as possibilidades que se apresentam para essas, a autora trata sobre a independência econômica da mulher, e o papel dos filhos dentro da família, afirmando que

[...] o divórcio, o controle da natalidade, a concepção assistida, a reciprocidade alimentar são valores novos que passam a permear o tecido familiar para torná-lo mais arejado, mais receptivo, mais maleável, mais adaptável às concepções atuais da humanidade e da vida dos humanos. [...] Mas, acima de tudo, espalha-se a ideia de afetividade como o grande parâmetro modificador das relações familiares, estando a querer demonstrar que o verdadeiro elo entre as pessoas envolvidas nessas relações, nesse núcleo, nesse tecido, consubstancia-se no afeto (p. 51).

A afetividade e o amor parecem estar muito presentes no espaço familiar das crônicas apresentadas. Em diferentes momentos, a cronista trata do tema reafirmando o quanto dá amor à filha, porque recebeu este sentimento de sua mãe, isto é, ao longo de sua infância e vida, no convívio com a sua família, foi se constituindo, foi produzindo a relação consigo acerca deste sentimento amoroso. Ela

---

<sup>17</sup> Kuhlmann Junior (1998) ao escrever sobre A proteção à infância e a ‘assistência científica’, no Brasil no século XIX, aponta que, em torno da filantropia ou assistência social, diferentes escolas do pensamento se organizaram. “Le Play era o representante de uma das correntes mais influentes no tema, o catolicismo social, que via a família a base da sociedade, e no trabalho, a fonte da energia e riqueza (p. 61).

afirma: “aproveito o momento para homenagear a minha mãe [...]. Tu sempre falas que sou uma boa mãe, pois saibas que só quem recebeu sabe dar. Então, muito obrigada por todo o amor que sempre me deste e por ter me ensinado a passar adiante esse sentimento tão maravilhoso” (CADERNO MEU FILHO, 11/5/2009).

A constituição de sentimentos afetivos que são nutridos nas relações da família Nave Mãe me faz lembrar Foucault (2009), ao escrever sobre ‘artes de existência’, ao relacionar a fixação de regras que vão guiar a conduta, como também descrever a transformação e modificação de “seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo” (p. 18).

Para Deleuze (2005), a subjetivação vê-se implicada nas relações de poder e saber. Como bem escreve: “a subjetivação, a relação consigo, não deixa de se fazer, mas se metamorfoseando, mudando de modo. [...] Recuperada pelas relações de poder, pelas relações de saber, a relação consigo não pára de renascer, em outros lugares e em outras formas” (p. 111).

Para Rose (1976), as pessoas “[...] vivem suas vidas em um constante movimento entre diferentes práticas, as quais os subjetivam de diferentes maneiras” (p. 48). Ainda para o autor, estes modos de subjetivação constituídos por dobras, a partir da leitura que realiza do trabalho de Deleuze, “indica [...] uma relação sem um interior essencial, uma relação na qual aquilo que está ‘dentro’ é simplesmente o dobramento de um exterior” (p. 50). Sentimentos que se dobram pois, segundo a cronista[...] “hoje estou completa e vivendo a maternidade em toda sua plenitude. Amo ser mãe, e minha filha virou minha razão de viver” (CADERNO MEU FILHO, 11/5/2009).

Fazendo operar o conceito de subjetividade atento-me ao que é tratado nas crônicas da Nave Mãe, como o citado acima, quando, ao prestar uma homenagem à sua mãe, escreve que ‘ama ser mãe’, que ‘consegue ser uma boa mãe’, porque recebeu isto ao longo de sua vida.

Podemos, com isso, presumir que, para a autora da matéria, uma mulher será boa mãe se ao longo de sua vida receber amor materno, o que pode ser constatado quando assinala:

Foi emocionante meu primeiro Dia das Mães oficial. No ano passado, eu estava grávida de apenas cinco semanas. [...] Mas enquanto ela ainda não consegue se expressar com palavras – e o máximo de parabéns que me

deu ontem foi com suas gargalhadas e seu olhar doce (pra mim, por enquanto, não tem nada melhor no mundo) – aproveito o momento para homenagear a minha mãe. Tenho certeza que a Sofia é tão alegre, tão calma e tão tranquila graças à forma como o Rafa e eu estamos educando nossa filha. Da mesma forma, aliás, que tu ensinaste a mim e aos meus irmãos o que era certo e o que era errado, da maneira como nos passaste os teus valores e como nos educaste bem (CADERNO MEU FILHO, 11/5/2009).

O modo como as relações familiares aparecem no excerto nos mostra que, na atualidade, há fortemente marcado um tipo de família: a nuclear burguesa constituída pela modernidade ocidental ao longo desses tempos. Embora alguns estudos apontem que as famílias nucleares como modelo de família estão mudando e que atualmente existe todo um processo em curso para a normalização de diferentes famílias, Derrida e Roudinesco (2004) lembram o modelo da célula familiar ocidental típica: o casal heterossexual com dois ou três filhos, ainda é dominante e este modelo permanece muito forte entre nós.

O modelo de família da Nave Mãe (esposa, esposo e filha) é o do casal estudado por Hironaka e ele prevalece muito forte entre nós, como sublinham Derrida e Roudinesco. Isto aparece quando a cronista mostra em suas escritas a importância de seu marido que sempre acha tempo para estar com ela e a filha, e mesmo trabalhando demasiadamente participa ativamente da educação de sua filha. Como afirma: [...] “Ele trabalha como um louco. Sai cedo e chega tarde. Mas consegue sempre um tempo para estar comigo, ligar para saber como estou, ou até almoçar em casa (ainda bem que moramos a uma quadra do escritório dele)” (CADERNO MEU FILHO, 21/9/2008).

Claudia Fonseca (1995), ao tratar da família classe média, aponta:

[...] o modelo mais comum [...] está centrado na família conjugal. Aqui, os parentes consangüíneos são relegados a um papel secundário. Crianças, tidas como veículo de um projeto familiar de longo termo, merecedoras de sacrifício imediato, tornam-se o foco da unidade conjugal. Usando termos claramente de classe média, pode-se dizer que nessas famílias as pessoas “trabalham” seu relacionamento conjugal e “investem” nos filhos a fim de “construir” uma família [...] para enfatizar a importância de continuidade e planejamento (p. 38-39).

É importante observar o quanto alguns indicativos das pesquisas de Fonseca (1995) ecoam fortemente nas escritas da cronista. Vejamos como podemos observar este eco. Ao inaugurar a Coluna Nave Mãe, a jornalista escreve que tanto ela, quanto seu marido haviam decidido parar com a anticoncepcional ao voltarem da lua

de mel, porque sabiam que já estavam preparados para encomendar um bebê. Antes de confirmar a gravidez, já existia a preocupação em não fazer uso de produtos que pudessem prejudicar o desenvolvimento do feto. Com a confirmação da gravidez, passa a existir um grande investimento no corpo, para que ele “bem governado” produza um bebê saudável e perfeito, porque, segundo ela, “[...] agora uma vida está crescendo dentro de nós, e todos os cuidados devem ser tomados” (CADERNO MEU FILHO, 1/9/2008).

Ao longo de sua escrita, podemos ver o grande investimento que é realizado para que se constitua como mãe saudável para receber sua filha com tranquilidade. Percebemos o quanto diz cuidar do seu corpo e de sua saúde cumprindo as prescrições do seu médico. Ao falar de si, mostra para as suas leitoras a importância de a mulher viver a maternidade e constituir-se cuidadosamente, ou seja: “Como é importante ter acompanhamento médico durante a gestação” (CADERNO MEU FILHO, 8/9/2008). Conta ainda que o seu marido lhe acompanha em todas as consultas e exige dela o cumprimento das prescrições do médico: “Consulta ao obstetra, ele não perdeu nenhuma. Faz tantas perguntas ao médico que já virou um ‘PhD em gravidez’” (CADERNO MEU FILHO, 21/07/2008).

Esse poder/saber médico, apresentado na crônica, faz parte da constituição da mulher-mãe que foi produzido ao longo do século XVIII, sendo inicialmente dirigido à família<sup>18</sup>, mas, como se pode ler na Coluna, isso se mantém em nossos dias, pois: “Para mim, o que o doutor Kalil fala é lei” (CADERNO MEU FILHO, 8/9/2008).

Pensando em como foi se constituindo ao longo dos tempos “o doutor é a lei”, busco novamente a história da infância e observo que a primeira intervenção na família apontada por Costa (2004) “[...] deu-se através da medicina doméstica. Esta medicina, no interior da burguesia, estimulava a política populacionista, reorganizando as famílias em torno da conservação e educação das crianças” (p. 51). Para as famílias abastadas, criam-se literaturas que orientam a criação, medicalização e educação das crianças. Médicos e mães fazem uma aliança, em que “[...] O médico prescreve e a mãe executa” (DONZELOT, 2001, p. 23). É como

---

<sup>18</sup> Leni Vieira Dornelles (2008), em *Infâncias que nos Escapam*, no capítulo *Inventando Infâncias*, dedica uma seção para tratar sobre a Emergência da Família, situando a constituição da ‘família moderna’ durante o século XVIII. De modo sucinto, mas com rigor, ela aponta algumas condições desta emergência.

ensina o jornal hoje, ou seja, tu terás um bebê saudável se seguires as ordens, conselhos e prescrições receitadas pelo obstetra. Ele vai saber te dizer se o que está acontecendo contigo e com o bebê é “normal”. Assim ele avisa: “bolachas de água e sal – meu médico indicou comer um pedacinho sempre que começassem os enjoos. Passei a me sentir muito fraca, a pressão chegou a nove por seis, mas o obstetra disse que era bom sinal” (CADERNO MEU FILHO, 11/8/2008).

Por outrossim, é importante observar que até o século XVIII, como nos mostra Costa (2004) e Donzelot (2001), a medicina não se interessava pelas mulheres e crianças. A prática médica era feita entre comadres e, de algum modo, assistimos a isto até hoje; uma indica um chazinho para a outra, rezas, simpatias. As parteiras têm uma atuação forte em determinadas regiões do país, coisas que podem funcionar tanto quanto os saberes médicos e por isso não podemos desprezar.

Para se firmar como científica frente ao corpo social, a medicina precisou desqualificar o conhecimento popular e enfraquecer suas práticas, com isso criou várias literaturas endereçadas à mulher-mãe burguesa que prescreviam modos e jeitos de educar as crianças. Este movimento possibilitou ao “[...] médico, graças à mãe, derrota à hegemonia tenaz da medicina popular das comadres e, em compensação, concede à mulher burguesa, um novo poder na esfera doméstica [...] capaz de abalar a autoridade paterna” (DONZELOT, 2001, p. 25).

Sobre isso Rousseau (1999), na obra **Emílio ou Da Educação**, não se furta em afirmar que a educação dos filhos deverá ser inteiramente assumida pela mãe e pai, condenando a amamentação por amas de leite, assim como a educação por preceptores. Afirma: “[...] a verdadeira ama-de-leite é a mãe, o verdadeiro preceptor é o pai” (p. 25). Preceptor que segundo Marín-Díaz (2010) terá o papel de “[...] proteger seu pupilo das influências da sociedade e dos julgamentos dos outros para que possa desenvolver, em si e por si, a capacidade de pensar e de julgar, a capacidade para agir, comparar e fazer suas escolhas [...]” (p. 201).

Contudo, para criar a pupila Sofia, o jornal ensina preceitos que se atualizam e se apresentam para as mães de hoje como recomendações ou como apontado por Foucault (2009), textos prescritivos e práticos, em que o objetivo principal é propor uma regra de conduta e permitir a quem lê “[...] interrogar-se sobre sua própria conduta, velar por ela, formá-la e conformar-se [...]” (p. 20). Essas dicas que

prescrevem um tipo de conduta acabam sendo valorizadas e espera-se que a mulher-gestante cumpra-as para cuidar de si e da vida que carrega dentro de si.

[...] dicas para reduzir os enjoos na gravidez:

- Alimente-se a cada duas horas, sempre em pequenas porções.
- Evite odores e temperos fortes e comida gordurosa. Esses alimentos têm uma digestão mais lenta e podem sobrecarregar o estômago, causando desconforto.
- Não consuma álcool. Além de prejudicar a formação do bebê, pode dificultar o trabalho do estômago.
- Não abuse do café. Atrapalha o sono se consumido em grandes quantidades e pode provocar mais mal-estar.
- Adicione limão na água ou em chás.
- Não beba nada durante as refeições para não dificultar a digestão.
- Limonada sem açúcar e bebidas frias e ácidas ajudam a diminuir o enjôo (CADERNO MEU FILHO, 11/8/2008).

Volto ao século XVIII, para entender como, segundo Foucault (2008c), para melhor governar a população se investe na família “[...] porque, quando se quiser se obter alguma coisa da população quanto ao comportamento sexual, quanto à demografia, ao número de filhos, quanto ao consumo, é pela família que se terá de efetivamente de passar [...]” (p. 139). Hoje, também se exerce sobre a família um outro modo de gerenciamento. A mídia investe na família contemporânea com vistas a capturar mães e pais a serem de um jeito, afirmando: “[...] devemos, de todas as maneiras, apresentar os melhores caminhos aos nossos filhos” (CADERNO MEU FILHO, 20/9/2009). Este caminho passa por todo um investimento no que se refere à saúde, cuidado, guarda, manutenção, materialidades que se estendem ao tipo de leituras que as mães precisam fazer para melhor cuidarem de seus bebês e apresentam:

[...] Sugestões de livros para ler durante a gravidez:

- O que esperar quando Você está esperando, [...]
- Larousse da gravidez, [...]
- A grávida e o bebê, [...]
- A agenda da gravidez, [...]
- Os segredos de uma encantadora de bebês, de Tracy Hogg: prático, ajuda a decifrar os sinais do bebê e o que ele precisa (CADERNO MEU FILHO, 18/8/2008.).

Por outro lado, Costa (2004) aponta que “[...] O Estado moderno, voltado para o desenvolvimento industrial, tinha necessidade de um controle demográfico e político da população adequado àquela finalidade [...]” (p. 51). Para melhor governar e controlar essa população, criavam-se algumas intervenções que estavam

relacionadas à organização da família. Muito semelhante aos nossos dias, pois hoje o jornal ensina que

Da concepção até a saída dos filhos de casa, os pais funcionam como bússolas que guiam os caminhos escolhidos e seguidos pela prole. Por isso, algumas regras básicas de convivência e de valores são essenciais para garantir a chance de um futuro mais tranquilo para eles (CADERNO MEU FILHO, 18/5/2009, p. 1).

Para se compor famílias mais tranquilas e sem problemas se escreve na atualidade um novo manual para educá-las.

Inicialmente médicos começam a escrever sobre essa conservação e juntam-se administradores, chefe de polícia e militares. Essa literatura problematiza, simultaneamente, algumas práticas comuns da época: “a prática dos hospícios de menores abandonados, a criação dos filhos por amas-de-leite, a da educação ‘artificial’ das crianças ricas” (DONZELOT, 2001, p. 51). É isso que nos lembra Donzelot quando de seus estudos baseados na perspectiva de se compor com acerto um tipo de família. Mostra o quanto se vai investir num abundante material destinado à educação da família. Tais estudos irão se preocupar com “[...] a conservação [da boa educação] das crianças [...]” (p. 15).

Investimento que hoje pode ser lido no “manual” Nave Mãe, quando a jornalista, ao tratar sobre a necessidade de limites e alimentação saudável, afirma:

[...] Cabe a nós, pais, saber demonstrar um equilíbrio até para que elas entendam que na vida às vezes se ganha e outras se perde. Não podemos esquecer que estabelecer limites para os filhos é necessário e saudável. Mas acima de qualquer atitude a ser tomada, o carinho e o amor dos pais sempre deve prevalecer (CADERNO MEU FILHO, 15/2/2010).

[...] o que fazer para as crianças comerem bem [...] não esqueça que o exemplo ainda é a maior das magias: comer um belo prato saudável e colorido a frente de seus filhos pode ser mais educativo que qualquer um dos truques. Sem falar que você aproveita para entrar em forma! (CADERNO MEU FILHO, 03/5/2010).

Donzelot (2001) ensina que, em outra época, a mortalidade infantil era muito grande, tanto pelo abandono, como pela prática de as mães entregarem seus filhos a amas de leite. Estas amamentavam muitas crianças ao mesmo tempo, já que isto se constituía em uma profissão e também pelas mesmas serem educadas por preceptores. A mãe contemporânea, contudo, deve cuidar para saber

[...] agir quando os filhos se engasgam. No caso de engasgar com leite materno, a primeira coisa a fazer é virar a criança de lado com a cabecinha para baixo para a força da gravidade ajudar. Se a criança ficar roxa deve-se aspirar pelo nariz, puxando com a boca mesmo, já que um aspirador nasal neste momento pode ser difícil de encontrar. Se a criança estiver engasgada por algum alimento que ela ingeriu, dê batidas nas costas. Sente-se e a coloque de barriga para baixo sobre suas coxas com a cabeça voltada para seus joelhos. Segure-a para baixo, mantendo o seu antebraço sob a barriga dela e usando sua mão para sustentar a cabeça e o pescoço. Deixe que a cabeça do bebê fique mais baixa que o resto do corpo. Com a outra mão, dê cinco tapas firmes, mas não com muita força, nas costas da criança, entre as omoplatas. Quando o bebê começar a tossir deixe que ele elimine o objeto sozinho, pois as vias aéreas já estão abertas (CADERNO MEU FILHO, 28/6/2010).

Sobre a saúde, ou aquilo que se deva saber, Foucault (2000) assinala que a política de saúde (nosopolítica) do século XVIII incidiu diretamente produzindo “a família medicalizada-medicalizante”. Nesse período, ocorreu um aumento dantesco de publicações dirigidas à família que diziam respeito aos cuidados às crianças e em especial aos bebês. Essa família medicalizada é produzida, capturada e atravessada pelo discurso médico que prescreve e determina que uma das obrigações da família é com a saúde das crianças pois um “[...] corpo sadio, limpo, válido, o espaço purificado, límpido, arejado, a distribuição medicamente perfeita dos indivíduos, dos lugares, dos leitos, dos utensílios, o jogo do ‘cuidadoso’ e do ‘cuidado’, constituem algumas das leis morais essenciais da família [...]” (p. 199).

Seguindo os passos de Foucault, observa-se que hoje a família é medicalizada à exaustão e, para isso, se necessita saber muito sobre a criança que vai nascer. De tal modo que esta precisa ser vista, analisada, medida, medicada e, se necessário, também sobre ela se faz intervenções cirúrgicas, com vistas a sua perfeição. “Que alívio saber que está tudo bem com a minha Sofia. As medidas das pernas, dos braços, do cérebro, do coração, cada parte da minha filha que a médica dizia que estava perfeitinha dava uma sensação maravilhosa [...]” (CADERNO MEU FILHO, 08/9/2008). Isso e muito mais é constatado a partir do ultrassom morfológico de 22 semanas, daí:

A importância dos ultra-sons. Quatro exames são suficientes para a gestante, desde que tenham resultado normal. Conheça abaixo:  
**O primeiro:** Feito assim que a gestação é detectada, antes da 10ª semana. O exame mostra se a gestação está dentro ou fora do útero e confirma a idade gestacional.

**O segundo:** Ultra-som morfológico do primeiro trimestre, feito entre a 11<sup>o</sup> e 14<sup>o</sup> semana. É feita a translucência nucal, que indica o risco de o bebê ter Síndrome de Down, por exemplo.

**O terceiro:** Entre a 20<sup>o</sup> e 24<sup>o</sup> semana. Pode-se analisar o feto da cabeça aos pés.

**O quarto:** Ultra-som com dopplervelocimetria é feito no terceiro trimestre com objetivo de avaliar as condições útero-placentárias, a quantidade de líquido amniótico e o crescimento fetal. Fonte Dra. Patrícia Soares de Oliveira – médica especialista em radiologia (CADERNO MEU FILHO, 08/9/2008). [grifo da autora].

Olhando para trás é importante observar que a família apresentava uma configuração mais elástica (reunindo muitos agregados) e os laços de afeto se constituíam de outro modo. Segundo Foucault (2002), a família

[...] até meados do século XVIII, era [...] uma espécie de conjunto relacional, feixe de relações de ascendência, descendência, co-lateralidade, parentesco, primogenitura, aliança, que correspondiam a esquemas de transmissão de parentesco de divisão e repartição dos bens e dos estatutos sociais (p. 314).

Essa grande família reunia em casa muitas pessoas, tanto consanguíneos diretos, como indiretos e a criadagem. A nova organização do espaço familiar, a partir disso, exige

[...] uma nova física do espaço familiar: eliminação de todos os intermediários, supressão, se possível, da criadagem doméstica, em todo caso vigilância estreita dos empregados domésticos, a solução ideal sendo precisamente a criança sozinha, num espaço familiar [...] asséptico ( p. 311).

Mesmo que se mantenha uma vigilância constante para que a criança não corra determinados riscos, hoje, conforme o que aparece no material pesquisado, as trocas entre os membros de uma família ampliada se manifestam com a chegada do bebê:

Minha filha nem nasceu e já está unindo a família. Como o parto está previsto para o início de janeiro, meus pais e irmãos, os pais do Rafael e os irmãos dele, todos vêm passar o Réveillon conosco. Uma cunhada me deu vários livros assim que fiquei grávida. E vive mandando dicas sobre a gravidez. Outra presenteou a Sofia com um enxoval do nosso time de futebol e passou um fim de semana em São Paulo com a gente. Meu irmão ficou tão emocionado quando sentiu a nenê mexendo que perguntou se era eu quem fazia aquilo. A namorada dele quando me vê só quer saber de ‘conversar’ com a sobrinha. Minha irmã fez um álbum do bebê todo personalizado. Aliás, ela e minha mãe já estão ‘brigando’ para saber quem vai ficar mais tempo com a Sofia (CADERNO MEU FILHO, 3/11/2008).

Kuhlmann Junior (1998), quando se refere ao cuidado e recomendações às crianças brasileiras por volta de 1870, afirma que “[...] os médicos ganharam um papel preponderante nas discussões sobre a criança” (p. 91) em virtude das descobertas científicas da época. “[...] A puericultura era considerada como *a ciência da família, feita com a colaboração confiante da mãe e do médico, do amor materno esclarecido pela ciência* [...]” (p. 92). [grifos do autor]. É importante observar que as mães burguesas em suas alianças com os médicos serviram para divulgar, junto às mães da classe trabalhadora, os diferentes comportamentos que constituíam na época a função materna. O que não se faz muito diferente dos dias atuais, visto que a mãe deve conhecer atividades indicadas durante a gestação e utilizá-las sob a orientação de um especialista, tais como:

-Caminhada na esteira: ótima para a circulação geral, pois mantém o condicionamento aeróbico. Monitore a frequência cardíaca.

-Hidroginástica: é a atividade mais segura, pois o meio aquático atenua o peso da barriga e massageia o corpo. Na presença de contrações ritmadas e/ou dor, o exercício deve ser interrompido.

-Natação: é o exercício mais completo. Estilos que forcem a lordose (posição hiperestendida da lombar) devem ser evitados.

-Yoga: enquanto atividade respiratória, é excelente. Como atividade física é indicada para quem já é adepta, pois algumas posições causam desconforto.

-Ginástica: modalidades como a localizada são bem-vindas. Evite posições supinas (deitada de barriga para cima).

-Musculação: ótima atividade, se bem orientada. Fortalece tendões e músculos, além de melhorar as condições de recuperação pós-parto.

Fonte: Thaís Carneiro, professora de Educação Física

Os exercícios ajudaram você a enfrentar melhor a gravidez? (CADERNO MEU FILHO, 25/8/2008).

Para Ewald (1993),

[...]as relações, as estratégias e as tecnologias de poder que nos constituem, nos atravessam e nos fazem, são acompanhadas, permitem e produzem formações de saber e de verdade que lhes são necessárias para se consolidarem como evidentes, naturais e se tornarem, dessa maneira, invisíveis. Inversamente, a análise do saber, das formações discursivas e dos seus enunciados deve ser feita em função das estratégias de poder que, numa dada sociedade, investem os corpos e as vontades (p. 11).

Ao buscar compreender a formação da família Nave Mãe, procurei mostrar que, em um momento histórico, político, econômico, o Estado dirigiu intervenções, investimentos e controles de poder-saber às famílias, produzindo um modelo ideal, não para com isso buscar uma origem da família, mas justamente para reconhecer

nesta história continuidades e rupturas. Se a família nuclear que hoje vemos como modelo vigorante se formou e se mantém, é porque existem possibilidades para a sua manutenção, assim como atualmente, vemos as condições possíveis para outras formações familiares (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004). A partir desta retomada histórica, acredito que seja possível compreender na família Nave Mãe porque a mulher-mãe se sobressai com relevante acento na responsabilidade em conduzir a Nave. Essa responsabilidade, em grande parte, pode ser entendida a partir do discurso econômico, desenvolvido pelo neoliberalismo, quando convoca a família para ser empresária dela mesma.

## 2.1 NAVE MÃE - MULHER-MÃE EMPREENDEDORA

A possibilidade de analisar a constituição da mãe-empresária<sup>19</sup> surgiu a partir do que me senti instigada pela obra de Foucault no que trata acerca da biopolítica [...] “numa questão mais ampla, a da arte de governar; mais exatamente [...] no que ele designou de *governamentalidade*<sup>20</sup> (COSTA, 2009, p. 172). Ao longo das análises que Foucault empreende, busco em Becker<sup>21</sup> o que para meu estudo interessa da teoria por ele desenvolvida, porque é a partir dela que consigo enxergar como a racionalidade do mercado produz na mídia a vida da família Nave Mãe, levando a cronista a ver-se como mãe-empresária, que pensa no futuro promissor de sua filha.

Mas não somente isso; podemos, a partir do discurso econômico, entender o papel da mulher e do homem na esfera familiar. Foucault (2008b) definiu estudar dois aspectos do neoliberalismo americano: a teoria do capital humano e o programa

---

<sup>19</sup> No segundo semestre de 2009, a professora Norma Marzola ministrou o Seminário Especial: História de Governamentalidade. Para este Seminário lemos e estudamos na íntegra o livro Nascimento da Biopolítica. Foi muito especialmente a partir das aulas de 14 e 21 de março de 1979 que me ocorreu analisar a família como empresária dela mesma.

<sup>20</sup> Na aula de 1 de fevereiro de 1978, Michel Foucault explica o que entende por governamentalidade. “[...] o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. [...] a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de ‘governo’ sobre todos os outros – soberania, disciplina – e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e, por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes [...]” (FOUCAULT, 2008c, p. 143-144).

<sup>21</sup> Cientista americano, ganhador do Nobel de Economia em 1992, que pensou e elaborou sobre a teoria do Capital Humano.

da análise da criminalidade e da delinquência, este último não interessa a este estudo. A teoria do capital humano está vinculada a um processo de extensão da análise econômica a campos considerados até então não-econômicos.

Se na concepção clássica o homem precisava ser um dos parceiros da troca, no século XX, e mais fortemente no XXI, já não pode mais ser assim, pois precisa ser um empresário, um empresário de si mesmo. Como homem empresário acaba assumindo inteiramente o sucesso ou o fracasso de si e de sua família. Com isso, ele passa a ser um importante capital, responsável em valorizar ou não esse capital. Será para si o seu produtor, sendo a fonte própria de sua renda. O homem do consumo não é um dos termos da troca, na medida em que consome é um produtor. Produz o quê? A sua própria satisfação. Para ter suas satisfações plenamente atendidas é necessário que ele produza renda e que faça muitos investimentos, mui especialmente em educação. Esses investimentos são amplos, vão muito além do investimento escolar. A família é chamada, responsabilizada, é atribuída a ela, nos mínimos detalhes, que se invista na formação do capital humano. Na racionalidade neoliberal é importante que a família (em especial, a mulher) dedique muitas horas à criança. Nesta racionalidade

[...] – para a qual o homem é constituído como capital para si mesmo, como seu próprio recurso – além de campos como a própria genética, interessam diversos domínios e atividades, como por exemplo, o tempo de afeição e de cuidados que os pais devem dispensar aos filhos, as medidas referentes à saúde dos indivíduos, o problema de seus deslocamentos, etc (FONSECA, 2008, p. 160).

Constituindo o capital de si mesmo, a autora, em sua Coluna Nave Mãe, dá mostras de como a mulher poderá ser a mulher-mãe-empresendedora de si mesma, precisando estar atualizada e conectada com o mundo. Esta mulher precisa encurtar distâncias, precisa das tecnologias para gerir o tempo de modo econômico, precisa de um olho mecânico para dispensar cuidado à filha mesmo não estando presente.

Costa (2009) mostra como determinados valores econômicos

[...] que migraram da economia para outros domínios da vida social, disseminando-se socialmente, ganharam um forte poder normativo, instituindo processos e políticas de subjetivação que vêm transformando sujeitos de direitos em *indivíduos-micro* - empresas – empresários (p. 172). [grifo do autor].

No texto que emerge do jornal, podemos vislumbrar o quanto esta mulher-mãe mostra-se empreendedora de si e o quanto isto incide na educação que pretende promover para a sua filha. Tal como afirma o excerto:

Comecei a pesquisar escolinhas para minha filha. Ainda não faço idéia de onde ela estudará, mas a única coisa que já tenho certeza é que a escola será bilíngue. Meu marido e eu aprendemos inglês ao longo de muitos anos e ambos acreditamos que nossa filha só irá nos agradecer no futuro pela nossa decisão de hoje. [...] Independente de a pessoa ir morar fora ou não, uma criança bilíngue não aprende somente um segundo conjunto de vocabulário, mas ganha a habilidade de comparar e traduzir idiomas, fazer conexões entre as duas línguas e o significado delas (CADERNO MEU FILHO, 19/7/2010).

Não somente pelo excerto podemos ver que a mulher-mãe mostra-se empreendedora em relação ao futuro de sua filha, que ainda é um bebê. Segundo a jornalista, ao tratar sobre a escolha da escola de educação infantil para sua filha, ela mostra-se decidida, afirmando que a única certeza que tem é que a escola será bilíngue, isto porque falar dois idiomas desenvolve na pessoa “habilidade de comparar e traduzir idiomas, fazer conexões entre as duas línguas e o significado delas.” Além do que “pesquisas mostram também que as crianças bilíngües são mais detalhistas, mais criativas e têm o cérebro mais flexível que as crianças que só aprendem um idioma.” Ao finalizar ela sugere: “se você é pai ou mãe e tem condições, dê essa oportunidade a seu filho.”

A mulher-mãe-empreendedora investe em si, na sua formação, no seu corpo, na sua família, na sua filha. Vejamos como pode-se perceber isso na escrita da cronista:

Após ficar seis meses e meio curtindo todos os momentos da minha filha, acabo de voltar às aulas do MBA. Desde o nascimento da Sofia, eu não havia ficado um único dia sem fazê-la dormir ou verificado se ela estava quentinha e coberta. [...] Mas, aos poucos, fui sentindo uma vontade de estar em casa que só ia crescendo à medida que o tempo passava. E, quando mais se falava em estrutura estratégica e visão corporativa, mais eu pensava na visão que eu queria estar tendo da Sofia dormindo e na estratégia para que o tempo longe dela passasse o mais rápido possível. A vida é assim mesmo e não podemos colocar todos os ovos na mesma cesta. [...] Então, só espero que eu consiga me dedicar ao curso com toda a força e terminar o MBA, pronta para encarar um novo desafio profissional (CADERNO MEU FILHO, 27/7/2009).

Essa mãe-mulher-empresendedora-estudante vê-se diante de um impasse: voltar a estudar e diminuir o tempo com a filha, delegando a outras pessoas o que fazia ou cancelar o mestrado e ficar com ela? Esse impasse é resolvido quando conclui “não posso ser uma mãe maravilhosa e esquecer o outro lado da moeda. Quero que minha filha tenha orgulho da mãe dela.” Mesmo com toda a infraestrutura que tem em volta de si (babá, empregada, marido que ajuda, família que se mostra disponível quando necessário), ela vive o problema de retomar a sua vida anterior ao nascimento de sua bebê, que, ao que tudo indica, é resolvido por ela própria ao perceber que pode dar mais à filha voltando a estudar. Como diz de si e de suas impressões:

[...] Ao entrar no carro sozinha em direção à universidade, sensação de liberdade. Pela primeira vez, eu saía sem ter de retornar correndo. Eram 18 horas e eu voltaria já perto das 23h. No início da aula de Gestão Estratégica, fiquei empolgada em saber que consegui retomar meus estudos e que, brevemente, terei o diploma do mestrado (CADERNO MEU FILHO, 27/7/2009).

Ao revelar às suas leitoras as minúcias de sua vida com suas múltiplas micro-empresas construídas no seu entorno, a autora lembra Deleuze (1992) quando afirma que não precisamos mais da ficção científica para se conceber mecanismos de controle que informem nossas posições no dia a dia. A Coluna nos indica o que está no lugar da disciplina: uma mãe empresenedora que precisa de alguma forma e de diferentes modos controlar a casa, a filha, o marido e “ser uma mãe maravilhosa” que pode, ainda, dar mais à filha pelo fato de deixá-la para continuar a estudar. É o que veremos a seguir.

## 2.2 NAVE MÃE – A FAMÍLIA PLUGADA NO MUNDO

Rocha (2005) mostra algumas transformações ocorridas no Ocidente comparando as sociedades de soberania e disciplinar (estudadas por Foucault) e a de controle (estudada por Deleuze) chamando, em diferentes momentos, a atenção para atentar-se de que não existe a superação de uma pela outra; e que em alguns casos existe a superposição de dispositivos entre elas. Assinala que: “se as disciplinas [...] produzem saberes que pretendem nos garantir mais e melhores anos de vida, os atuais recursos tecnológicos pretendem garantir uma defesa prévia e

permanente aos riscos a que estamos expostos [...]. (p. 44). Ainda quando utiliza Cardoso Jr (2002) assinala que

Os fluxos tecnológicos (...) tornam-se cada vez mais importantes para o controle porque eles são meios de extensão, isto é, de virtualização do corpo humano. Eles não se contêm em fornecer ao corpo grandes braços virtuais (uma ferramenta, uma máquina) ou um cérebro ampliado (computadores), pois os fluxos que eles produzem, os fluxos que eles são, penetram nosso corpo, modificando-o, já que extrapolam nossas relações psicomotoras naturais (apud ROCHA, 2005, p. 42).

Não temos a menor dúvida de que as máquinas parecem ser a extensão do nosso corpo. Parece que nossos olhos e ouvidos se agigantaram de um modo a controlar o que nos interessa diferente de como fazíamos antes. As tecnologias estão transformando o modo como as pessoas se relacionam.

O uso das tecnologias na vida da jornalista foi recorrente na sua escrita em várias Colunas: em relação ao uso que delas fez para acompanhar a gestação e ver a vida que serenamente se desenvolvia dentro dela; para falar no *blog* e dele extrair os textos de suas crônicas; para expor às leitoras as conquistas e aprendizagens de sua filha; para se comunicar à distância com sua família; para controlar e vigiar a sua filha.

Foram diferentes usos em diversas situações em que esta mostrava certa sintonia e visível dependência das diferentes tecnologias glorificando os benefícios que ela traz, dentre os quais cito: segurança, encurtamento das distâncias, aproximação, rapidez na resolução de problemas, dicas preciosas que lhe ajudaram com sua filha. Embora sinta que as diferentes tecnologias lhe servem, em um momento mostrou incômodo com as invenções que tanto defende e usa, parecendo sugerir que deva existir um limite de intervenção das tecnologias eletrônicas na vida dos humanos.

Contudo, não me pareceu se sentir controlada, mesmo em momentos em que ficava dependente dela para acompanhar o que a máquina vigiava. Não me pareceu sentir-se exposta, percebi que para ela a exposição é a possibilidade de compartilhar o que sua filha aprendia a partir da educação que ela promovia ou para servir de modelo a outras famílias que aprenderiam com suas experiências. Ligada, atenta, fazendo diversos usos das diferentes tecnologias, a jornalista mostra estar “em paz” com as diferentes invenções que tornam o nosso corpo mais elástico

chegando bem próximo das realidades que estão bem longe geograficamente de nós.

Mostra-se, sim, mulher-mãe-empREENDEDORA-digital que resoluta investe nas tecnologias para estar plugada no mundo. Mulher-mãe-digital que tem uma família que se dispõe a ter e usar a tecnologia para acompanhar a vida de sua filha. Neste sentido acredito que fica bem visível o que escreve:

Dizem que avó é mãe em dobro. E bisavó, é mãe em triplo? No caso da Sofia, a resposta é sim. Nunca vi minha avó tão apaixonada por alguém como ela é pela minha filha. E a boa notícia é que a recíproca é verdadeira. [...] Minha avó ficou até mais próxima de mim depois que minha filha nasceu. Ela acompanha todas as peripécias da pequena, cheia de orgulho. [...] Chegou a instalar um computador na sala de casa dela para falar pelo Skype conosco (CADERNO MEU FILHO, 1/11/2010).

Lendo o jornal vemos como a tecnologia incide no seu estilo de vida. Em diferentes momentos, as escritas de suas Colunas são oriundas dos assuntos tratados em seu *blog*, como mencionado anteriormente. Ela sugere vários *sites* para ratificar ou completar os textos que escreve.

A jornalista faz uso de uma pedagogia que busca ensinar às mães modos de viver, acessar, fazer uso das tecnologias para aqueles que, como afirma Prensky (2001, apud DORNELLES, et al, 2010), “[...] são conhecidos como *imigrantes digitais*, pois aprenderam e conheceram os computadores e outros aparelhos eletrônicos ao longo de suas vidas” (s/p). [grifos da autora].

Em diferentes momentos ela mostra às suas leitoras como faz uso das tecnologias como: *skipe*, *iPod*, babá eletrônica, celular, para fazer circular imagens de sua filha, comunicar-se com a família em tempo real, selecionar um repertório musical, controlar a bebê à distância. Como mora longe de sua família, segundo ela, o uso do *skipe* encurta as distâncias e torna a relação de sua filha mais próxima de seus familiares. Tanto a cronista quanto sua mãe, quanto a bisavó de sua filha aderiram ao uso desta tecnologia reconhecendo que ela possibilita manter a aproximação. Vejamos o que escreve sobre isso.

Foi-se o tempo em que a distância era problema de comunicação. Hoje em dia até os bebês se aproveitam dos adventos tecnológicos. Como moramos em São Paulo, não temos o contato físico que gostaríamos com nossa família e amigos no Rio Grande do Sul. Mas, graças ao *skype*, agora minha mãe não passa um único dia sem ver e ‘conversar’ com a neta. A Sofia tem só três meses, eu sei. Mas, cada vez que ela enxerga o rostinho da vovó no

computador, fica ainda mais animada. Justamente na fase em que ela já presta bastante atenção aos sons e às luzes, agora que ela já observa tudo o que está ao redor. A novidade tem sido curtida e aprovada tanto do lado de cá quanto do lado de lá do computador (CADERNO MEU FILHO, 06/4/2009).

Na mesma Coluna, a jornalista escreve sobre o poder positivo de controle que tem o *skype*, fazendo um elogio à tecnologia.

Outro dia eu fiquei sabendo de uma história ainda mais curiosa [...] no Canadá, onde mora, a mãe de primeira viagem – que não tem babá, e o marido trabalha o dia todo - passa 24 horas na função do primeiro filho. Cansada, ela não conseguia dormir nem quando o bebê dormia, com medo de que o filho acordasse e ela não estivesse desperta. Foi então que a tecnologia entrou para ajudar essa nova mamãe. A mãe dela, avó do bebê, que mora aqui no Brasil, fica de olho no neto enquanto a mãe descansa. O detalhe é que o olho é o da câmera do computador, pois pelo *skype* ela fica olhando o neto dormir. Quando ele acorda ou dá alguma mexida estranha, ela liga para a filha. Não é fantástico? Foi a forma que elas encontraram para a mãe relaxar de verdade durante o dia (CADERNO MEU FILHO, 06/4/2009).

A tecnologia que, segundo Fischer (2006b) “[...] nos permite saber mais de nós e do mundo, e que corresponde, também, a uma vigilância e a um olhar anônimos, incontroláveis em sua força e extensão, [também] se sofisticada, no sentido de orientar, cuidar, instruir, formar. De subjetivar, enfim [...]” (p. 71).

Outra tecnologia que passou por atualizações servindo para vigiar e cuidar é a babá eletrônica com ‘camerazinha’<sup>22</sup>, permitindo ouvir o som e ver a imagem da criança, o que possibilita um controle maior mesmo que distante. Sobre isso ela escreve.

Outra invenção tecnológica que eu não vivo sem é a babá eletrônica com camerazinha. A minha parece com iPod. É bem pequenina e pode ser levada para a sala, o quarto, a cozinha. No nosso prédio pega até na piscina. Se com as babás eletrônicas antigas, em que só se ouviam os ruídos, com qualquer barulhinho os pais saíam correndo para ver o que havia acontecido, com a câmera é possível ver se a criança apenas deu uma respirada mais forte, se mudou de posição, ou se de fato precisamos ir ver o que está acontecendo (CADERNO MEU FILHO, 06/4/2009).

---

<sup>22</sup> Bujes (2006), no artigo *Outras Infâncias*, ao escrever sobre as Novas formas de confinamento e vigilância, aponta que a Microsoft estava em fase de testes de um computador em forma de ursinho, que além de “servir de babá eletrônica”, poderia controlar as crianças (p. 225). O ursinho Teddy já está sendo comercializado nos Estados Unidos ao valor de U\$650,00. Aos interessados acessar: [www.my-spycam.com](http://www.my-spycam.com)

Distanciar-se da criança e fazer outras coisas, vigiando-a, parece propiciar segurança, tranquilidade e mais liberdade, contudo, controlar e ser controlada é assim que a jornalista mostra a seus leitores como vive a sua vida, já que é “super a favor de tudo o que pode ser feito para facilitar a comunicação entre as pessoas.” Como podemos perceber, é favorável à tecnologia de controle e vigilância, entretanto, existe para ela uma medida ao uso desse controle. Deixa isso expresso ao escrever sobre a recente criação da pulseira que traduz o choro dos bebês.

**Mas também não vamos exagerar.** Li esses dias que inventaram nos Estados Unidos<sup>23</sup> uma pulserinha que promete ‘traduzir’ o choro do bebê a pais inexperientes. O sensor que vem acoplado à pulseira analisa o choro e promete decifrar a razão do desconforto e defini-la com uma das seis palavras: sono, fome, fralda, tédio, doença ou estresse. **Agora eu é que fiquei estressada com essa. Sabemos que o progresso veio para facilitar, mas jamais substituir. Será que algum dia vai haver algo que substitua o beijo, o carinho, a troca mágica de olhar entre pais e filhos? Se existir, eu não quero experimentar** (CADERNO MEU FILHO, 06/4/2009). (grifos meus).

O que nos remete a Deleuze (1992): o homem com sua coleira eletrônica, o bebê com sua tornozeleira eletrônica que substitui o corpo individual pelo virtual que pode sempre e cada vez mais informar, cuidar, vigiar, controlar, mostrar, exibir, aprender, se comunicar de modo rápido. No excerto acima ainda se pode atentar para a diversidade dos usos da tecnologia na vida da cronista, quando, ao sair de férias com sua filha ainda bebê, ela mantinha contato diário com seu marido e possibilitava isto a sua filha que, segundo ela, “[...] não podia ver um computador que ficava apontando: - Papai!” (CADERNO MEU FILHO, 01/2/2010), o que nos remete a Buckingham (2010) quando trata em seus estudos sobre mídia e afirma “[...] a infância contemporânea está permeada, em alguns sentidos até definida, pela mídia moderna [...]” (p. 42). Desta forma, vemos o quanto a jornalista, mesmo longe, estabelece uma relação de proximidade com o marido/pai ausente e de maior dependência ao uso da tecnologia. Buckingham sublinha que a mídia cria “[...] a *ilusão* de controle, a sensação de que nós, a audiência, estamos no comando [...]” (p. 46). [grifo do autor].

---

<sup>23</sup> Hansook Lee, *designer*, criou a pulseira *Baby Says*, que possui um sensor capaz de decifrar o choro dos bebês. A pulseira ainda não está sendo comercializada.

Entretanto para a jornalista, o celular foi também tão utilizado para comunicar-se, como para dividir com familiares rapidamente as novidades de seu bebê. O uso desta tecnologia fica evidente na passagem abaixo.

No meio da tarde, meu Vovô Marcos inventou uma sessão de fotos. Depois de mamar mais uma vez, chegou a hora do banho. Quando minha avó foi tirar minha fralda, surpresa: meu cordão umbilical havia caído. Aí fui obrigada a posar para uma nova sessão de fotos. Desta vez, as fotógrafas eram mamãe e vovó, cada uma com sua máquina fotográfica e telefones celulares, que enviam as fotos para todo mundo (CADERNO MEU FILHO, 19/1/2009).

Também a tecnologia está na hora do banho do nenê e no momento do sono, já que sua filhinha tem um *iPod* só com músicas eruditas, canções de ninar e outras para a hora do banho. Foi através do *blog* que ela resolveu o choro na hora do banho, quando recebeu duas dicas preciosas:

A primeira, que inicialmente me deixou um tanto espantada, era que, ao botar duas meias como luvinhas nas mãos do bebê, ele ira parar de chorar. E a outra era usar uma redinha para apoiar a criança dentro da banheira. Desde então, a Sofia nunca mais chorou e, hoje, quase dorme de tão relaxada que fica na banheira (CADERNO MEU FILHO, 26/1/2009).

Rocha (2005) sublinha, a partir do estudo em Deleuze, quando observa que, nas sociedades de controle,

[...] o tipo de saber vigente é o saber-fluxo [...], que é difundido – e permanentemente atualizado – através dos meios tecnológicos (e instantâneos) de comunicação. A vigilância, neste tipo de sociedade, também faz uso de inovações tecnológicas a fim de exercer um controle mais ágil, mais intenso e mais perfeito, em todo e qualquer lugar [...] (p. 49).

Fazendo uso de um instrumento que possibilite o controle intenso, a Nave Mãe aponta para suas leitoras o quanto as tecnologias se fazem presentes em todo e qualquer lugar de sua cotidianidade. Mostra o quanto esta é importante, inclusive para que durante a gestação outras lentes penetrassem no seu corpo. Este controle, como bem mostra a jornalista, lhe causava dois sentimentos, o de angústia, mas também, e ao mesmo tempo, a sensação de alívio. Este controle promove modos de se ver a vida e por isso passa a ser justificado. Possibilita o acompanhamento mais

intenso medindo comparativamente o antes e o agora do seu bebê. Controle desejado porque, como bem mostra a cronista,

Acabo de fazer o ultra-som morfológico de 22 semanas. [...] Mesmo com as mexidas que eu já percebo, é incrível como sentimos uma insegurança enorme no período em que ficamos 'dessasistidos'. Se por um lado na época da minha mãe havia muito menos recursos para avaliar o estado de saúde dos bebês dentro do útero, por outro, essa 'ignorância' devia gerar menos angústia. Entre uma ecografia e outra, fico só imaginando se está tudo bem com minha bebê, se ela está se desenvolvendo corretamente, dentro dos conformes (CADERNO MEU FILHO, 08/9/2008).

Como aponta Buckingham (2010), esta mãe faz uso de uma série de “[...] *commodities* ligados à mídia que formam a cultura do consumo contemporâneo [...]” (p. 42). [grifo do autor]. Ou seja, de algum modo a Nave Mãe ensina às outras mães o uso que se pode fazer das tecnologias, para que se possa fazer mais e mais presente na vida do seu filho, conseqüentemente, da sua família.

### 2.3 NAVE MÃE – O FORTE VÍNCULO COM A FAMÍLIA MATERNA – O AMOR COMO CONSTITUIDOR DAS RELAÇÕES ENTRE AS GERAÇÕES

Pollock (2010) nos leva a perceber a importância de analisar a educação oferecida às crianças no âmbito doméstico, pela família, que possuía um papel preponderante em sua educação, tendo em vista que, muito recentemente, somente no século XIX, a escola passou a ser obrigatória na Europa. Segundo a autora, famílias de classe alta e baixa viam como obrigação a educação das crianças, tendo como principal responsável a mãe.

Às mães cabia ensinar os princípios da educação religiosa, assim como a iniciação na leitura e ensinamentos básicos de redação. As mães deveriam ser e ensinar exemplos de moralidade. Deveriam ser e ensinar obediência, principalmente às filhas. Pollock (2010) me instiga a pensar o quanto a mulher-mãe teve um papel fundamental na educação das crianças. Olhar para a história da família e enxergar a preponderância do papel da mulher no passado com vistas a entender as continuidades e descontinuidades que existiram e que incidem na organização familiar contemporânea, me parece importante, pois tal qual Larrosa (2000) sugere, entenderemos que nossa história resulta das contingências e de especificidades que são criadas a partir de possibilidades.

Embora a jornalista afirme que o casal engravidou e que seu marido é companheiro dedicado e compartilhe com ela muitas tarefas e atribuições na educação da filha, percebo através de seus ditos, que é a ela a quem atribui-se grande parte da educação de Sofia. Em diferentes Colunas ela escreve: “minha filha nem nasceu e já está unindo a família”. De fato percebemos isso ao longo de suas crônicas, entretanto, essa união e esse envolvimento parecem ser mais visíveis pelo lado materno. Ramos (2011), afirma: “Especialmente na relação mãe-filha, um forte elo se estabelece no momento em que o novo descendente nasce: é como se as avós reconstruíssem o seu próprio parto através do parto de suas filhas, reforçando a equidade e a aliança entre elas” (p. 128).

Percebemos que a avó materna está completamente envolvida com a gravidez da filha. E, segundo a jornalista, ela

[...] vive me paparicando, liga todo tempo para saber como está a neta e tem vindo a São Paulo com muito mais frequência que antes. [...] Como eu farei o parto em São Paulo, ela já se programou para passar três meses por aqui. Isso mesmo, três meses. E adivinha onde ela vai ficar? Exatamente em frente ao meu apartamento. Alguns já dizem que ela vai se mudar para São Paulo de vez. Brincadeiras à parte, sei que ela será uma avó maravilhosa, daquelas que sentam no chão e brincam horas com os netos, nem vendo o tempo passar. De minha parte, apenas tenho de agradecer a ela e torcer para que seja uma mãe exatamente como ela foi e é para mim (CADERNO MEU FILHO, 20/10/2008).

A importância da família materna, em especial a sua mãe, na vida da jornalista é também expressa quando mostra temor e ansiedade frente à possibilidade de sua mãe estar ausente na hora do parto. Para todos é um momento de aprendizado, pois

Se o nascimento do primeiro filho marca de forma imponente a vida dos novos pais, o nascimento do primeiro neto também deixa suas marcas na vida dos novos avós. [...] os novos pais vão redefinir sua posição no seio familiar, buscando legitimar o seu lugar a partir desse novo papel, ao mesmo tempo em que os novos avós irão, na qualidade de pais, socializar seus filhos nos papéis materno e paterno, assim como construir a sua mais nova identidade: a de avós (RAMOS, 2011, p. 114).

A avó materna acompanha a filha e neta em diferentes momentos mostrando o quanto a sua presença traz segurança e bem-estar. O avô materno, embora separado da avó, mostra-se presente na vida da filha e da neta. Segundo Ramos (2011), “muitas pesquisas mostram que, nas sociedades ocidentais, os laços com o

lado materno tendem a ser mais fortes do que com o lado paterno, em virtude da centralidade das mulheres nas relações familiares” (p. 157).

Em uma das Colunas a jornalista escreve em nome da filha:

Alô alô, Nave Filha chamando! Resolvi pegar emprestado este espaço da minha mãe para contar um pouco as minhas aventuras [...] Da mamada do meio-dia – o meu superalmoço – dei uma engasgada fortíssima. Cheguei a ficar roxa. [...] Vovó Sônia também ficou nervosa. Os três segundos pareceram uma eternidade para elas. Depois, minha mãe caiu em prantos, e minha avó ficou morrendo de pena dela. Calma, mamãe e vovó! Este foi apenas o primeiro susto! [...] No meio da tarde, meu Vovô Marcos inventou uma sessão de fotos. [...] Depois de mamar mais uma vez, chegou a hora do banho. Quando minha avó foi tirar minha fralda, surpresa: meu cordão umbilical havia caído. Aí fui obrigada a posar para uma nova sessão de fotos (CADERNO MEU FILHO, 19/1/2009).

As primeiras férias da jornalista após o nascimento da filha foram na casa de praia de sua mãe, momento de grande reunião da família que disputava para ficar com a bebê.

Passar as férias na casa da minha mãe com meu marido, minha filha, meus irmãos e cunhados foi dos momentos mais maravilhosos que já vivi em toda minha vida. Uma criança enche uma casa [...]. Do café da manhã à hora em que a guriuzinha ia dormir – incluindo a mamada da madrugada –, a disputa pelo bebê foi acirrada. Minha mãe sempre com a ficha número um. [...] Meu padrasto com prazer deixava seu prazer de fumar para o lado de fora da casa. Pela Sofia, vale qualquer esforço. Minha avó não começava o dia dela antes de ver a bisneta. Quando íamos de carrinho ao hotel onde estava hospedada, ela ficava eufórica. Enfim, a Sofia mudou não só a vida minha e a do Rafa como a dos que nos rodeiam (CADERNO MEU FILHO, 02/3/2009).

Na Coluna se pode ler o quanto a presença de sua mãe é importante na vida da cronista e na vida da filha. Expressa que consegue ser “boa” mãe, porque recebeu amor de sua mãe, escrevendo de diferentes maneiras e em diferentes Colunas, que gostaria que o amor fosse a primazia nas relações que pretende desenvolver com sua filha.

Orlandi (1985), quando se refere ao amor materno, mostra em seus estudos, assim como Badinter (1981), que o amor entre mães e filhos é um sentimento construído. Orlandi aponta que, a partir da metade do século XVIII, se promove

[...] uma verdadeira campanha a fim de recriar o amor materno, há tanto tempo desaparecido. O amor materno adquire, então, novo conceito, com valores naturais e sociais favoráveis à espécie e à sociedade. [...] Para conseguir tal intento, foi preciso convencer as mulheres a voltarem às suas funções de mães [...] (p. 42).

Concordo com Orlandi, embora se presuma que o afeto existe nas famílias, em especial às crianças, sabemos que este sentimento é construído e sentido de diferentes maneiras e, às vezes, como em outros tempos, pode não existir.

## CAPÍTULO 3

3 Maternidade: “a mais linda jornada”

3.1 Maternidade: um marcador – as transformações do corpo

3.1.1 Maternidade: outro marcador

3.2 Maternidade: o instinto materno na Nave Mãe

3.3 Amamentação: me deixem eu e minha filha, este é o nosso momento

*Mãe* **filho** ZERO HORA

Porta-Blogos, 14 de Junho de 2008 - Nº 100

### 3 MATERNIDADE, “A MAIS LINDA JORNADA”

É incrível como um risquinho a mais no teste muda totalmente a nossa vida. Meu marido e eu resolvemos parar com o anticoncepcional na volta da lua-de-mel. Muitos diziam - Aproveitem a vida de casados antes de pensar em filhos! Mas nós já vínhamos aproveitando, já éramos casados, só faltava oficializar. Sabíamos que estávamos prontos para encomendar um bebê. Voltando ao teste, todo mundo falava que, quando se quer engravidar, a primeira coisa a fazer é não pensar no assunto. Quanto mais a gente quer, mais difícil é conseguir. Como queríamos muito, imaginávamos que levaria pelo menos seis meses. No mês seguinte, a menstruação não veio. Comprei um teste na farmácia. Resultado: um risquinho só. Negativo. [...] O médico disse para fazer outro teste. [...] Meu marido veio almoçar em casa e fui de novo para o banheiro. Lembra bem: um risquinho era negativo. Dois risquinhos, positivo. Apareceu o primeiro. Respirei fundo. Alguns segundos depois, o segundo. Tão forte quanto o primeiro. Gritei! O Rafa correu. Nos abraçamos, choramos, vibramos. E a partir daquele instante me tornei outra pessoa (CADERNO MEU FILHO, 04/8/2008).

A cena que a jornalista descreve fornece um indicativo do que o período gravídico representa na vida deste casal. Segundo a cronista, eles já tinham aproveitado a vida de casados o suficiente e agora estavam prontos para ter o bebê. Estar pronto, segundo o que parece, é ter disponibilidade para abrir mão de coisas que ambos faziam para incluir uma criança nos seus projetos de vida. Assim, esperou o marido chegar para fazer o teste, porque talvez pudesse ver confirmada a gravidez. Trazer a sua experiência de maternidade para a mídia, não mostrar aos leitores apenas a sua individualidade gravídica, é sim, mostrar “[...] que cada prática [...] engendra o objeto que lhe corresponde [...]” (VEYNE, 1998, p. 256). Riffel (2005) vai mais além e afirma que “[...] é por isso que as coisas e os objetos não existem fora de suas práticas correspondentes [...]” (p. 42).

Como vimos no excerto, os gritos, os abraços, os choros e as vibrações mostram a importância que a maternidade tem para as suas vidas. Essa importância que vemos na cena vai determinar o grande investimento e o cuidado que terá consigo e com o seu corpo para que tudo ocorra bem, expressando que, a partir daquele momento, tornou-se outra pessoa. A partir da forte emoção que ela descreve vivida e sentida pelo casal, esse bebê vem para afirmar o grande amor que um sente pelo outro. Essa emoção, alegria, felicidade é descrita ao longo das suas narrativas. Trago a narrativa do jornal como aquilo que autoras como Mota (2011), a partir de Maldonado, 1985; Colman e Colman, 1994; Brazelton e Cramer, 1993 afirmam que é, no terceiro mês, de gravidez que as mulheres entram num **estado de graça**, ou seja, é

Neste período, considerado o mais estável do ponto de vista emocional [que], a grávida torna-se particularmente sensível ao seu estado actual, interessando-se por encontrar um estado de sintonia, vulgarmente denominado de 'estado de graça', entre o seu comportamento e o do feto, sendo este facilitado pela vivência fantasmática e imaginária que a grávida experiencia em relação ao seu filho (p. 10-11).

Contudo, para a cronista, este estado se estende por muitos meses de sua gestação, pois, até o trimestre final vive “[...] o momento mais especial da minha vida [...] a Sofia mexe bastante, mas longe de me incomodar. [...] A partir do sétimo mês, as grávidas ficam mais cansadas. Pois eu me sinto bem e cheia de disposição, em total estado de graça [...]” (CADERNO MEU FILHO, 29/9/2008).

Esse “total estado de graça” é um sentimento que não é exclusivo da cronista, pois em diferentes artefatos culturais lemos, ouvimos e vemos depoimentos de mulheres que, ao viverem a maternidade, expressam-se exatamente deste modo. Schwengber (2006), ao analisar a revista *Pais & Filhos*, aponta que nos textos e imagens vê-se a ideia da sacralização do corpo grávido. Estar em estado de graça, viver este momento como sendo o mais especial, segundo ela, contribui “[...] para um posicionamento que fortalece uma representação da gestante feliz, contente e, de certo modo, deslumbrada em relação à gravidez [...]” (p. 65). Entretanto não se pode perder de vista que, como explica Mota (2011):

A combinação e peso de representações de gravidez e maternidade traduzem-se na existência de diferentes perfis de mulheres face à maternidade: mulheres para quem ser mãe faz parte do seu projecto de vida; mulheres para quem ser mãe é um dos aspectos mais importantes do seu projecto de vida; mulheres que receiam ser mães; mulheres que não desejam ser mães e mulheres para quem ser mãe é o único aspecto importante do seu projecto de vida. Importa referir que as implicações comportamentais e desenvolvimentais destes significados e perfis não são lineares. Podendo dizer-se que nenhum deles é funcional ou disfuncional em si mesmo. Traçam-se em função da interacção dos factores mencionados e a sua função adaptativa depende da articulação e do confronto com situações específicas (p. 24-25).

No caso estudado, parece haver uma quase unanimidade e uma obrigatoriedade em afirmar que a gravidez é um momento especial e um estado de graça, apesar dos inúmeros incômodos oriundos da gestação, como

[...] acordar com um rombo no estômago, morrendo de fome, mas mal conseguindo comer. Pão integral, queijo branco, mamão, nada mais descia.

Virei adepta de arroz com purê de batatas, minha refeição predileta na sétima, oitava, nona semanas. De carne vermelha, passei a ter nojo. Eu, que amava bife malpassado, que pedia ao meu marido que fizesse churrasco aos domingos. Doces nem pensar. Molhos também não. Minha dieta se reduziu a arroz, purê, pão francês e manteiga. E bolachas de água e sal – meu médico indicou comer um pedacinho sempre que começassem os enjoos. Passei a me sentir muito fraca, a pressão chegou a nove por seis, mas o obstetra disse que era bom sinal. Que ótimo que o bebê estava bem, mas e eu, que me sentia tão mal? [...] Mas, pelo amor de Deus, estava péssima! Devia existir alguma coisa para me fazer melhorar. Dramin era dos poucos remédios autorizados, mas, nas raras vezes em que tomei, fui derrubada como se um caminhão tivesse me atropelado. [...] (CADERNO MEU FILHO, 11/8/2008).

Apesar dos enjoos, fraqueza, um grande mal-estar sentido no início da gestação e inúmeras restrições, ela expressa

[...] Algumas mulheres tem desejos, outras não podem ver algumas comidas na frente. A maioria dorme demais. Algumas perdem o sono. Muitas que eram duronas viram manteiga-derretidas. Tem aquelas que eram calminhas e que, com a gestação, viram bicho quando contrariadas. Tudo é normal, tudo é aceitável, apesar das diferenças. O que é igual para todas as mulheres é que uma hora ou outra a barriga vai crescer, ficar enorme. Mas quando exatamente isso vai acontecer? Aí é que são elas! Depende se a mãe começou a gravidez magrinha ou gordinha, se está cuidando da alimentação ou comendo por dois, o que aliás, os médicos não recomendam [...] (CADERNO MEU FILHO, 18/8/2008).

Recomendações em relação ao que come e bebe, prescrições ao que deve ou não fazer, exames minuciosos, visitas regulares e confissões que, segundo Riffel (2005), são mais que confissões, é um verdadeiro inquérito que o médico obstetra faz durante a gravidez. Recomendações que precedem à gravidez, quando a mulher sinaliza o desejo de engravidar, mostra-nos como o corpo grávido passou a ser alvo de um poder-saber que normatiza a vida da mulher definindo uma conduta tão prescritiva e é tão bem aceito e desejado fazendo-a sentir-se desassistida em períodos que não vai ao médico. Esta se sente insegura se não encontra o obstetra para que seus menores movimentos sejam controlados, onde todos os acontecimentos sejam registrados, mostrando que o poder é exercido sem divisão (FOUCAULT, 1999b). Como bem expressa ao afirmar: [...] “mesmo com as mexidas que eu já percebo, é incrível como sentimos uma insegurança enorme no período em que ficamos ‘dessassistidos’ (CADERNO MEU FILHO, 8/9/2008). Daí se entender, que a palavra do doutor é transformada em lei.

Larrosa (2008), a partir dos estudos de Foucault, afirma que o indivíduo “[...] se fabrica no interior de certos aparatos (pedagógicos, terapêuticos,...) de subjetivação” (p. 37). Meu objetivo, portanto, é retomar de forma mais rigorosa, como vislumbramos isso na assertiva da jornalista e mostrar que o cuidado que ela tem consigo – esse tornar-se outra pessoa – se dá em virtude do cuidado que ela deverá ter com o outro – sua filha.

Em seus estudos sobre as obras de Michel Foucault, em especial a que se refere à constituição do sujeito, Fonseca (1995) sublinha que devemos pensar a constituição do sujeito a partir da objetivação tanto em relação ao que as Ciências do homem dizem sobre ele, quanto ao que ele diz de si próprio, como ao que os outros dizem e, por fim, ao processo que torna o indivíduo passível de educação para ter condições de se reconhecer sujeito de algo. Essa constituição que objetiva o sujeito deve ser visibilizada a partir de práticas discursivas e não discursivas. Para pensarmos a constituição do sujeito é necessário levarmos em conta os processos e mecanismos de objetivação e de subjetivação.

Larrosa (2008) sublinha que existe uma “[...] articulação entre saber e poder em cujo interior se produz o sujeito” (p. 52). Neste estudo afirmo que a jornalista é subjetivada pelas práticas discursivas e não discursivas que a constituem mãe de um modo. Assim, ao falar de si através das suas confissões publicizadas na mídia, também podemos vislumbrar como ela pensa a educação da criança; a constituição e identidade do homem-pai; o governo de sua família. Ao me ater sobre essas questões, acredito que respondo ao problema deste estudo: **como a Coluna apresenta, constitui e faz circular um modelo de família, de maternidade, de paternidade, de criança, de filho, a partir de um modo de existir, que possa ser tomado como uma forma de ensinamento a quem a lê. Quais os discursos que preponderam nesta constituição – nas crônicas quando ela fala de si e de sua família? A publicização de particularidades escritas nas crônicas poderia ser vista como uma maneira de pensar o cuidado de si na contemporaneidade e serviriam de substrato e de condição para cuidar do outro?**

Para entendermos a constituição da mulher-mãe, devemos considerar conjuntamente a objetivação e a subjetivação como processos inseparáveis. A objetivação no que diz respeito a tomar o corpo feminino como disciplina que produz, segundo Foucault (1999b) “[...] uma arte do corpo humano” desenhado a

partir de uma “[...] maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe” (p. 119). Ainda, a partir do filósofo, as disciplinas formam

Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica do poder’ [...] ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’ (p. 119).

O domínio sobre o corpo grávido faz com que a jornalista opere técnicas sobre si mesma, o que foi alcançado graças a uma imensa gama de materiais que compunham aquilo que Foucault (1999a) denominou de *ortopedia discursiva*, produzindo a partir de saberes legitimados pela ciência médica a objetivação do corpo. Corpo submisso a um saber que a subjetiva como mulher-mãe disciplinada que faz das palavras de seu médico-obstetra a lei, constituindo assim uma total confiança nesse especialista. Corpo grávido que precisa ser acompanhado num detalhamento intenso e com tal minúcia que a leve a fazer

[...] uma série de exames para saber como está a nossa saúde. Afinal, agora uma vida está crescendo dentro de nós, e todos os cuidados devem ser tomados. Um deles é evitar carnes mal passadas, saladas mal lavadas e peixes crus para não contrair toxoplasmose, uma doença que pode causar má-formação no feto (Caderno Meu Filho, 1/9/2008).

Como afirma Riffel (2005),

A consulta entre profissional e usuário é uma prática “científica” que tem um propósito preestabelecido e socialmente reconhecido. No caso da obstetrícia, as mulheres são levadas a entregar seu corpo para que ele seja salvo da morte e das limitações que a gestação pode provocar [...] (p. 105).

Deste modo, podemos entender que para a jornalista, ao se apresentar para suas leitoras como uma mulher-mãe cuidadosa consigo, ela deve ser objetivada pelos conhecimentos, preceitos, condutas e prescrições produzidos, também (e não somente) pelo discurso médico em relação ao seu corpo, para que tudo ocorra bem nesta gravidez. Isso torna visível o quanto o poder deste discurso obstétrico é carregado de efeitos do saber que o mesmo possui. Esses saberes pelos quais a cronista se vê capturada fazem com que ela conduza a sua conduta tal qual se espera de uma mãe que sabe conduzir a *Nave*.

Ao escrever em sua Coluna sobre os cuidados que está tomando consigo e o quanto obedece às prescrições do seu médico resultando com isso, aquilo que afirma na coluna do dia 29 de setembro de 2008: [...] “eu me sinto bem e cheia de disposição, em total estado de graça” [...] – ela multiplica para quem a lê um ensinamento que se torna eficaz na constituição desta maternidade pois não somente o discurso médico obstétrico conduz a conduta da colunista. Estar em “total estado de graça” remete também ao discurso moral e religioso que a captura tanto que, embora ‘sofra’ fisicamente com a gravidez, ainda assim sente-se em estado de graça. O discurso religioso incide no governo de sua vida, como se observa no aconselhamento que ela dá a uma leitora:

Querida Tanise, como vai? Sou sua fã e também gaúcha de Porto Alegre (mas moro em Helsinque, na Finlândia, há quatro anos). Adoro seus depoimentos, dicas e o fato de você expor sua vida pessoal dentro de um limite bem legal. [...] estou grávida de 22 semanas. Em uma gravidez bem tranquila, já sabemos que será um menino. Meu bebê deverá nascer nos Estados Unidos. [...] Minha dúvida é a seguinte: em alguns estados americanos, se os pais não deixarem por escrito no prontuário do hospital que não querem circuncidar o recém-nascido, os médicos o fazem naturalmente. [...] Meu marido [...] entende que o nosso filho também deva ser. Minha irmã acha que não devo fazer, minha mãe acha que sim, uma prima minha pensa que não [...] Gostaria de ouvir o seu conselho.’ [...] (CADERNO MEU FILHO, 13/9/2010).

No excerto é importante observar que a decisão de fazer ou não a circuncisão<sup>24</sup> de seu filho, para a futura mamãe, não é oriundo de um só lugar. Em alguns estados dos Estados Unidos, por exemplo, esta é uma prática comum, visto que o marido da leitora – que pede o aconselhamento – é americano e foi circuncidado. Portanto, esta prática lhe é simpática e favorável. Para a leitora que a consulta, outras pessoas da família opinaram, mas ainda não foi o suficiente para ela tomar a decisão. Com isso, ela pede um aconselhamento a alguém que julga autorizado a lhe ajudar. Pois: “Assim que o bebê nasce, a mãe é confrontada com uma multiplicidade de decisões a tomar e de comportamentos a encetar” (MOTA, 2011, p. 16). Vejamos o que a jornalista ensina.

---

<sup>24</sup> Circuncisão, exérese do prepúcio, peritomia ou postectomia - é uma operação cirúrgica que consiste na remoção do prepúcio, prega cutânea que recobre a glândula do pênis. Essa remoção é praticada há mais de 5 mil anos. De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 30% dos homens no mundo são circuncidados (algo em torno de 665 milhões de homens), a maioria deles por motivos religiosos, uma vez que 68% deles são muçulmanos. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Circuncis%C3%A3o>, acesso em 30/06/2011.

Ana Carolina, por eu ter descendência judaica e minha religião ter tradição de circuncidar os meninos ao nascer, se um dia tiver um filho, vou querer que ele faça a circuncisão nos primeiros dias de vida. A questão de fazer ou não o procedimento é controversa. [...] acho que vocês dois devem conversar bastante, ouvir a opinião de especialista e decidir juntos. Só vocês dois [...] (CADERNO MEU FILHO, 13/9/2010).

Neste aconselhamento, vemos três indicativos da jornalista: primeiro, a decisão deve ser do casal – após ouvir a opinião do especialista – e de mais ninguém. Ela sugere à leitora que pare de ouvir a mãe, a irmã, a prima. A maternidade, deste modo, deve ser assumida inteiramente pela mãe e pelo pai e não por outras pessoas.

Nesta preparação para a maternidade aparece um segundo indicativo que é o que definiria a conduta da jornalista se tivesse um filho homem, tendo em vista sua crença religiosa. O terceiro indicativo é ouvir a opinião do especialista, que é o médico. De muitos lugares surgem práticas que vão definir se esta leitora fará ou não a circuncisão. A jornalista, em sua resposta, explica o que é o procedimento a partir do conselho médico que, certamente, levará a leitora a optar por ele, porque após dar todas as explicações em benefício da circuncisão, ela escreve “é um procedimento oportuno, que vai trazer bastante tranquilidade futuramente” (CADERNO MEU FILHO, 13/9/2010). Vemos, portanto, que na decisão da cronista o que definiria fazer ou não a circuncisão seria o forte atravessamento da tradição religiosa.

Marcello (2003) lembra que “[...] mesmo com todas as mudanças históricas, culturais e econômicas parece que o discurso religioso, representado pela figura de Maria [...] ainda é em grande parte, constituidor de uma maternidade normativa” (p. 23). A autora mostra que a experiência não está vinculada somente ao sofrimento. Está em jogo, na constituição agonística materna, uma luta muito grande que envolve uma série de interesses, afetos, sentimentos de amor, solidão. Ao mostrar a constituição maternal de quatro mulheres que tinham suas imagens públicas muito fortes, ela analisa “[...] de que maneira um dispositivo da maternidade é operacionalizado no espaço midiático para a constituição agonística de uma experiência materna” (p. 10). Assinala ainda, em suas análises acerca das experiências maternas de pessoas como Xuxa, Cássia Eller, Luciana Gimenez e Vera Fischer, “[...] como a mídia, ao produzir contínuas formas de objetivação dos sujeitos-mãe e de diferentes modalidades maternas, possibilita que elas se

relacionem para a produção de sentidos diversos e elásticos sobre a maternidade” (p. 10). Na sua pesquisa, a autora mostra que a maternidade é constituída de muitos lugares e que o pêndulo que vai indicar essa maternagem responsável e amorosa oscila devido às inúmeras implicações em jogo.

Essa constituição de maternidade agonística vivida, pelas mulheres analisadas por Marcello (2003), parece passar longe do que a jornalista narra de sua maternagem. Entre essas mulheres existem inúmeras diferenças. Não tenho por objetivo compará-las, contudo, a experiência materna da jornalista é constantemente reforçada em suas crônicas por uma legitimação intensa no que se refere ao afeto e ao desejo do casal de ter um bebê, ao planejar incluir uma criança nas suas vidas. Para tal, esta empodera-se,<sup>25</sup> faz um enorme investimento em si e recebe o apoio e o controle do marido. Esse empoderamento se desdobra em inúmeros aspectos que a tornam essa outra pessoa, que procurarei agora tratar.

### 3.1 MATERNIDADE: UM MARCADOR - AS TRANSFORMAÇÕES DO CORPO

O primeiro texto impresso no Caderno Meu Filho, que inaugurou a Coluna Nave Mãe, foi o que me fez tomá-lo como *corpus* analítico para fazer emergir as visibilidades, através dos modos de falar de si, da forma de constituir-se como mulher-mãe, de sua transformação, da produção de “outras identidades”<sup>26</sup>, das implicações que acarretariam. Vejamos:

[...] **E a partir daquele instante me tornei outra pessoa.** Ao mesmo tempo em que a felicidade era enorme, o medo também era grande. Como vou saber cuidar de um serzinho para sempre? Para sempre alguém vai depender de mim e dos meus cuidados? Será que vou conseguir? Inseguranças que não saem da cabeça das mães desde o resultado

<sup>25</sup> “Empoderamento é o mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações, as comunidades tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomam consciência da sua habilidade e competência para produzir e criar e gerir.” COSTA, Ana Alice. *Gênero, poder e empoderamento das mulheres*. [http://www.agende.org.br/docs/File/dados\\_pesquisas/feminismo/Empoderamento%20-%20Ana%20Alice.pdf](http://www.agende.org.br/docs/File/dados_pesquisas/feminismo/Empoderamento%20-%20Ana%20Alice.pdf), acesso em 29/06/2011.

<sup>26</sup> Tomo o conceito de identidade segundo Hall (2000) quando afirma que não podemos pensá-la como “fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. [...] somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (p. 12-13).

positivo do teste. Mas vamos lá! Agora é me cuidar para que o meu bebezinho se desenvolva perfeitamente (CADERNO MEU FILHO, 04/8/2008). [grifo meu].

As mudanças que a jornalista evidencia em suas crônicas mostram suas vivências, tanto para tornar-se outra pessoa para que o seu bebê se desenvolvesse perfeitamente, como aquelas oriundas da preparação para a chegada de sua filha.

A primeira mudança que apresenta está relacionada a um marcador de feminilidade. Ela faria o retoque das luzes nos cabelos; temendo estar grávida, antes de ir ao cabeleireiro, comprou o teste para confirmar ou não a gravidez. Com a confirmação, adiou a feitura das luzes. De algum modo nos ensina que a mulher que pretende engravidar não pode fazer determinadas coisas consigo. A mulher que desconfia que possa estar grávida deve ser cuidadosa, atenta, responsável antes de tomar uma decisão simples como a de fazer química nos cabelos. Mulher que antes da gestação tinha certa liberdade para fazer o que quisesse, agora, mulher-gestante, não pode e não deve fazer o que deseja.

Afirma que era acostumada a tomar caipirinha nas sextas-feiras, quando o seu marido assava um churrasco, mas com a gravidez deixou de ingerir bebida alcoólica, inclusive o vinho. Também apreciava e comia a culinária japonesa. Segundo ela, abriu mão de ingeri-la para evitar qualquer risco à saúde do bebê. A prescrição alimentar e o uso de medicamentos é um forte normatizador da conduta da mulher grávida, deste modo, deve ser seletiva ao escolher os alimentos e bebidas, sob risco de trazer problemas ao bebê.

Passou a ler muitos livros sobre gravidez, dentre eles, o que elegeu como a grande obra pedagógica de sua vida: **Os Segredos de Uma Encantadora de Bebês**, citado em diversas Colunas. Começou a participar de grupos de discussão da *Internet* que abordavam o tema gravidez; a atuar como colunista do Jornal Zero Hora, escrevendo especificamente sobre o tema – gravidez, como vimos tratando na Dissertação.

Para ela, a mulher-gestante deve ler muito para saber da gravidez: do permitido e do proibido, das mudanças do corpo, do que é aconselhável para si. A mulher-gestante não pode ser ignorante sobre gravidez, porque, quanto mais souber, melhor será a sua conduta em relação à plena garantia de sua saúde e à do seu bebê. Uma mulher-gestante bem informada organiza tudo o que é necessário

para deixar a sua vida mais tranquila após o nascimento do bebê. Uma mulher-gestante bem informada sabe governar a sua conduta de modo a não cometer negligências.

Passou a fazer vários exames minuciosos para acompanhar a sua gestação, mostrando uma enorme confiança no que o obstetra falava. Isto porque o obstetra é a voz autorizada a falar sobre o corpo grávido. É o discurso médico, especialmente, que normatiza a maternidade. É dele as prescrições do que a mulher pode ou não, deve ou não fazer. Uma mulher atenta, cuidadosa e disciplinada que sabe conduzir sua vida mostra-se obediente ao que o médico determina.

Segundo ela, houve momentos de irritação, ficou chata e chorosa. “E o Rafael soube entender e esteve sempre ao meu lado com palavras e atitudes carinhosas” (CADERNO MEU FILHO, 28/12/2008).

Começou a hidroginástica para sentir-se melhor, porque,

[...] na piscina, os exercícios de alongamento e aeróbicos trabalham todos os músculos do corpo. O contato com a água é ao mesmo tempo estimulante e relaxante. Dizem que a gestante que pratica hidroginástica tem sono mais profundo durante a noite. E eu, de fato, tenho dormido bem (CADERNO MEU FILHO, 10/11/2008).

Uma mulher-gestante, portanto, deve cuidar do seu corpo para que ele fique relaxado e para que possa descansar.

Esta preparação envolvia, também, uma nova mudança em seus hábitos cotidianos, ou seja, passou a ingerir mais água. Onde ia levava uma garrafinha porque passou a sentir muita sede. Também escreveu que sentia muito calor. Segundo ela, “[...] sinto-me como uma máquina a todo o vapor.” Além do calor e da sede, passou a acordar mais cedo, “[...]”: Cinco horas da manhã. Às vezes, às seis. O despertador nem tocou, e eu acordo com fome, fome de sucrilhos com leite [...]” (CADERNO MEU FILHO, 27/10/2008).

Mas sua grande transformação não foi em relação aos sentimentos – ao seu eu mais íntimo – foi em relação ao seu corpo. Ela esperava ansiosa o grande sinalizador de uma mulher grávida: ver sua barriga crescer. Enquanto sua barriga não mostrava-se proeminente, ela não se sentia à vontade para requerer os direitos de uma grávida (não ficar em filas, por exemplo). Sentia-se “menos” grávida que outras, que tinham a barriga maior que a dela. Também escreveu que, quando sua

barriga apareceu grandona e todos viam o seu corpo grávido, recebia mimos e delicadezas de todo mundo. No supermercado ou em outro lugar ninguém a deixava carregar peso. Ao estacionar o carro usava a vaga para gestante. Em uma das Colunas afirmou que sentiria saudade desses mimos, sorrisos e preocupações que recebia das pessoas, pois sabia que assim que sua filha nascesse o foco das atenções seria ela. Quando a barriga se pronunciou, ela usava roupas que marcavam bem o corpo grávido. Embora tenha escrito que usava hidratante no corpo, não apertando os seios para não “correr riscos”, ela não destacou em suas escritas preocupações com estria e celulite. Contudo, não destacar estas modificações corporais não significou que não estava preocupada, porque afirmava em suas crônicas sobre o cuidado em não aumentar sua massa corporal, escrita recorrente em suas páginas. Em uma das Colunas criticou, inclusive, uma artista global por esta afirmar e assumir publicamente o que, hegemonicamente, não é aceito que grávidas falem.

[...] Não entendo como muitas mulheres podem falar que não gostam da gravidez, ou que ‘mulher grávida é um bucho’, como anunciou em uma entrevista a atriz Carolina Dieckmann. Eu me sinto hoje com um brilho muito maior do que antes. Na minha opinião, todas as grávidas são lindas (CADERNO MEU FILHO, 29/9/2008).

Esta gravidez romantizada e idealizada apareceu em diversos momentos. No seu ponto de vista, só existe uma via: a grávida aceitar-se, gostar-se, fazer de tudo para sentir-se bem. Para ela as transformações no corpo não significaram um problema, muito pelo contrário:

[...] um dos pontos mais fascinantes da gravidez é observar as transformações do corpo durante os nove meses. Estou entrando no oitavo mês e encantada cada dia mais com minha barriga. E o melhor: sinto-me tão disposta quanto aos seis meses de gestação. Acredito que esse bem-estar tenha relação direta com a forma como estou encarando a gravidez (CADERNO MEU FILHO, 10/11/2008).

Quando se trata da relação com seu marido, aponta que o zelo, o amor e o carinho ficaram mais evidentes em relação a ela. Para Mota (2011) “[...] uma gravidez e o nascimento do bebê podem ser a concretização e testemunho: de um grande amor e entendimento; de relações conflituosas; de um desencontro; ou funcionar como uma ‘ponte’ que permite o encontro de ambas as partes” (p. 23). Neste caso o marido, além da vigilância e da disposição em mudar alguns hábitos

alimentares para lhe ajudar, passou a cuidar dela “[...] de uma maneira que eu jamais imaginava que pudesse ser cuidada. O Rafa, que já era um marido superatencioso, se mostrou ainda mais dedicado” (CADERNO MEU FILHO, em 2/9/2008). Sobre isto, Mota (2011) ressalta que:

Com o estádio da gravidez, o casal prepara-se para integrar o novo elemento na sua relação. Sobretudo no caso do primeiro filho, o companheiro que habitualmente era percebido como parceiro romântico, passa também a ser investido da identidade de ‘pai’, aquele com quem a mulher vai partilhar grandes responsabilidades [...] (p. 16).

Ocupando sua identidade de pai, mostra como o marido também, por entender ser imprescindível na vida de sua filha, deve dividir responsabilidades, ajudando na organização e preparação do quarto e do enxoval de sua bebê com bastante antecedência.

Essa organização do espaço e do enxoval foi bem marcada pela cronista como sendo algo positivo da conduta de uma mãe preocupada e zelosa. Um mês antes já estava tudo pronto. Também antes do nascimento da sua filha a babá foi contratada. Sobre isso ela escreveu:

Vejo a babá como uma auxiliar, aquela que cuida dos filhos na ausência dos pais, cumprindo tarefas e seguindo orientações determinadas por eles. [...] Sei que há excelentes babás e imagino que essas que viram notícia são exceções, mas aí até eu encontrar uma que me agrade de verdade são outros quinhentos. Por acaso alguém teria uma indicação? (CADERNO MEU FILHO, 17/11/2008).

Durante a gestação, a jornalista já procurava uma babá para ajudá-la no cuidado com sua filha, deixando claro que esta deveria seguir e cumprir as orientações determinadas pelo casal. As babás e as escolas de educação infantil, como auxiliares da família na educação das crianças, se tornaram uma prática totalmente comum e aceita na contemporaneidade, pelas famílias dos estratos médios e altos. Em muitos casos, a única saída de mães que trabalham fora ou que precisam de tempo para si é enviar seus/suas filhos/as à escola. Mesmo quando as mães podem e desejam ficar com as crianças existe toda uma produção discursiva, em especial da Pedagogia e Psicologia que afirma que as crianças se desenvolvem de modo mais sadio na convivência com outras crianças de sua idade. Deixar as crianças com pessoas que não sejam os pais e as mães temporariamente, contratar

alguém para cuidar do/da filho/a na ausência dos mesmos ou “fazer a circulação das crianças”<sup>27</sup>, constitui-se uma prática antiga e comum entre todos os estratos sociais. Fonseca (2004), nas suas pesquisas em dois bairros pobres de Porto Alegre, sublinha que a circulação das crianças é uma prática muito comum, mostrando que os laços afetivos se criam nas idas e vindas, nos encontros e desencontros, nas circulações, se estabelecem durante a criação desta criança, por uma mulher que cuida e cria uma criança que não é sua.

Embora escrevesse que desejava ficar com sua filha até completar dois anos, a jornalista, precisou contratar alguém que a cuidasse. Como mora longe da família e dos amigos e precisará de alguém que fique com sua filha quando ausentar-se da casa, procedeu a uma série de entrevistas para a seleção de uma pessoa que fosse bem preparada e de confiança.

A partir do que trago acima, vemos como algumas práticas são constantemente reatualizadas para novos contextos, segundo as exigências e necessidades da época. Anteriormente, assinalo que Donzelot (2001) aponta que, no século XVIII, existia uma prática muito comum em relação ao cuidado das crianças por amas de leite. Estas amas amamentavam, cuidavam e criavam as crianças. Guardadas as devidas diferenças entre o tipo de sociedade e as necessidades sociais, econômicas, políticas e culturais, percebemos o quanto algumas práticas retornam de modo muito diferente, às vezes nem tão diferentes.

Fonseca (2006) relata

[...] o caso de uma mulher que, querendo passar o fim de semana na praia, deixou sua filha de duas semanas de idade com a vizinha. Esta babá voluntária [...] apelou imediatamente à própria irmã (e mãe de um recém-nascido) para que amamentasse o nenê [...] (p. 24).

Um dos temores expressos pela colunista é contratar alguém despreparado que faça tal qual escreveu “[...]: Mas me assusto quando ouço falar em babás que dão remédios escondido às crianças, por exemplo. Teve uma que chegou a dar o peito para fazer o nenê parar de chorar” (CADERNO MEU FILHO, 17/11/2008).

---

<sup>27</sup>Fonseca, a partir de duas pesquisas que realizou, uma de 1981 a 1983, que é detalhada no livro *Caminhos da adoção*. São Paulo: Cortez, 1995 e outra, em 1986, que descreve a partir do capítulo três no livro *Família, fofoca e honra*: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: UFRGS, 2004, sublinha sobre a circulação das crianças.

Mostrando seu sentimento romântico de maternidade que é pautado por várias possibilidades econômicas que lhe são possíveis, o que podemos ver, a partir da sua escrita, é que esta entende que não deve abrir mão de sua vida para ficar somente com sua bebê. Para ela, é possível conciliar a vida profissional, seu retorno à Universidade (como apontado anteriormente) com uma maternidade responsável e com muito afeto. É possível, por paradoxal que possa parecer, vislumbrar na escrita da jornalista que ela tenha um sentido romântico-bíblico, em que “ser mãe é uma bênção, quase um milagre”, da maternidade em que a mulher que está se transformando mãe veja tudo lindo. Conjugando este sentido de maternidade com uma mulher-mãe dinâmica, que não abre mão de sua vida em virtude da filha, mas que, bem ao contrário, deseja e vai estudar e trabalhar para, entre outras coisas, possa ser orgulho na vida de sua filha. A cronista mostra o quanto “O processo de empoderamento da mulher traz à tona uma nova concepção de poder, assumindo formas democráticas, construindo novos mecanismos de responsabilidades coletivas, de tomada de decisões e responsabilidades compartilhadas”, como afirma Costa, na construção deste processo de maternagem.

### **3.1.1 Maternidade: outro marcador**

Schwengber (2006) assinala que “[...] Gestar um filho requer investimento constante, centrado na mãe, no e sobre o seu corpo, num movimento de fazer sempre o que é melhor para o feto” (p. 12-13). Esse investimento no corpo da mulher gestante, para que o feto se desenvolva melhor, é percebido em diferentes momentos na escrita da jornalista. Esse fazer melhor é realizado numa autocronstrução de si sobre si mesma (embora como veremos mais tarde ela suponha ter um instinto materno). A jornalista desde o início mostrou felicidade com a gravidez e uma total disposição em prescindir de tudo o que pudesse ocasionar algum risco à sua saúde preocupando-se com a saúde do bebê. Entretanto “esse amor incondicional” determinado que as mulheres sintam pelos/as seus/suas filhos/as desde o momento da concepção, ela estranhou não sentir, embora talvez soubesse que devesse senti-lo. “[...] No início, a angústia é até a 12<sup>o</sup> semana. [...] a sensação estranha de ter outra pessoa dentro de mim. Quando perguntavam se eu

já amava meu bebê, eu não sabia ao certo que sentimento era aquele” (CADERNO MEU FILHO, 15/9/2008).

A partir dos estudos de Meyer e Schwengber (2006), “[...] parece que as gestantes carregam o mundo em seus corpos e não apenas um/a filho/a e que a geração de filhos ‘perfeitos e saudáveis’ se define como responsabilidade individual de cada mulher que engravida [...]” (p. 17). Sentimento incerto que a jornalista não identificava em relação ao seu bebê pelo estranhamento e novidade da gestação, ia de encontro ao que é disseminado por diferentes discursos que permeiam as campanhas publicitárias e as políticas públicas em que as mulheres são incitadas a amar os/as filhos/as desde o início da gravidez. Ao tomarem estes discursos como legítimos e verdadeiros, muitas futuras mães poderão por eles serem capturadas e tentarão viver a partir de suas verdades. Ou seja, conformando os seus corpos, os seus sentimentos e as suas condutas para fazer reverberar nelas próprias o que é designado e o que todos esperam dela. Em uma das Colunas, ao responder para uma leitora sobre conversar com o bebê no período de gestação, surge a seguinte indagação:

(Leitora) ‘Estou grávida há 16 semanas e quero saber desde quando tu conversavas com a Sofia na barriga? Fiquei sabendo que com 16 semanas o bebê não escuta. Fiquei um pouco envergonhada por falar com ele.’

(Resposta) [...] se te faz bem falar com teu filho, mesmo que ele não escute ainda, continue. Comecei a conversar com minha filha depois que senti as primeiras mexidas, mas cada pessoa deve fazer como achar melhor. Quanto mais conversar, na minha opinião, melhor para a mãe e para o bebê (CADERNO MEU FILHO, 20/4/2009).

Ao ser instigada a conversar com um filho que não vê, que não ouve e não sente, podemos mesmo concordar com Meyer e Schwengber (2006) que a mulher leva em seu corpo grávido o mundo (não qualquer mundo, mas um mundo perfeitamente acabado). Investir no corpo grávido garantindo que o bebê nasça “perfeito e saudável” exige, também, amor e carinho ainda que este bebê lhe seja estranho, porque distante. O investimento para que esta mãe ame incondicionalmente, como assinala Klein (2010), atravessa uma multiplicidade de discursos, alguns já apontados anteriormente, fazendo com que as mulheres além de aprenderem, incorporem certos conhecimentos e condutas, tal qual fez a leitora da Coluna Nave Mãe. O sentimento estranho que a cronista dizia sentir transformou-

se com o passar do tempo. Na medida em que a vida crescia dentro de si e o estranho tornava-se familiar, o distante ficava próximo, como afirma:

Estou na 23<sup>o</sup> semana. Já se passaram mais de 150 dias de gravidez e faltam cerca de cem. Como o tempo passa. [...] Pois hoje posso afirmar que sou perdidamente apaixonada pela minha filha e que não vejo a hora de tê-la em meus braços. [...] Assim como estou acostumada com minha barriga e adorando vê-la crescer. Logo ela que não queria saber de aparecer [...] (CADERNO MEU FILHO, 15/9/2008).

Como venho mostrando ao longo da Dissertação, a jornalista diz de si através de suas escritas. E nestas escritas, desde a sua primeira Coluna, ela mostra o seu investimento em si para viver uma maternidade serena e *diferente* da das outras mulheres.

O pré-natal é realizado através de visitas sistemáticas ao obstetra, na companhia do marido que, como assinalado anteriormente, realiza inúmeras perguntas. Sobre isso é importante destacar que “O bem-estar e a saúde do feto aparecem em primeiro plano e são, quase sempre, relacionados à quantidade e à frequência dos exames feitos no pré-natal, bem como à qualidade do cuidado ‘consigo’ que a mãe é capaz de assumir e executar [...]” (SCHWENGBER, 2006, p. 67).

Este investimento que faz para *viver a gestação diferente*, além do pré-natal para acompanhar a saúde do bebê, diz respeito aos cuidados que resultam em ela não sentir dores, inchaço, desejos absurdos por comida, indisposição, sono intranquilo. Enfim, tendo em vista ser *diferente* (do que usualmente ela lia e ouvia de outras gestantes), buscava informações com o seu obstetra e sua nutricionista. Além de ler revistas que indicassem atividades físicas específicas para gestantes, participava de grupos na Internet que discutiam sobre maternidade e lia muitos livros. O modo como ela se preparou para a gravidez a levou a pensar que os desconfortos e incômodos sentidos por outras mulheres, ao final da gestação, não aconteceriam com ela.

Todo mundo falava das dificuldades do fim da gravidez. Mas eu achava **que comigo seria diferente. Pensei que eu não fosse inchar, ficar cansada ou pedir para que o tempo voasse até a hora do parto.** Pois agora vejo que minhas dores nas costas são iguais às de todas as grávidas, assim como a vontade imensa para que chegue logo o dia do nascimento da

Sofia. Como o útero está comprimindo a bexiga, tenho ido ao banheiro três a quatro vezes durante a madrugada. E o pior é que muitas vezes não consigo dormir depois. Há duas semanas não vou às aulas de hidroginástica porque quase desmaiei duas vezes. [...] Foi o maior escândalo na academia, todo mundo em cima de mim querendo saber como eu estava (CADERNO MEU FILHO, 1/12/2008. [grifos meus]).

Entretanto, como lemos, os desconfortos, o inchaço, a vontade de urinar durante a noite, a falta de sono se pronunciaram no seu corpo fazendo-a perceber-se igual a muitas mulheres e a desejar que o tempo voasse para que logo chegasse o momento do parto. O parto foi um assunto que se repetiu nas suas escritas. Ela defendia o parto normal apontando as vantagens do mesmo, pois

[...] A gestação está terminando, e o parto está próximo. De acordo com meu obstetra, tenho 99% de chances de fazer o parto normal. [...] Quero muito o parto normal, porque, como diz o nome, é a forma mais normal e natural de se ter um filho. As vantagens são imensas, tanto para a mãe, quanto para o bebê. Segundo meu médico, cerca de 12% dos bebês que nascem de cesariana vão para a UTI, enquanto que no parto normal o número cai para 3%. O ideal é que a criança escolha o dia que quer nascer, e não o dia que for melhor para os pais ou o médico. E digo isso com propriedade porque no meu caso a Sofia pode escolher nascer no dia 24 ou 25 de dezembro, em pleno Natal, ou no Réveillon, datas que não são as mais indicadas para se passar dentro de um hospital (CADERNO MEU FILHO, 22/12/2008).

Sobre isso Riffel (2005) destaca seu

[...] estranhamento daquilo que me foi “dado” como “natural” ao discutir as práticas do parto e do nascimento [...], o campo de lutas [...] nas diferentes formas de governo e que, [...] subjetivaram e subjetivam gestantes, [...] quanto a “melhor”, a mais econômica, a mais prudente e a mais feliz maneira de parir, nascer e viver (p. 221).

A jornalista defende o parto natural por acreditar que com ele “A descida do leite também é acelerada [...]. Sem falar da recuperação da mãe, que dois dias depois já pode voltar para casa com o bebê [...]” (CADERNO MEU FILHO, 22/12/2008).

No que se refere às definições acerca das opções que teria para fazer um parto natural ou uma cesárea<sup>28</sup>, esta assim se posiciona: “Muita gente diz que a

---

<sup>28</sup> Segundo Riffel (2005, p. 169): “O BID considera que os incentivos criados em alguns países, como o Brasil, para a realização de operações cesarianas produziu ‘aberrações’ financeiras, educacionais e políticas, desvios de

criança sai mais bonita da cesárea, e isso é verdade, porque neste caso ela não passa pelo estresse do parto normal. [...] (CADERNO MEU FILHO, 22/12/2008). Como aponta Riffel (2005) citando Costance (2000) há “crença generalizada de que o parto normal diminui o poder de atração da mulher; crença de que é mais seguro fazer uma cesariana; ter um bebê e mediante cesariana é considerado uma opção mais moderna, mais classe alta [...]” (p. 170) faz parte do pensamento de muitas mulheres.

Entretanto, ao mesmo tempo em que defendia o parto normal, afirmava que estava

[...] preparada para fazer cesariana, se dela eu necessitar.” [...] Mas que fique bem claro que caso tenha de optar por uma cesariana, está longe de ser o fim do mundo. Já ouvi falar inclusive que mulheres que fazem cesárea conseguem apreciar ainda mais o nascimento dos filhos porque não precisam se preocupar com os esforços expulsivos (CADERNO MEU FILHO, 22/12/2008).

A defesa do parto natural em detrimento à cesariana, realizada pouco antes do nascimento de sua filha, mostrou a sua inteira disposição junto às leitoras que o melhor para todos era fazer um parto natural e: “[...] **Como se pode perceber, sou 100% a favor do parto normal e vou tentar de tudo para conseguir ter minha filha assim [...]**” (CADERNO MEU FILHO, 22/12/2008). [grifo meu].

### 3.2 MATERNIDADE E INSTINTO MATERNO NA NAVE MÃE

Ao longo das crônicas, a jornalista escreveu às leitoras que, para se tornar mulher-mãe, era necessário preparação e construção dessa maternagem. Ao escrever de si e expor a sua caminhada rumo à constituição materna, ela ia ensinando que a maternidade era uma aprendizagem dinâmica, marcada inicialmente por ansiedade, medo, culpa e também por satisfação, alegria, curiosidade e amor. Conversar com outras mulheres sobre a maternidade e seguir

---

recursos já escassos aos problemas de saúde mais urgentes e exposição de mães e bebês a riscos desnecessários [...]”. Ainda para a autora, “[...] uma tendência já apontada em 1999, quando a média percentual de cesarianas registradas no SUS chegou a 38% e alcançou a cifra de 90% em maternidades privadas. Em seu levantamento de dados, Diniz (2001) mostra que ‘a cesárea foi a forma de parto de nada menos que 84% das mulheres com 11 anos ou mais de escolaridade em São Paulo [...], justamente a parcela que tem melhores condições de negociar com os serviços’[...] tornando “evidente” que a via vaginal passa a ter na cesárea uma companheira ou mesmo uma substituta na ‘normalidade’ (p. 163).

as prescrições do seu obstetra indicava que, de algum modo para ela, a maternidade era construída e produzida na cultura. Entretanto, lendo o excerto abaixo, vemos que ela é capturada por outros discursos que a levam a pensar a maternidade como algo da natureza, “[...] comum às mulheres e decorrente de uma predisposição biológica e natural para procriar [...]” (MOTA, 2011, p. 59). Em sendo natural, a jornalista mostra como este seu instinto materno entra à baila dentro de si acionando um sinalizador, que envia mensagens como:

[...] No nono mês, tudo deve estar pronto para a hora de ir à maternidade. Mas quando começa de fato o trabalho de parto? [...] Não quero acordar de madrugada achando que chegou a hora, ir para o hospital e voltar para casa tão grávida quanto saí. **Dizem que a maioria das mães sente, até por instinto, algo diferente.** Não são mais as contrações e sim o bebê enviando mensagens que podem ser interpretadas como ‘mãe, quero sair daqui’ (CADERNO MEU FILHO, 15/12/2008). [grifo meu].

Tomando as palavras de Passos (2008) e adequando-as ao meu estudo, é importante vermos o quão paradoxal é a crença da jornalista ao falar sobre o instinto materno e concomitante educar-se, construir-se, fazer-se, constituir-se mulher-mãe buscando informações em livros, revistas, *sítes*, que “[...] ao mesmo tempo e no mesmo ato [...]” (p. 69) permite-se visibilizá-la como uma mulher que se torna mãe, por já nascer pronta para ser mãe, já que tem impresso dentro de si o que necessita para a maternidade. Klein (2010) observou em um dos momentos de sua pesquisa que o cuidado materno estava ligado diretamente ao instinto materno, afirmando que comumente “[...] o cuidado torna-se um conceito genereficado, um atributo ‘dado’ a todas as mulheres, naturalizando-as e posicionando-as como cuidadoras e protetoras [...]” (p. 77-78). Badinter (1985) sublinha que “[...] a maternidade é, ainda hoje, um tema sagrado. Continua difícil questionar o amor materno, e a mãe permanece [...] identificada a Maria, símbolo do indefectível amor oblativo” (p. 8). É importante acrescentar que a autora assinala que, embora pareça caduco falar em instinto, alguma coisa em nós, muito forte, “continua a pensar a maternidade em termos de instinto” (p. 20). Se no excerto anterior a cronista afirmou “[...] *dizem* que a maioria das mães sente, até **por instinto**, algo diferente [...]” não se incluindo no dizem, no excerto abaixo ela fala na primeira pessoa, nos dando um indicativo do que é “essa coisa mais forte” da qual sublinha Badinter. Ou melhor, o que a leva a pensar em instinto materno confirmando que é possível, em algumas situações,

pensarmos de um jeito atravessado por um discurso, em outras, pensarmos de outro e em outras, sobrepomos discursos que coincidem ou se distanciam. Ao escrever sobre o sono de sua filha, ela retoma a maternidade como possibilidade instintiva.

Nos primeiros meses, ela pegava no sono no peito mesmo, [...] Depois, após a mamada, eu ficava andando pelo quarto com ela no colo e cantando músicas de ninar. [...] Confesso que foi minha fase predileta. Muita gente me criticava, falava que era errado [...] **Mas eu seguia meus instintos, e as críticas que me desagradavam entravam por um ouvido e saíam pelo outro** (CADERNO MEU FILHO, 08/2/2010). [grifo meu].

A partir dos excertos analisados, concordo com BADINTER (1985), quando aponta que

O amor materno foi por tanto tempo concebido em **termos de instinto que acreditamos facilmente que tal comportamento seja parte da natureza da mulher, seja qual for o tempo ou o meio que a cercam**. Aos nossos olhos, toda mulher, ao se tornar mãe, encontra em si mesma todas as respostas à sua nova condição. Como se uma atividade pré-formada automática e necessária esperasse apenas a ocasião de se exercer [...] (p. 19). [grifo meu].

Muitas leitoras poderão discordar, estranhar e rechaçar o modo como a colunista se produz como mãe e desconsiderar o instinto materno desta constituição; outras, poderão ficar em dúvida em relação ou não à existência desse mito; outras, poderão se identificar e concordar com a posição da jornalista. Outras, nem observam a sutileza que produz nas suas vidas e passam a acreditar nesse mito, vivendo culpadas por não sentir os indicativos instintivos desse amor materno, tão sugerido pela cronista. Contudo, o que interessa neste estudo é compreender como a jornalista é capturada e como mulher-mãe é, também, produzida por discursos de diversas ordens. Por ser um discurso, deixa em seu rastro, espaços de liberdade que possibilitam escolhas como no texto que segue

(Leitora) 'Como tu adaptaste a rotina de vocês nos primeiros dias, os horários, as mamadas? Quem sabe eu tento de uma outra maneira estabelecer a nossa rotina?'

(Colunista) Não podemos esquecer que as crianças não vêm com manual e que cada filho é diferente do outro. Eu gosto muito do livro da Tracy Hogg, mas não sigo à risca todas as dicas da Encantadora. Adapto para a rotina da Sofia e para o que acho que é melhor para a minha filha. Não temos robôs em casa, e sim bebês que precisam do nosso amor e da nossa atenção. **Minha sugestão é: siga o teu instinto**. É maravilhoso termos livros e médicos para nos darem conselhos, mas o que for melhor para os

nossos filhos, só nós vamos saber (CADERNO MEU FILHO, 08/6/2009). [grifo meu].

Assim, observamos que essa é uma questão que se trama numa rede de narrativas da cronista ao responder para uma leitora sobre o assunto que apareceu como o mais recorrente nas suas colunas e que tratarei em seguida. Com o excerto acima, encerro esta seção para, por fim, iniciar um tema que é alvo de campanhas governamentais, ONGS, estudos acadêmicos e que fervilham na vida das mulheres-mães, antes e se estende por alguns meses (às vezes dois ou três anos) após o parto.

### 3.3 AMAMENTAÇÃO: ME DEIXEM EU E MINHA FILHA, ESTE É O NOSSO MOMENTO

Desde que comecei a escrever aqui, sem dúvida o assunto sobre o qual mais me perguntam é a amamentação. Depois que nossos filhos nascem, o mais importante nos primeiros meses é que eles se alimentem bem. E já que, graças a Deus, quase todas as mães ao menos tentam amamentar [...] (CADERNO MEU FILHO, 14/9/2009).

O excerto mostra a importância desse assunto na vida das mulheres-mães, não somente para a cronista-mãe. O tema que versa sobre amamentação é tão instigante que aparece em bulas de remédios, embalagens de leite industrializado, propagandas da mídia impressa e televisiva, políticas públicas, hospitais, etc. e nos estudos acadêmicos. A história da amamentação é antiga. Poderia iniciar retomando Donzelot (1986) e Costa (2004), mas busco em Yalom (1997)<sup>29</sup> aquilo que nos convida a conhecer acerca das diferentes representações e sentidos que o seio teve e tem nas diversas sociedades e tempos históricos.

Yalom sublinha que essa é uma história contada por homens e que lhe foi muito difícil compor sua pesquisa a partir da posição feminina. De seus estudos farei uso do que me é interessante para as análises. Sendo assim, me parece oportuno destacar algumas ideias que Yalom apresenta e nos ensina: a visão sexualizada do seio não é universal; as culturas não ocidentais têm outros fetiches. A autora indaga:

<sup>29</sup> As escritas que reportam à Marilyn Yalom (1997) foram extraídas da obra História do Seio: da seção Introdutória (p. 13-19) e do quarto capítulo, O seio político: seios para a nação (p. 131-177).

a quem pertence o seio? Desta indagação se desdobram várias, destacarei duas: Primeiro: pertence ao lactante, cuja vida depende do leite da mãe ou de uma ama de leite? Segundo: pertence à mulher, para quem os seios constituem uma parte do seu próprio corpo?

O seio foi codificado de modo dicotômico entre bom e mau. Quando é bom, entra em ascensão e recai sobre o seu poder de alimentar as crianças. Quando mau, é um agente de excitação ou mesmo agressão.

Yalom destaca que os aspectos sagrado e sexual representam esforços diferentes para o seio. No século XVIII, seguindo Rousseau, muitos súditos franceses foram levados a crer que a reforma social geral resultaria se as mães amamentassem os seus bebês, em oposição às amas de leite. O seio foi sendo tomado como objeto da medicina tanto para estudos que resultaram na prevenção e cura de doenças, como para prescrição de conselhos sobre as modificações que neles ocorrem durante a gravidez, ou seja, deveriam ser cuidados pela gestante através de uma dieta e de exercício, de maneiras adequadas de mamar, de como tratar abscessos e do processo de desmame. A psicologia e a psicanálise determinaram o papel crucial do seio na vida emocional da criança. Surge Freud, interessado em provar que mamar não era apenas a primeira atividade da criança, mas constituía também o início da vida sexual do ser humano. A indústria se interessou em produzir diferentes e inusitadas mercadorias para o seio. O seio e a queima de *soutiens* nos anos 1960 surgiram como resistência e autonomia do corpo da mulher; sobre estar em paz ou não com os nossos seios.

Estes são alguns dos temas que Yalom (1997) aborda em seus estudos. Vou tratar especialmente aquilo que intitula *O seio político: seios para a nação*. A autora faz uma análise de imagens detalhadas da América, em especial dos Estados Unidos, chegando a um tempo mais recente ao falar das políticas públicas<sup>30</sup> sobre o aleitamento em diversos países. Mesmo que minha opção nesta Dissertação de Mestrado não seja investigar as questões que versam sobre políticas públicas, vou deter-me naquilo que eu entendo ser mais significativo para a pesquisa.

Segundo Yalom, foram as modernas democracias ocidentais que inventaram o seio político. Na Europa, no século XVIII, menos da metade das crianças britânicas

---

<sup>30</sup> Sobre o tema veja: MEYER, Dagmar Estermann. As mamas como constituintes da maternidade: Uma história do passado? Revista Educação & Realidade. Porto Alegre v. 25 p. 117-133. Jul./dez. 2000.

eram amamentadas por suas mães e muitas eram amamentadas por amas de leite para garantir que os seios das mulheres-mães ficassem 'imaculados'. Na França, a prática do aleitamento por amas de leite iniciou com a aristocracia, se espalhou para a burguesia, chegando aos estratos populares. Cerca de cinquenta por cento das crianças parisienses eram enviadas para o campo para serem criadas por amas de leite.

Entretanto, no século XIX, acontece uma inversão desse quadro, quando quase a metade das crianças parisienses e dois terços dos bebês ingleses eram criados pelas mães. A autora indaga: que terá acontecido para tal mudança? Ao que esclarece: em meados do século XVIII, começou a ocorrer um grande protesto por moralistas, filósofos, médicos e cientistas que, falando em nome da Natureza, procuravam provar que o que era natural no corpo humano era basicamente bom para o organismo político. Neste novo discurso, os seios passam a ser divididos em duas categorias: o seio 'corrupto' ou 'poluente', associado às amas de leite; e o seio maternal, associado à regeneração familiar e social.

Em 1748, surge o **Ensaio sobre o Aleitamento**, escrito pelo doutor William Cadogan. Tal obra teve grande impacto nas práticas de aleitamento feitas pelas amas de leite, incidindo sobre a família. Suas prescrições incitavam as mães a seguirem as leis da natureza sempre sábia e infalível e a aceitar os seus deveres de aleitar; os pais foram convocados a vigiar (como cães de guarda) e cobrar que as mães amamentassem os filhos. Na América, a amamentação pelas mães tinha um índice mais alto e esperava-se que elas amamentassem os seus filhos até por volta de um ano. Isto não significa que a prática das amas de leite não ocorresse. Elas dispunham os seus serviços para a mãe que estava recuperando-se ou como suplemento de uma mãe doente ou em substituição a uma que havia morrido.

Lineu, físico e botânico, no seu tratado intitulado *Nutrix Noverca*, insistia que as amas de leite constituíam uma violação das leis da Natureza, colocando em risco a vida da mãe e da criança, que precisavam uma da outra por motivos de saúde. O maior feito dos estudos de Lineu foi em relação à taxionomia zoológica que cunhou o termo 'mamíferos' a partir do Latim *mammae* (órgãos de secreção de leite) que distinguia os mamíferos dos outros animais. Os mamíferos – termo que significa literalmente do seio – incluem os humanos.

O fato de Lineu ter privilegiado as *mammae* nos remete àquilo que Foucault chama de condições de possibilidades para se instituir algo, pois as políticas da época eram favoráveis ao aleitamento materno e um papel exclusivamente doméstico para as mulheres. A exemplo de muitos Iluministas de sua época, Lineu defende que o aleitamento era apenas uma questão de instinto animal. Pensava-se que o aleitamento e os sentimentos maternais eram inatos nos animais, em que se incluía o homem. Ditos que lemos na seção anterior continuam presentes na produção da maternagem e no pensamento contemporâneo de nossas sociedades, tal qual a cronista se pensa, se vê e se narra. Yalom (1997) apresenta Rousseau como o mais ardoroso defensor do aleitamento materno. Sobre isso parece-me pertinente assinalar um excerto de sua obra **Emílio ou Da Educação** quando afirma:

[...] a mulher que dá leite ao filho de outra em lugar do seu é uma má mãe; como poderá ser uma boa ama-de-leite? Poderá vir a sê-lo, mas pouco a pouco; será preciso que o hábito mude a natureza, e a criança mal cuidada terá cem vezes o tempo antes que sua ama-de-leite tenha adquirido por ela uma ternura de mãe (ROUSSEAU, 1999, p. 19).

Yalom (1997) afirma que as ideias de Rousseau tiveram uma grande força e um poder em especial, ou seja, aquelas que viam a mulher como sendo por natureza criatura generosa, adorável e sacrificada. Ideia que está na base de um discurso que incidiu na produção e no forjamento da maternidade idealizada, e que atravessa os discursos acerca da maternidade e do aleitamento, até o momento.

Entretanto, é nos últimos anos do século XVIII que o aleitamento tomou força e expressão, constituindo, no dizer de Yalom, a forma de culto. Criam-se organizações filantrópicas que condicionam dar auxílio às mães das classes populares se estas amamentassem seus filhos. Com isto o aleitamento torna-se também uma forma de controle social exercido pelas senhoras abastadas sobre os membros populares. O governo francês cria um decreto, determinando que somente as mães que amamentassem os seus filhos receberiam auxílio do Estado. Yalom explica que a Revolução Francesa afetou precisamente o seio das mulheres, pois no discurso revolucionário o leite puro das mães afetuosas era implicitamente comparado ao leite podre dos aristocratas do *ancien regime*, a maioria dos quais tinham seus filhos criados por amas de leite.

Esta comparação do aleitamento materno com as virtudes maternais e do aleitamento por amas de leite com a decadência real permitiu às mulheres uma escolha ‘patriótica’: as que optavam por amamentar os filhos podiam ser vistas como alguém que fazia uma afirmação política a favor do novo regime. A iconografia da Revolução Francesa também foi atravessada pelo discurso em favor do aleitamento materno.

Ainda segundo a autora, esta farta iconografia estava atravessada pelo novo discurso, que criou condições para que as mulheres amamentadoras atuassem na vida pública, já que os seios simbolizavam uma vasta gama de ideais republicanos como a liberdade, igualdade, patriotismo, coragem, justiça, generosidade e abundância. A ideia da República como uma mulher liberal, de amplos seios ao dispor de todos, foi desde então um pilar da política liberal.

No Brasil as coisas não acontecem de forma muito diferente. As mães também são chamadas a compor este batalhão de seios nutrientes. Para tal instituiu-se, segundo Orlandi (1985),

[...] a Liga do Leite Materno do Brasil, que faz parte da organização mundial – *La Leche League International* –, composta de mães que amamentaram e se dedicam a ajudar outras mães a amamentar seus bebês. [...] A sociedade de Pediatria do Brasil também formou um Grupo de Incentivo ao Aleitamento Materno com atuação em vários Estados brasileiros (p. 127-128).

Em nosso país se volta “a incentivar o ‘amor materno’, [e o aleitamento como uma] atividade cultural que pode ser estimulada, nas mães, pela propaganda intensiva<sup>31</sup> (p. 129).

O que acima foi tratado me fez colocar em ação aquilo que aprendi com Foucault, ou melhor, que muitas práticas existentes hoje são reatualizadas, a partir de algo que já aconteceu em outras épocas. Também porque aprendi que a nossa vida está imersa em relações de poder. Que esse poder é circular e tal como aponta Larrosa (2008) “As pessoas são induzidas a julgar-se com vistas a uma certa administração, governo e transformação de si. A pessoa tem que fazer algo consigo mesma em relação à lei, à norma, ao valor” (p. 78).

---

<sup>31</sup> Ver sobre as críticas as propagandas da Nestlé e aleitamento, em CORADINI, O. L. e FREDRICQ, Antoinette. *Agricultura, cooperativas e multinacionais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

O corpo grávido, assim como os seios e a prática de amamentar, foram normatizados ao longo dos tempos, de diferentes modos em diferentes lugares, isto é, entraram na norma. Canguilhem (2009) define o normal a partir de norma; “[...] normal [...] que é conforme à regra, regular. [...] *norma* significa esquadro – aquilo que não se inclina nem para a esquerda nem para a direita, portanto o que se conserva em um justo meio-termo [...]” (p. 85). [grifo do autor]. Veiga-Neto (2007), a partir dos estudos de Foucault, explica a norma como

[...] o elemento que, ao mesmo tempo em que individualiza, remete ao conjunto dos indivíduos. Nesse processo de individualizar e, ao mesmo tempo, remeter ao conjunto, dão-se as comparações horizontais – entre os elementos individuais – e verticais – entre cada elemento e o conjunto [...] (p. 75).

Podemos pensar a amamentação<sup>32</sup> como uma normalização do corpo da mulher-mãe, pois, como visto acima, vários acontecimentos e lugares diferentes concorreram para que os seios se tornassem um objeto político e para que a mulher fosse chamada a dar conta com exclusividade da vida do bebê.

Nas colunas analisadas na pesquisa, a primeira referência ao aleitamento materno é dada no espaço *Mãe na Roda*, quando, ao escrever sobre recomendações para viagem, a cronista sugere: “– Se você estiver amamentando seu filho, pare o carro para dar de mamar” (CADERNO MEU FILHO, 14/9/2008). Vê-se que existe uma prescrição à conduta materna de zelo pela segurança e conforto do bebê, bem como da mãe que amamenta.

Uma outra prescrição é dada quando, também no espaço **Mãe na Roda**, é sugerido às mães leitoras o que levar à maternidade. Nesta sugestão já está pressuposto que a mãe vá amamentar o seu bebê. “Dois pijamas ou **camisolas com abertura na frente (para a amamentação)**, um robe, **sutiãs próprios para a amamentação**, calcinhas, chinelos, meias e produtos para higiene pessoal” (CADERNO MEU FILHO, 03/11/2008). [grifos meus]. O outro indicativo que vimos da jornalista em relação a ser plenamente favorável e disponível a amamentar, é quando afirma que pretende manter os novos e saudáveis hábitos desenvolvidos durante a gestação, para além da amamentação.

---

<sup>32</sup> Sobre o tema: ORLANDI, Orlando. *Teoria e Prática do amor à criança*: Introdução à pediatria social no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

Sinaliza ainda que a amamentação é exclusividade materna, e escreve sobre as babás expressando seus temores frente a todas as histórias que ouviu durante a gravidez; uma delas se refere a uma certa babá que deu o seu peito para a criança que cuidava. A partir do que narra, podemos olhar para um outro tempo, quando se dizia que era transmitido à criança pelo leite tudo de ruim que uma ama (babá) tinha.

Como mãe-amamentadora, a jornalista se cerca de cuidados temendo provocar algo de ruim nos seios. Ela conta que passava o hidratante bem devagarinho para não ‘correr riscos’. Nesta mesma coluna, apontava que achava estranho quando outras grávidas falavam do colostro, mas depois que o seu médico lhe mostrou que dos seios já saía colostro, ela afirma, em tom de campanha, “[...] foi muito bom saber que terei leite para amamentar minha filha. Afinal, o leite humano contém pelo menos uma centena de ingredientes que não são encontrados no leite de vaca e que não podem ser perfeitamente reproduzidos pelo leite artificial” (CADERNO MEU FILHO, 24/11/2008).

Ao responder a uma leitora sobre as mamadas, ela o faz usando o discurso médico pediátrico, como legitimador de sua fala. Neste momento vemos a norma, como definidora do que está na normalidade ou não, em funcionamento.

(Leitora) Minha pequena Joana está com dois meses, e tenho ficado encucada com as regurgitações após as mamadas, não sei se é excesso de leite que toma ou algo mais sério. Já tratei esse assunto com o pediatra, que considera normal, porém, a cada mamada fico preocupada esperando a regurgitação dela.

(Cronista) [...] Segundo a pediatra da Sofia, se o bebê regurgita, mesmo que em todas as mamadas, e está ganhando peso e não chora quando expele o leite, não há problema. O que ele bota para fora é o excesso de leite e este bebê é considerado um ‘regurgitador feliz’. Agora, se a criança se irrita ou chora quando regurgita e não está ganhando peso, aí sim há problema e pode ser refluxo patológico. Veja qual o seu caso e, na dúvida, converse com o pediatra de sua filha (CADERNO MEU FILHO, 23/3/2009).

Ao tratar sobre o desmame, ela expressa com muitos detalhes que o discurso sobre a amamentação defendido pelos moralistas, políticos, médicos e filósofos do século XVIII, em especial Rousseau, estão todos aí muito atualizados. Tal como transcrevo extensamente a seguir:

Minha filha está a menos de 10 dias de completar cinco meses. É hora de desmamar? Não! Quem decide parar de amamentar com seis meses deve

introduzir frutinhas e papinhas desde o quarto mês. Mas eu sigo só com o leite materno. E a Sofia segue crescendo e engordando muito. De três em três horas, das seis da manhã às nove da noite, amamentação com tanto gosto que, às vezes, fico até com medo de me tornar aquelas mães de filhos com um, dois anos que seguem dando de mamar. [...] Não vou deixar minha filha 'quase adulta', já andando, falando, puxar meus seios para fora em qualquer lugar e abocanhá-los com sua boca cheia de dentes. Com seis meses pretendo começar com as frutinhas e, depois, aos poucos, ir fazendo o desmame. Aliás, acho importante ressaltar que, há quase 150 dias, eu faço das mamadas um momento só meu e da minha filha. Posso estar na rua ou em um restaurante na hora da fome dela – agora já saímos bastante, e a Sofia me acompanha em quase tudo. Mas esteja onde estiver, sempre dou um jeito de escolher um lugar silencioso sem ninguém por perto para não tornar um ato tão nosso uma questão trivial. Sabemos que o seio alivia a maioria dos desconfortos, não só a fome. Não é por nada que, mesmo logo depois de mamar, se o bebê chora sem parar, o único jeito de acalmá-lo é no seio da mãe. Mesmo assim, mais cedo ou mais tarde, o leite materno deverá sair de campo para a entrada de outros alimentos na vida da criança. Então seja qual for o momento de parar de amamentar (não vou polemizar aqui se o melhor é com quatro, cinco, seis meses ou com um, dois anos), faça-o devagar, com o maior cuidado (CADERNO MEU FILHO, 18/5/2009).

Além do discurso político e médico a vemos também apelando ao consolo para as mães que voltam ao trabalho e têm que antecipar a ingestão de outro alimento que não o do leite materno. Encontramos aqui bem marcado o discurso de exaltação da amamentação, que emergiu a partir do século XVIII.

[...] Segundo a Organização Mundial da Saúde, o ideal é que até os seis meses os bebês se alimentem exclusivamente de leite materno. Sei que quem precisa voltar a trabalhar dificilmente consegue deixar leite para o filho e acaba optando por fórmulas e comidinhas. Mas eu decidi não voltar ainda, e, com muito orgulho e felicidade, passo o dia em função da minha filha (CADERNO MEU FILHO, 18/5/2009).

Também percebemos que sua conduta é toda prescrita em consonância à cartilha médica (Organização Mundial de Saúde), mostrando, com isso, uma forma de governo<sup>33</sup>, do governo de si mesmo e um comportamento normativo com vista à produção de uma mãe zelosa. Podemos observar como a cronista é

<sup>33</sup> O governo brasileiro utiliza diferentes modos de governo de maternagem-aleitamento, para tal “ao estabelecer prêmios, o governo examina e conforma o seu próprio programa de acordo com as práticas descritas. Assim, são instituídos os prêmios Galba Araújo (BRASIL, 2004a), Hospital Amigo da Criança, Prêmio da Política Nacional de Humanização David Capistrano ou Prêmio Humaniza SUS. O prêmio Galba Araújo, cuja entrega da 4ª edição aconteceu no dia 16 de fevereiro de 2005, em Brasília, reconhece e premia as unidades de Saúde integradas à rede SUS que ‘desenvolvem e se destacam na humanização do atendimento obstétrico e neonatal e ao incentivo ao parto normal’ (BRASIL, 2004a). O valor do prêmio é de R\$ 30.000 para cada uma das instituições premiadas e contempla, no máximo, cinco instituições, uma de cada macrorregião do país. Título de Hospital Amigo da Criança é concedido aos hospitais que se enquadram nos “10 passos para o sucesso do aleitamento materno” (RIFFEL, 2005, p. 39-40).

capturada e subjetivada pelos discursos médicos, seus saberes e os da psicologia, quando, para além da nutrição do bebê, ela explica sobre o que acontece com ele se a retirada do seio for abrupta. Ou seja,

[...] Nada de mudanças bruscas para que não haja traumas para o bebê nem para a mãe. Amamentação não é apenas o bebê sugando o leite do seio da mãe. Amamentação é o bebê sendo acolhido no calor do corpo de sua mãe. E o desmame significa muito mais que apenas a retirada do leite materno (CADERNO MEU FILHO, 18/5/2009).

## CAPÍTULO 4

4 Na medida certa do que se deseja. – “Xá comigo.” Gravidez saudável

4.1 Exemplar modelo de dietética – Aumente 300 calorias

4.2 Risco zero – nem com autorização médica

4.3 A Vida vista por dentro

4.3.1 A emoção do parto - “um parto bem humanizado”

4.3.2 A regulação do corpo infantil – o discurso médico-pediátrico

4.4 Gravidez saudável e tranquila -“Os Segredos de uma Encantadora de Bebês”

4.5 A mãe abjeta: não cuida de si, não cuida do outro, esquece e deixa morrer



#### 4 NA MEDIDA CERTA DO QUE SE DESEJA. – “XÁ COMIGO.” GRAVIDEZ SAUDÁVEL

[...] Agora é me cuidar para que o meu bebezinho se desenvolva perfeitamente. A partir de hoje, só sucos naturais, arroz integral, feijão, carnes magras, pelo menos três frutas por dia e nunca mais ficar mais de três horas sem se alimentar. Xá comigo (CADERNO MEU FILHO, 04/8/2008).

O excerto, extraído quando da inauguração na Coluna Nave Mãe, expressa com propriedade como a colunista viverá a gestação. Cuidará de si de maneira pormenorizada gerenciando o seu corpo para garantir saúde plena ao seu bebê. Este gerenciamento inclui um controle sobre a dieta, cuidados com o corpo, cuidados com a saúde, eliminação total de riscos, exercícios corporais compatíveis com sua condição gravídica. Ingerirá alimentos saudáveis controlando os tempos e intervalos, para que o seu organismo, bem nutrido, nutra o feto. O modo como sentenciou a sua disposição “Xá comigo” é esclarecedor e nos pareceu dizer: farei tudo o que a mim compete do melhor modo possível. Farei tudo dentro dos conformes e orientações para que o meu bebê se desenvolva perfeitamente. Farei tudo a partir daquilo que eu já conheço sobre gravidez e maternidade, indo além do que eu já conheço. “Xá comigo!” A fala da jornalista evidencia o que Mota (2011) trata em seus estudos acerca do investimento que a mulher faz em sua gravidez e na produção de sua maternagem.

[...] ‘Daí que a gravidez se constitua como um momento particular de retorno a si própria, de investimento maciço no próprio corpo, na sua imagem, no que nele contém: vida’ (apud Leal, 1990:365). A maternidade, por sua vez, inscreve-se dentro da dinâmica da sociedade, num momento historicamente construído, no qual a influência de padrões culturais, das representações sociais, crenças e valores se apresentam como determinantes na sua concepção (p. 3).

Assim, esse investimento no corpo grávido constitui uma mulher-mãe preocupada, determinada, empreendedora, zelosa, cuidadosa, amorosa, controladora, vaidosa, vigilante. Esse investimento é marcado por discursos que se multiplicam e se dispersam, posicionando a jornalista, ora em um lugar, ora em outro, indo na direção do que Fischer (2001) sublinha ao tratar da heterogeneidade discursiva e da dispersão do sujeito que fala e, ao mesmo tempo, é falado.

Vimos que nesta constituição de mulher-mãe preponderaram os discursos da psicologia, da moral, da pedagogia, da economia e da medicina; este último em especial e num primeiro momento com acento na obstetrícia e, depois, um forte deslocamento para a pediatria. A profusão de como faz uso do livro de Hogg (como veremos adiante) e a importância da **enfermagem pediátrica** pode ser vista, tanto na atuação da enfermeira que esteve presente no momento do parto, quanto após o nascimento de sua bebê. Sobre se ter ou não um acompanhante na hora e no pós-parto, Riffel (2005) vai explicar como a saúde pública se posiciona no Brasil, visto que só era possível a presença desse acompanhante em clínicas ou partos privados e afirma que:

Nas sociedades de confinamento, uma das práticas de parto hospitalar foi, inicialmente, a permissão de acompanhantes quando havia necessidade de conter ou vigiar ou mesmo cuidar da mulher. Tal prática foi substituída pela interdição desses acompanhantes e a presença de maior número de pessoal treinado trabalhando nessas instituições. [...] a permissão da presença do acompanhante [passa ser] possível somente para as mulheres que internam em clínica privada ou diferenciada; o direito ao acompanhante e à doula continua sendo uma arena de lutas entre profissionais e população, não-apaziguada pela aprovação da “lei do acompanhante” (BRASIL, 2005a). Se, por um lado, o acompanhante ou a doula não “resolvem a conduta condenável” da mulher no trabalho de parto e período expulsivo - expressa através de gritos e reclamações - por outro, têm sido considerados fator de diminuição de intervenções e do tempo em que esses processos normalmente ocorrem [...] (p. 198).

A jornalista busca apoio e informações sobre a gestação em **Os Segredos de Uma Encantadora de Bebês**, escrito por uma enfermeira que colabora com suas reflexões e experiências com parturientes; a cronista faz uso de tal livro para aprender através de seus ditos, a respeito de gravidez e sobre os segredos de como encantar um bebê.

Para mostrar as relações de poder-saber no discurso médico e na subjetivação da jornalista de forma a transformar-se em mulher-mãe de um certo tipo, vou destacar alguns excertos de diferentes datas que mostram a sua adesão e concordância tomando a prescrição da dieta alimentar aviada pelo médico e ratificada pela nutricionista, como um modelo que tem como efeito a mudança de seus hábitos alimentares, não somente durante a gravidez, mas como pretende, para toda a sua vida, como bem expressa quando escreve:

[...] Sinto falta de sushis e sashimis? Claro que sim. Gostaria de tomar uma caipirinha na sexta-feira à noite? Também! [...] Me sinto tão bem e tão saudável que pretendo manter meus novos hábitos adquiridos na gravidez não só quando estiver amamentando mas durante toda a minha vida (CADERNO MEU FILHO, 10/11/2008).

Toda a mudança de atitude frente à gestação passa, também, por uma preparação física, biológica, emocional, familiar e social como vimos acima.

#### 4.1 EXEMPLAR MODELO DE DIETÉTICA - AUMENTE 300 CALORIAS.

Acredito que esse bem-estar tenha relação direta com a forma como estou encarando a gravidez. Longe de qualquer neurose, mantenho hábitos alimentares saudáveis. Não passo um dia sem comer ao menos três frutas, legumes, leite e proteínas [...] (CADERNO MEU FILHO, em 10/11/2008).

Estas prescrições de hábitos saudáveis, oriundas do saber médico, foram assumidas pela jornalista porque de alguma forma elas a interpelaram. Ela se reconhecia nestas prescrições, fazia todo o sentido para ela abrir mão da caipirinha e dos *sushis* e *sashimis* em vista do seu cuidado, prevendo a saúde de seu bebê. Para assumir uma nova alimentação à base de “sucos naturais, arroz integral, feijão, carnes magras, pelo menos três frutas por dia” conforme exposto no excerto que abre este capítulo não foi algo difícil. Ela já transitava em um mundo onde isso era possível e exequível, tão possível que até o seu marido muda, como mostra quando afirma: “[...] Assim como eu mudei meus hábitos alimentares, ele também passou a comer saladas, legumes, frutas. Até me acompanha nos sucos naturais. [...]” (CADERNO MEU FILHO, 21/11/2008). Mulheres e família devem ser preparadas e

[...] instrumentalizadas para a educação e o cuidado de si mesmas e de seus filhos, de maneira que não se possa mais definir qual sua “origem”: se a mulher que gesta e é educada para sua gestação e para o cuidado e educação de seu filho desde o nascimento, ou se a criança que desde seu nascimento é educada para ser de determinada maneira em relação ao cuidado consigo e com a sociedade [...] (RIFFEL, 2005, p. 151).

Julga que o seu bem-estar durante a gestação é em virtude dos cuidados com sua dieta e com exercícios físicos que realiza.

[...] A hidroginástica também me faz muito bem. Na piscina, os exercícios de alongamento e aeróbicos trabalham todos os músculos do corpo. O contato

com a água é ao mesmo tempo estimulante e relaxante. Dizem que a gestante que pratica hidroginástica tem sono mais profundo durante a noite. E eu, de fato, tenho dormido bem (CADERNO MEU FILHO, 10/11/2008).

Segundo Soares (2007), “a gestação é um período crítico, no qual o estado físico e mental influencia diretamente tanto a saúde da mãe, quanto o feto” (p. 12)<sup>34</sup>. Ele acrescenta, a partir de leituras e estudos, que “comportamentos alimentares inadequados costumam estar associados a outros sintomas psiquiátricos [que] afetam o consumo alimentar” (p. 12). Em virtude disso, entende que devam existir “instrumentos capazes de medir o comportamento alimentar” (p. 12) das gestantes. Para ele, este instrumento é o questionário. Ainda em seu estudo, aponta que o ganho de peso da gestante é determinado a partir do cálculo do “Índice de Massa Corporal” (p. 13), estabelecendo-se assim um peso ideal, isto é, um peso normal, a partir de um padrão calculado.

Ewald (1993) afirma que o biopoder vai se exercer de forma positiva sobre a vida, gerindo-a de maneira a valorizar, multiplicar, “[...] de sobre ela exercer controles precisos e regulações de conjunto [...]” (p. 77). Esta forma positiva de gerir a vida toma a norma como uma das **artes de julgar**, porque ela “[...] é a referência que se institui a partir do momento em que o grupo é objetivado sob a forma do indivíduo [...]” (p. 84). A partir do que já vimos sobre norma e o que traz Ewald, é possível pensarmos que a normatização que prescreve a normalidade do peso de um corpo grávido vai definir se a gestante está cuidando de si de modo correto evitando riscos a sua saúde e ao feto. Segundo Soares (2007), “[...] as necessidades energéticas adicionais durante o 2º e 3º trimestre gestacional são de 300kcal/dia. [...] assim a maioria das mulheres necessita de aproximadamente 2500 a 2700kcal/dia” (p. 15).

Vejamos o que a colunista fala a respeito das calorias que deve ingerir: “Não me alimento por duas. A recomendação dos médicos e nutricionistas é comer apenas 300 calorias a mais por dia. Deixo para me soltar nos doces mais aos fins de semana” (CADERNO MEU FILHO, 10/11/2008). A partir de sua escrita, vemos o quão interpelada foi pelo discurso médico, cumprindo exemplarmente as recomendações. O seu corpo ingerindo as calorias necessárias fica na média do

---

<sup>34</sup> Dissertação apresentada na faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no ano de 2007, por Rafael Marques Soares, intitulada: Comportamentos Alimentares Inadequados Durante a Gestação: prevalência e fatores associados em amostra de serviços públicos de saúde no sul do Brasil.

ideal de um corpo grávido saudável, reafirmando que o discurso médico é um discurso de verdade que mostra o quanto este saber é tanto disciplinador como também um saber que justifica a fragilidade em que todos se colocam a sua frente, principalmente neste caso, à gestante.

No caso deste estudo, observa-se o que a jornalista faz para dizer às mulheres que a leem as suas verdades, quando no espaço *Mãe na Roda* sugere “algumas dicas” às leitoras grávidas sobre o que fazer no sétimo mês de gravidez:

[...] - Descanse para diminuir a fadiga. - Mude de posição para aliviar sensações de pressão quando estiver deitada. - Evite deixar a bexiga muito cheia e controle o fôlego. - Acrescente mais 300 calorias diárias à sua dieta durante os últimos meses de gravidez. - Converse com seu médico antes de viagem aérea ou viagem longa (CADERNO MEU FILHO, 27/10/2008).

Temos com isso uma gestante que por se disciplinar tem garantido o seu bem-estar e que se sente à vontade para indicar às suas leitoras o seu modo de viver sua gestação, com vistas a evitar qualquer risco. Vimos o quanto o poder “[...]produz efeitos positivos a nível de desejo – como se começa a conhecer – e também a nível de saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz. [...] É a partir de um poder sobre o corpo que foi possível [...]” (FOUCAULT, 2000, p. 148-149) sua regulação através do seu disciplinamento.

#### 4.2 RISCO ZERO – NEM COM AUTORIZAÇÃO MÉDICA

Riffel (2005) assinala que existe a captura “[...] desde o início da gestação, até mesmo a mulher grávida classificada de “baixo risco” para o parto, permanece sujeita a investigação de saúde e é orientada a manter constante avaliação e auto-avaliação de sua gestação [...]” (p. 71). Daí a jornalista afirmar: “[...] Mesmo meu médico tendo liberado as doses de bebida alcoólica por semana, não bebo” (CADERNO MEU FILHO, 10/11/2008). Apesar de confiar no seu obstetra e tomar sua palavra como lei, esta decidiu que mesmo com a autorização médica não tomaria bebida alcoólica, isso, segundo ela, para evitar qualquer risco. Riffel (2005) mesmo sem conhecer a jornalista na época da escritura de sua Tese, evidenciou que a mulher grávida é capturada pelos discursos e acaba mantendo sobre si um autocontrole. Essa premência do cuidado para evitar o risco como bem coloca a autora acima referida, “[...] é compartilhada com a gestante e tende ao deslocamento

para a gestante uma vez que o aspecto central da governabilidade nas sociedades neoliberais é a figura idealizada do cidadão autônomo e capaz de exercer o controle pessoal” (p. 60). A jornalista exerce um autocontrole sobre si em todos os momentos como vimos tratando ao longo da Dissertação. Segundo ela, como já apontado, até na hora de passar hidratante corporal cuidava dos seios e “apertava o mínimo possível a região para não ‘correr riscos’(CADERNO MEU FILHO, 24/11/2011) porque, conforme sublinha Riffel (2005), “risco e gestação são descritos juntos” (p. 65). Bujes (2010) pontua que “[...] embora a possibilidade de riscos seja totalmente aleatória, isto é, possa atingir a qualquer um, a ideia de risco social vem sempre associada a segmentos particulares da população [...]” (p. 159). Assim, com vistas a ter uma gravidez mais segura, é sugerido, no espaço Mãe na Roda,

Cuidados importantes para gestantes e futuras mães: - Ácido fólico: deve ser tomado a partir do momento em que a mulher deseja engravidar e durante 60 dias após a concepção para prevenir a má formação da coluna do bebê. - Bebida alcoólica: a gestante não deve ingerir qualquer quantidade. - Carnes cruas e malpassadas: podem transmitir toxoplasmose, doença que pode causar má-formação do feto se a grávida não tiver defesa. Consulte seu médico para saber se você é reagente ou não. – Luzes: não é comprovado, mas as mechas nos cabelos podem fazer mal ao bebê. Portanto, até os quatro meses, está proibido retocar a raiz. [...] – Fonte João Steibel, obstetra (CADERNO MEU FILHO, 4/8/2008).

O risco de morte do bebê também foi colocado em termos de idade gestacional. Ao fazer referência à possibilidade de nascimento de sua filha, faltando dois meses para o parto, expressa “[...] Se eu entrar em trabalho de parto a partir de agora, meu nenê tem todas as chances de sobreviver. Há um mês, seria um parto com grande risco. Agora já não é mais” (CADERNO MEU FILHO, 27/10/2008). Também viveu o dilema do medo associado ao risco, quando ao resistir às orientações do médico e contrariar as solicitações e vigilância do marido, foi a um restaurante e ingeriu *sushi* e *sashimi*.

Assim que sabemos da gravidez, [...] todos os cuidados devem ser tomados. Um deles é evitar carnes mal passadas, saladas mal lavadas e peixes crus para não contrair toxoplasmose, uma doença que pode causar má-formação no feto. Pois, para mim, muito mais difícil do que deixar de tomar uma caipirinha ou um cálice de vinho é não poder comer sushi e sashimi, [...]Estive em Porto Alegre, e uma amiga, grávida de seis meses e dona de um restaurante japonês, me falou que está comendo peixe cru todos os dias, e que o médico dela disse que se ela sabe a procedência dos alimentos, pode comer. Era o que eu precisava para não resistir e conhecer um restaurante. [...] Meu marido não queria ir de jeito nenhum, e passou a

noite me incomodando para eu optar pelos pratos fritos ou cozidos. Acabei experimentando alguns sashimis novos, a maioria grelhados. **Mas, pela primeira vez nas 21 semanas de gestação, cometi um ‘pequeno deslize’. E junto com ele veio a primeira culpa. Imagina se acontecer alguma coisa?** O maitre me garantiu que os peixes são fresquíssimos, que não teria problema nenhum em eu comer. **Mas, no dia seguinte, não parei de pesquisar tudo na internet sobre toxoplasmose, e confesso: fiquei com medo. [...] Na dúvida, esperei uma semana e resolvi fazer mais um exame de sangue.** Graças a Deus, continuo imune à toxoplasmose. Só que quando contei ao obstetra, levei uma bronca. Disse ele que é melhor comer peixe que foi congelado do que fresco, que tem ainda mais riscos. Prometo me comportar de agora até o fim da gravidez. Afinal, pela minha Sofia, vale qualquer esforço (CADERNO MEU FILHO, 1/12/2008). [grifos meus].

Ao contar ao obstetra sobre o que havia acontecido levou uma “bronca” e ouviu orientações divergentes as do obstetra de sua amiga, que estava grávida de seis meses e era dona de um restaurante de culinária japonesa. Vemos aí a mobilidade e heterogeneidade discursiva que compõe de diferentes modos os cuidados sobre o corpo grávido. A jornalista, depois da pesquisa da Internet, do susto e do medo ao ler sobre a toxoplasmose, da insistência de seu marido em ela abster-se dos alimentos que poderiam fazer mal ao feto, da conversa que teve com o obstetra, etc. aceitou seguir rigorosamente uma dieta que evitasse qualquer risco. Bujes (2010) explica que é “[...] num campo de novas realidades, de novas formas de agir sobre as condutas humanas que a noção de risco ganha sentido” (p. 160).

Assim, podemos perceber que a captura da jornalista ao discurso que dissemina e prescreve uma gravidez segura está posta nos cuidados com: a alimentação sólida, a ingestão de líquidos, o cuidado com o corpo, as atividades físicas, o uso de medicamentos prescritos pelo médico e a obediência a ele. Gestante disciplinada, gestante cuidadosa, gestante que promove segurança a si e ao feto.

#### 4.3 A VIDA VISTA POR DENTRO

Vieira (2002), ao tratar da medicalização do corpo feminino, sublinha como o corpo da mulher, ao longo da história, foi transformado em objeto da medicina; para tanto, antes disso, ele tornou-se objeto da ciência. Segundo ela, a partir dos estudos em Foucault, a medicina emergiu como ciência ao final do século XVIII, quando ocorreu uma mudança no modo de “[...] olhar e falar sobre os corpos e seu

funcionamento” (p. 18). Esta mudança de olhar se estabeleceu na relação entre o “[...] visível e o invisível” (p. 18).

Vieira (2002) aponta que a medicalização do corpo feminino “[...] está profundamente articulada à emergência da nova visão da prática médica que se consolida no século XIX” (p. 21), que tinha em vista o controle das populações. Essas novas práticas envolveram grandes lutas entre as parteiras de um lado e os religiosos, Estado e médicos, de outro. A prática de partejar por muito tempo esteve nas mãos de parteiras. Riffel (2005) conta a história de seu nascimento, realizada por uma parteira, tendo o olhar **astuto** de seu avô presente e constante no quarto do parto. Observa-se que ainda, em muitos casos, esta é uma prática comum em algumas regiões do norte e nordeste e em cidades do interior do nosso país. Contudo, aos poucos, torna-se uma especialidade médico-obstétrica, principalmente nos grandes centros urbanos. A retirada das parteiras das práticas de fazer nascer e a transformação do nascimento deslocadas para a instituição hospitalar, estiveram ligadas concomitantemente a uma luta econômica, religiosa e política (RIFFEL, 2005). Não farei a retomada histórica disso, porque meu intuito na Dissertação é ressaltar o quanto as tecnologias (já referidas anteriormente) tornaram a gestação e a vida do feto algo do desejo público.

Ao longo da gestação da jornalista ela mostrou que realizou um pré-natal indo além do que precisava. Fez inúmeros exames. Quando estava na 20<sup>o</sup> semana gestacional, sabia que esperava uma menina e desde então escolheram o nome Sofia. Quando estava na 22<sup>o</sup> semana fez o ultrassom morfológico, quando afirmou: “[...] Que alívio saber que está tudo bem com a minha Sofia. As medidas das pernas, dos braços, do cérebro, do coração, cada parte da minha filha que a médica dizia que estava perfeitinha dava uma sensação maravilhosa.” (CADERNO MEU FILHO, 27/10/2008). Indicou às leitoras, no espaço Mãe na Roda<sup>35</sup>, que quatro exames de ultrassom eram suficientes para a gestante, se tudo estivesse *normal*.

Em uma ultrassonografia, ao mostrar à sua família o exame, sua mãe percebeu os detalhes da neta e exclamou extasiada: “[...] - Os olhos são da Tati. A boca é do Rafa. Como ela é linda” (CADERNO MEU FILHO, 20/10/2008).

---

<sup>35</sup> Os exames indicados constam na página 55 desta pesquisa.

Para a jornalista, fazer tantos exames de ultrassonografia indicava uma preocupação com a vida que tinha dentro de si, mas talvez junto a isso uma curiosidade em saber detalhes sobre como era a sua filha antes do nascimento. Isso nos leva a pensar nas múltiplas tramas que envolvem a rede de controle e de vigilância dos corpos examinados por Foucault (1999), vigilância possível nas sociedades acostumadas a obedecer.

#### **4.3.1 A emoção do parto - “um parto bem humanizado”**

Ao longo de suas confissões, a jornalista deixou claro o que significava o “Xá Comigo” exclamado quando viu confirmada a gravidez. O autogoverno que teve de si, o controle e a disciplina imposta ao seu corpo mostraram que a regulação e educação do corpo grávido, em relação a uma dieta alimentar equilibrada, ao repouso, à atividade física, às idas sistemáticas ao obstetra, às suas leituras resultaram, por fim, numa gravidez tranquila e segura, quase tendo a garantia de realizar um parto evitando quaisquer riscos. O parto foi realizado em um hospital onde era possível que os parentes acompanhassem através de um vidro que se abria e fechava com um sistema de cristal líquido. Ao entrar na sala de parto com as luzes baixas, ouvia músicas eruditas. Este ambiente, segundo ela, a deixou calma e “zen”.

O momento do parto foi descrito como muito emocionante:

[...] Até que, de repente, a enfermeira Miriam, uma espécie de encantadora de pais e bebês, me pede licença para tirar meu marido do meu lado e levá-lo ao momento mais inesquecível de nossas vidas. O Rafa chorou como uma criança quando viu a cabecinha da Sofia saindo de dentro de mim. Do outro lado da janela, brindes misturados a lágrimas comemoravam a chegada da Sofia. Com o cordão umbilical cortado e com poucos segundos de vida, a Sofia foi trazida ao meu peito pelas mãos do Rafael. Logo, todos os exames de rotina foram sendo feitos nela, tudo acompanhado pelo pai que, em poucos instantes, deu, ali mesmo na sala e com testemunho da família, o primeiro banho em nossa filha. Depois foi a vez da amamentação na primeira hora de vida um ato que protege o bebê contra doenças e ajuda a mulher a ter leite mais rapidamente. De lá para cá, Sofia e eu estamos cada dia nos conhecendo mais e nos adaptando uma à outra. E eu não sei como conseguia viver sem ela. [...] (CADERNO MEU FILHO, 05/01/2009).

Todos se emocionam ao controlar. Controlar o corpo grávido, controlar o feto no útero da mãe, controlar a conduta do médico e de sua equipe, controlar o nascimento do bebê, controlar o pai dando o primeiro banho. Todos têm que se preparar para desempenhar bem os papéis que lhe são atribuídos, porque este **parto humanizado**, que traz para dentro do hospital a família permitindo a ela ver e acompanhar o parto e permitindo ao pai que tenha forte atuação neste momento, pois é ele quem leva a bebê até a mamãe, é ele quem dá o primeiro banho e acompanha todos os exames, necessita que cada pessoa ocupe um lugar, que “[...] envolve a criação de conhecimentos nos diversos níveis de formação existentes na sociedade, que sejam acessíveis às grávidas – para que sigam as formas prescritas – e, também, às não-grávidas, aos homens e às crianças [...]” (RIFFEL, 2005, p. 78), porque, afinal de contas, todos têm a necessidade premente de saber e por fim produzir “[...] o parto como um acontecimento que dê sentidos e significados à vida [...]” (p. 78).

Em sua pesquisa, Riffel (2005), ao estudar o Programa de Humanização do Parto, assinala que o entende “[...] como um processo que se trama na comunidade e no hospital nela inserido, como uma rede que atravessa o corpo social e o corpo da mulher” (p. 78). Esta humanização do parto, além de gerir a vida, que se pretende mais segura, a partir de uma política que tem muitas disputas e interesses, com vistas a atingir a população, “[...] nada mais é do que uma guerra cujo objetivo é homogeneizar práticas de parto e nascimento, de disseminá-las, colocando todas sob o título de humanizadas” (p. 74). Essa humanização do parto como homogeneização de uma prática, podemos vislumbrar nos hospitais que não pertencem à rede pública. A jornalista fez o seu parto em um hospital de São Paulo. Aqui, em Porto Alegre, quase aos moldes do hospital paulista, no dia 02 de março de 2010, o Hospital Moinhos de Vento inaugurou a nova maternidade que, conforme material de divulgação, pretende também produzir uma humanização, similar ao Hospital Albert Einstein, mas que fica bem distante em relação a recursos, tratamento e público estudado na pesquisa de Riffel. No material de divulgação lemos:

O contato dos pais e dos familiares com o bebê, nos primeiros dias, é essencial para o desenvolvimento dos laços afetivos. Assim, tudo na nova maternidade do Hospital Moinhos de Vento foi pensado para **humanizar** ao máximo o momento mais importante da sua vida (Material de divulgação do

Hospital, veio como suplemento no Jornal Zero Hora do dia 03 de março de 2010, grifo meu).

#### 4.3.2 A regulação do corpo infantil – o discurso médico-pediátrico

Se durante a gestação as orientações, prescrições e recomendações, que conduziriam a conduta da cronista constituindo um modo de ser mulher-mãe, que pretendiam determinar e garantir uma saudável gestação que incidiria sobre a vida de seu bebê, foram oriundas do discurso médico-obstétrico, com o nascimento de sua filha vemos o acento desta direção de conduta mudar para outro profissional da saúde: a pediatra. A jornalista, junto com seu marido, escolheu a pediatra antes do nascimento de sua filha. Sobre esta escolha ela dedica um texto de sua coluna:

[...] é sobre a escolha do pediatra que quero falar hoje. [...] que será nosso parceiro no desenvolvimento de nossos filhos [...] uma tarefa fundamental e importantíssima. Para o pediatra iremos ligar – e muito – sempre que houver alguma dúvida, para saber se está certa a forma como estamos lidando com nossos filhos e, o mais importante, no momento de uma emergência. [...] Ouvimos então a indicação de duas amigas que adoram a doutora Clarice. [...] E assim foi. Depois de duas ligações para saber se o cocô líquido e amarelo era normal – sim, era – e se a minha mãe, gripada, podia chegar perto da neta – sim, só que com máscara -, a Sofia tirou nota 10 com louvor na primeira consulta. Fizemos as dezenas de perguntas que levamos por escrito, e a doutora nos respondeu com paciência todas, fez todos os exames em nossa filha e saímos de lá ainda mais tranquilos, sabendo que daqui para frente podemos contar com ela (CADERNO MEU FILHO, 12/01/2009).

O significado e a importância da pediatra na vida desta mulher-mãe é a cada Coluna reafirmada, visto que esta será uma parceira no desenvolvimento de sua filha. Ou seja, sempre que tiver dúvida ou em caso de emergência ligará para ela. Assim é necessário que:

[...] além de ser uma excelente médica, atende o celular 24 horas por dia e, nos fins de semana, recebe os pacientes em casa, se necessário. Fomos até a doutora Clarice e adoramos o jeito dela, a objetividade e a tranqüilidade. (Aliás, faço um parêntese para lembrar da importância de ir ao pediatra ainda na gravidez, pois na volta da maternidade, nos primeiros dias em casa e, antes da primeira consulta, sempre surgirão dúvidas) (CADERNO MEU FILHO, 12/01/2009).

Por estas razões a escolha da pediatra foi realizada pelo casal, que levou em conta considerar: alto grau de competência, estar 24 horas com o celular disponível, atender em casa nos fins de semana, ser objetiva e tranquila.

Nos primeiros dias em casa, segundo o que escreveu no excerto, ela havia ligado para a pediatra perguntando sobre a cor das fezes da bebê e se sua mãe, gripada, poderia chegar perto da neta. Vemos o detalhe do detalhe sendo colocado à baila, a fim de ver se está tudo bem com o bebê. Na mesma Coluna no espaço Mãe na Roda, a jornalista fornece algumas dicas de como escolher o pediatra.

[...] Preste atenção na aparência do consultório. É claro, limpo e alegre? É calmo e seguro? - Observe o interesse do pediatra por você e por suas expectativas em relação ao bebê. - Analise se o estilo e a personalidade do pediatra combinam com você. - Preste atenção nas pessoas que trabalham com o pediatra. Elas gostam de crianças? - Peça indicação a outros pais. - É importante o pediatra ser disponível e atender sempre as ligações (CADERNO MEU FILHO, 12/01/2009).

Para saber sobre o desenvolvimento de sua filha, ela recorre à pediatra que, a partir de um padrão normativo de conduta, lhe explica se ela está dentro ou fora da normalidade.

[...] Segundo a pediatra da Sofia, alguns sinais demonstram o quanto a criança está se desenvolvendo em cada etapa da vida. No primeiro mês, os bebês acompanham as pessoas com o olhar. No segundo, começam os chamados sorrisos sociais, e as crianças já balbuciam os primeiros sons. No terceiro, os bebês ficam mais durinhos, começam a segurar bem o pescoço e já se comunicam muito melhor. Por isso é bom demais ir acompanhando cada sinal de crescimento dos nossos filhos. Saber que eles estão respondendo bem aos estímulos e se desenvolvendo de acordo com o que ensinam os 'livros' dá uma felicidade muito grande. Mas não esqueça: como tudo na vida precisa de equilíbrio, é sempre recomendável que se estimule, sim, mas não demasiadamente. Passar dos limites não faz bem nem ao bebê nem aos pais (CADERNO MEU FILHO, 30/3/2009).

Vemos que a interpelação de um discurso normativo está sempre posto no que se refere a um bom gerenciamento e governo da vida da mulher-mãe de recém-nascidos. A cronista escreve que se sentiu feliz por saber que está tudo bem com sua filha, a partir daquilo que os livros lhe ensinam pela ratificação da pediatra.

A importância da pediatria na vida das famílias emerge, no século XIX, a partir da puericultura que se encarrega de divulgar as normas racionais de cuidados com a infância. O médico e filantropo Arthur Moncorvo Filho, conhecido como o príncipe da proteção científica à infância, foi uma figura exponencial na elaboração de políticas de atendimento à infância (KUHLMANN, 1998). Weber (2009), sublinha que a preocupação com a infância se dá no momento em que ela é entendida como um “[...] grupo populacional específico [...]” (s/p). Sendo a infância um grupo que ocupa

um lugar diferenciado ela vai suscitar “[...] uma série de saberes e mecanismos de controle [...]” (s/p) com vistas a garantir a sua vida e o seu melhor governo.

Segundo Costa (2004), até o século XIX, não existia: “[...] A imagem da criança frágil, portadora de uma vida delicada merecedora de desvelo absoluto dos pais. [...] Nem sempre o neném foi *majestade* na família [...]” (p. 155). [grifo do autor]. A mudança que situou a criança em outro lugar foi, em grande parte, garantida pelos médicos-higienistas como reação ao alto índice de mortalidade. Os higienistas responsabilizavam os adultos que eram imprudentes nos cuidados com as crianças e também no “[...] afrouxamento de laços afetivos entre pais e filhos” (p. 164). Com isso, era necessário pensar uma nova organização familiar, com vistas a proteger a criança. Nessa nova organização familiar, a mulher-mãe, com mais autonomia, teve um papel preponderante de cuidado, educação e amor aos filhos. E a medicina apropriou-se da infância, através “[...] de manobras teóricas mostrava-os como obstáculos à saúde, quando não à própria vida dos filhos, para em seguida ensinar-lhes a maneira adequada de proteger as crianças” (2004, p. 171). A hegemonia e poder do discurso médico incitando um jeito de agir e uma forma de ser da jornalista em relação ao seu corpo grávido se voltará agora para ambas: mãe e filha.

#### 4.4 GRAVIDEZ SAUDÁVEL E TRANQUILA - “OS SEGREDOS DE UMA ENCANTADORA DE BEBÊS”

Como escrito anteriormente, uma das leituras que a cronista usou para se cercar de conhecimentos e aprendizagens sobre maternidade e que percebemos ver aplicada nas suas crônicas, em sua conduta sobre sua filha, foi o livro **Os Segredos de uma Encantadora de Bebês**.

Hogg (2002) relata que aprendeu a encantar bebês a partir do convívio com a sua avó materna, com a experiência materna de suas duas filhas e com o seu trabalho de enfermeira. Quando começou a cuidar de recém-nascidos, muitos dos quais ela mesma havia ajudado a parir, já conseguia entender a linguagem não verbal dos mesmos. Hogg (2002) conta que, ao fazer 18 anos, ingressou na faculdade de enfermagem, na Inglaterra. Não era considerada uma boa aluna, mas que se saía bem em uma matéria chamada ‘Prática’, em que era importante ouvir e observar o paciente e em mostrar empatia. Por ter se destacado no trabalho com

pacientes, o conselho da faculdade de enfermagem lhe conferiu o prêmio de 'Enfermeira do Ano'. Foi assim, segundo ela, que se tornou "[...] enfermeira e parteira registrada na Inglaterra, especializada em crianças com deficiências físicas e mentais" (p. 5). Teve de "aprender a entender sua linguagem" o que a tornou sua intérprete. Hogg (2002) relata que foi para os Estados Unidos onde se especializou em "tratamento infantil" e em "[...] tratamento de recém-nascidos e em cuidados no pós-parto tornando-se o que os americanos chamam de *enfermeira de bebês*" (p. 5) [grifo da autora].

O livro *Os Segredos de uma Encantadora de Bebês*, utilizado como suporte às crônicas analisadas, serve como um manual à mãe (em especial) e ao pai que ensina como ela/ele deve conduzir sua conduta e preparar-se para a chegada do bebê. Em diversos momentos, a colunista mostrou fazer uso dos conselhos de Hogg (2002). Entretanto, como afirma em resposta a uma leitora, não seguia à risca, ajustava-os de acordo com o seu jeito ou, às vezes, nem concordava.

Selecionei dois excertos para ilustrar em minha pesquisa o quanto os aconselhamentos de Hogg ressoavam na vida da jornalista, o quanto os usava para organizar e educar a sua filha; o quanto ela pautava a sua conduta e se construía como mãe deixando-se embalar e ecoar dentro de si a voz da enfermeira inglesa. Os aconselhamentos de Hogg, nas práticas da jornalista, são percebidos desde a saída do hospital, em como devia proceder na hora do banho, de amamentar, de fazer dormir, de escutar, conversar e entender a linguagem não verbal do bebê. As recorrências e indicações à Hogg são inúmeras, inclusive no espaço *Mãe na Roda*. Também é importante ressaltar que o marido da jornalista concordava com os aconselhamentos da autora.

Vejamos o que Hogg (2002) sugere à mulher-mãe assim que chega em casa, após sair da maternidade:

**Comece o diálogo com seu bebê fazendo um tour com ele pela casa.** É isso mesma, querida, um *tour*: como se você fosse a curadora de um museu, e seu filho, uma visita ilustre. [...] percorra a casa com ele nos braços e mostre o lugar onde irão morar. Converse com ele. Com voz suave e baixa, explique cada um dos cômodos: 'Aqui é a cozinha, onde eu e papai cozinhamos. Aqui é o banheiro, onde tomamos banho' [...] (p. 20-21). [grifos da autora].

Ao chegar de volta da maternidade com seu nenê, a jornalista seguindo os passos da encantadora de bebês, conta que:

[...] Quando chegamos da maternidade, **fiz um tour pelos cômodos da casa, sempre falando onde ela iria dormir, qual era o quarto dos pais, a cozinha, a sala.** Até o nosso cachorro Bono foi devidamente apresentado ao bebê. E, desde então, estou conversando, conversando, conversando sempre com minha guriazinha. [...] (CADERNO MEU FILHO, 30/3/2009) [grifos meus].

Mulher-mãe que, ao seguir o aconselhamento de Hogg (2002), estabelece uma relação respeitosa e acolhedora com a bebê, também mostrando às suas leitoras o quanto quer encantá-la na sua primeira entrada no lar. Isso nos lembra Fischer (2004), quando estuda como “[...] os meios de comunicação têm estimulado, sugerido, delineado determinadas formas de existência coletiva ou de relação consigo mesmo e com o outro” (p. 2).

Nesta produção coletiva como mostra Fischer (2004), uma leitora escreve à jornalista indagando-a sobre como ela aplicou as dicas de Hogg (2002), e ela explica que neste caso, ela era contrária às sugestões do livro, mas acabou fazendo porque seu marido era favorável. De onde a leitora assim lhe escreve:

(Leitora) ‘Te escrevo para tirar uma dúvida cruel: como tu aplicaste o método do livro Os Segredos de Uma Encantadora de Bebês, de Tracy Hogg, com a Sofia desde o início? Como era tua rotina com ela nas primeiras semanas? Acordava ela de três em três horas de dia para não dormir muito? E, à noite, a que horas colocava ela no berço? E as mamadas, deixava em livre demanda ou estabeleceu horários? Queria um parâmetro para adaptar a Betina. Meu marido diz que ela é muito novinha para seguir tantos horários, e que temos de deixar o tempo ir mostrando o que deve ser feito’.

(Colunista) Eloise, comigo foi o contrário. Eu que achava que a Sofia era muito novinha para seguir horários, e meu marido que quis botá-la na rotina da Encantadora de Bebês. Mal ou bem, deu certo. Acordávamos ela durante o dia para as mamadas a cada três horas. No primeiro mês, ela mamou de três em três horas também durante a noite. Depois, com dois meses, começamos tirando a mamada da meia-noite. Mais adiante, cortamos também a mamada das três da manhã. Tudo sempre com orientação da pediatra.

(Leitora) ‘Como tu adaptaste a rotina de vocês nos primeiros dias, os horários, as mamadas? Quem sabe eu tento de uma outra maneira estabelecer a nossa rotina?’

(Colunista) Não podemos esquecer que as crianças não vêm com manual e que cada filho é diferente do outro. Eu gosto muito do livro da Tracy Hogg, mas não sigo à risca todas as dicas da Encantadora. Adapto para a rotina da Sofia e para que acho que é melhor para a minha filha. Não temos robôs

em casa, e sim bebês que precisam do nosso amor e da nossa atenção. Minha sugestão é: siga o teu instinto. É maravilhoso termos livros e médicos para nos darem conselhos, mas o que for melhor para os nossos filhos, só nós vamos saber (CADERNO MEU FILHO, 8/6/2009.).

De tal modo estas mães expõem suas intimidades na relação e rotina com seus filhos. Ensinam às leitoras seu modo de conduzir a vida de seus filhos que nos remete a Bauman citado em Fischer (2004), quando afirma que estas “[...] são lições públicas sobre a vacuidade da vida pública e sobre o vazio das esperanças postas em tudo o que seja menos privado que os problemas e as soluções particulares” (p. 5).

#### 4.5 A MÃE ABJETA: NÃO CUIDA DE SI, NÃO CUIDA DO OUTRO, ESQUECE E DEIXA MORRER

Temos visto com mais frequência na mídia notícias que relatam sobre tragédias de mãe ou pai esquecendo filho/a no carro fechado por várias horas e como consequência o óbito da criança.

**Esquecer um filho?** Foi tema de uma das Colunas estudadas em que a jornalista tratou dessa tragédia de uma mulher-mãe paulista. Trarei o tema desta Coluna para ir alinhavando o final deste estudo. A psicologia, a psiquiatria e a religião certamente encontrarão respostas para tal esquecimento. Não buscarei, como pedagoga, respostas para tal esquecimento. Falarei da importância do governo de si mesmo, no sentido dado por Foucault e retomado por Bujes (2002) como governamento, entrelaçado ao cuidado de si, tendo em vista o cuidado do outro; governo como condução da conduta para pensar, mais adiante, no excerto que escolhi para esta análise. Neste momento tomo, como Foucault

O termo ‘conduta’, apesar de sua natureza equívoca, talvez seja um daqueles que melhor permite atingir aquilo que há de específico nas relações de poder. A ‘conduta’ é, ao mesmo tempo, o ato de ‘conduzir’ os outros (segundo mecanismos de coerção mais ou menos estritos) e a maneira de se comportar num campo mais ou menos aberto de possibilidades. O exercício do poder consiste em ‘conduzir condutas’ e em ordenar a probabilidade. O poder, no fundo, é menos da ordem do afrontamento entre dois adversários, ou o vínculo de um com relação ao outro, do que da ordem do ‘governo’ (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 243-244).

Sobre o ato de conduzir a si e ao outro como ensina Foucault, Marshall (2008) indica que o governo é “[...] uma forma de atividade dirigida a produzir sujeitos, a moldar, a guiar ou a afetar a conduta das pessoas de maneira que elas se tornem pessoas de um certo tipo; a formar as próprias identidades das pessoas de maneira que elas possam ou devam ser *sujeitos*” (p. 28-29). [grifo do autor]. Popkewitz (1998, p. 96) usa a noção de governo “[...] para focalizar práticas historicamente específicas, através das quais os indivíduos podem pensar-se, conduzir-se e avaliar-se como indivíduos produtivos”. Dornelles (2002), a partir das leituras que empreendeu para entender como as meninas são subjetivadas nas revistas femininas infantis e como isso fabrica um modo de ser menina fora do papel, aponta que governar “[...] é agir sobre as ações dos outros, é “dirigir a conduta” dos indivíduos ou grupos, sejam estes crianças, almas, comunidades, famílias, doentes, etc” (p. 21).

Bujes (2002), a partir de Foucault e Veiga-Neto, substitui governo por governamento “[...] para significar o modo como o poder se exerce e é exercido para administrar a conduta [dos outros e] de si por si mesmo” (p. 78).

Esse exercício de governamento dos outros sobre o sujeito vai incidir no governamento de si sobre si, assim como esse governo de si sobre si vai incidir no governamento dos outros. Nunca é uma via de mão única, sempre vai e volta em uma circularidade.

Para que a jornalista se produzisse das tantas maneiras como mulher-mãe, foi preciso que ela estabelecesse em si mesma o governamento, que dirigisse a sua conduta de um modo, que se deixasse afetar pelo que lia, ouvia, que se dispusesse a aceitar o governamento dos outros sobre si. Nessa aceitação ou recusa que viveu, viu, sentiu, ela foi se subjetivando de muitos jeitos, às vezes, como vimos contraditórios, pois ora estava em um lugar, ora em outro, oposto daquele anterior.

Nessa constituição mulher-mãe, a jornalista deixou-se interpelar pelos discursos da saúde, psicologia, religião, moral, mídia, pedagogia aceitando-os de alma aberta, pois entendia que as verdades disseminadas por eles garantiriam sua saúde e a saúde de sua bebê.

O cuidado consigo com vistas a cuidar da vida que trazia dentro de si foi marcado desde sua primeira coluna. Nesse cuidar de si, para cuidar de sua filha, estiveram envolvidas muitas pessoas: seu marido, sua mãe, sogra, sogro, pai, irmã, empregada, babá. Grande parte de sua família esteve envolvida neste cuidado e o governo dela mesma parece ter sido facilitado graças a este envolvimento.

Como descrito, a gravidez foi um projeto e desejo do casal. A filha veio para afirmar o amor que um sentia pelo outro. Com isso, percebe-se um grande investimento no corpo grávido e grande atenção das pessoas em volta da mulher-gestante. Tão logo confirma a gravidez, a jornalista, antes de fazer qualquer coisa em si, pensa se isto trará algum problema para sua bebê. Abre mão de alimentos e bebidas, faz hidroginástica, lê muitos livros, segue à risca as determinações de seu médico e tem muito presente a companhia e o amparo de seu marido, que como “cão de guarda” a vigia naquilo que é ou não recomendado fazer. Ao escrever sobre si, ela mostra algumas verdades de determinados discursos que a objetivam e subjetivam para a constituição desta mulher-mãe múltipla. Vê-se a força imperativa, sobre ela, do discurso médico, antes, durante e após a gravidez. Também, e ao mesmo tempo, pautando o seu governo a força do discurso psicológico, moral e pedagógico. Ela nunca se sentiu sozinha. Além de seu marido, sua família, em especial a mãe, estiveram ao seu lado, tanto durante a gestação como no momento do parto. Com o nascimento de sua filha, acompanhamos o nascimento de muitas novas e plurais identidades: mãe, pai, avó, avô, tio, tia, prima, primo, ... que se voltaram numa grande união em torno da bebê. A mulher-mãe cerca-se do uso das tecnologias e estabelece e mantém os vínculos de sua família com a filha usando celular, *skipe* e *blog*. Controla a nenê usando a câmera com vídeo, quando precisava se afastar. A mulher-mãe toma para si o cuidado total de sua filha e prepara-se para amamentá-la exclusivamente até o sexto mês. Não descuida de seu corpo e aparência e julga ser importante manter-se bonita. Embora dividida e culpada, entende que é necessário investir em si e retorna à Universidade para concluir o mestrado, porque deseja, também, que sua filha sinta orgulho dela. Mulher-mãe que se constitui de muitos modos e de diferentes lugares. Mulher-mãe que se mostra empreendedora, zelosa, disciplinada, amorosa, preocupada, plugada para garantir o viver saudável, alegre e feliz de sua filha. Mulher-mãe que investe na

sua vida para fazer viver a filha. Mulher-mãe que procura e faz o possível para governar-se de maneira a poder governar a vida de sua filha com serenidade.

Este governo pode redundar em algo positivo ou não.

Causou comoção a mãe que esqueceu a filha de seis meses dentro do carro em São Paulo na semana passada. A menina não resistiu e morreu depois de ficar cinco horas trancada sob um calor de aproximadamente 30 graus. Como uma mãe pode esquecer um filho em algum lugar? Eu não consigo entender. Mas antes de julgarmos essa mulher, que com a culpa que vai carregar pelo resto da vida também morreu parcialmente, vamos pensar sobre a loucura em que vivemos. [...] Fazemos de tudo para ser a melhor mãe, a melhor esposa, uma dona de casa dedicada, uma profissional exemplar. [...] Não acredito que essa mãe seja um monstro nem uma assassina. Os colegas de trabalho contaram que ela sempre foi uma mãe zelosa, preocupada com os filhos. No dia fatídico, ela trocou a rotina e alegou à polícia que a mudança no itinerário teria causado o esquecimento. [...] No que será que aquela mulher pensava na hora em que estacionou o carro e desceu para trabalhar [...]. Não podemos querer ser mil ao mesmo tempo e deixar a vida escapar de nossas mãos. É melhor abdicarmos de alguma coisa para termos o resto mais completo. Eu sei que nada justifica uma mãe esquecer-se de um filho. Não existe nada mais precioso que nossos filhos. Eu posso estar longe, fazendo mil outras coisas, mas minha cabeça vai estar sempre na minha filha. Que esta tragédia familiar sirva para que a gente possa refletir e prestar mais atenção em nossos filhos (CADERNO MEU FILHO, 8/6/2009).

No caso ilustrado pela jornalista, a mãe perdeu o controle da Nave o que resultou em algo muito negativo. Com isso, tornou-se uma mulher-mãe-abjeta, aquela que, perdendo o controle da Nave, produz a morte no lugar da vida e levará consigo o peso eterno de ter perdido o controle da vida, de ter governado a sua conduta de modo desorientado, de não ter sabido conduzir-se de modo a produzir a vida.

## 5 – CONCLUSÃO

Iniciei o texto desta pesquisa usando como primeira epígrafe um fragmento da colunista da Nave Mãe que, durante dois anos e meio, compartilhou as confissões de sua vida no Caderno Meu Filho e, ao despedir-se, afirma que ao fazer isto tinha por objetivo ajudar outras pessoas, porque tinha certeza de que seus leitores e leitoras não só se identificavam, mas pegavam carona nas suas experiências. Ao longo das análises, percebi o quanto os seus escritos apresentavam um caráter pedagógico. Embora escreva que pais, mães, tios, padrinhos, tias e avós liam seus textos, em diferentes momentos, aponte que suas crônicas eram endereçadas às mulheres.

Ao narrar de si, a cronista nos indicava como ela ia constituindo-se mulher-mãe de um determinado modo. Este modo se fazia múltiplo e procurei mostrar, em todos os capítulos, no que consistia essa multiplicidade.

Durante a leitura dos Cadernos e ao selecionar as oitenta e cinco Colunas para a pesquisa, fui significando o logotipo do Caderno Meu Filho. Imagens e textos se complementavam e se reafirmavam a partir de diferentes discursos. A força da Coluna Nave Mãe e sua grande repercussão residem no fato de circular em um aparato midiático produzido para um público selecionado e presumido. O Caderno Meu Filho é produzido para a família, mas, como tantas vezes sublinhei, era endereçado especialmente às mulheres. Em diferentes momentos, durante a análise das Colunas, aponto que o público que lia, indagava, participava e respondia às questões da jornalista eram mulheres-mães. A colunista afirma que se tornou outra pessoa quando viu confirmada sua gravidez. Eu, como consumidora, colecionadora e pesquisadora do Caderno Meu Filho, passei a acompanhar no que consistia e o que estava implicado nessa mudança. Ao buscar entender as significâncias que atravessaram a produção desta mulher-mãe, percebi que a jornalista toma para si a responsabilidade da educação de sua filha. Não prescinde da companhia do marido que, segundo ela, mostrava-se companheiro, sensível, carinhoso, zeloso e apaixonado pela família. Em diferentes momentos, escreveu que a paternidade, tal qual a maternidade, é uma construção, todavia, ao mesmo tempo em que narrava sobre a construção materna, também acreditava que ela fosse instintiva. Nos seus textos, ela enalteceu a forma como seu marido se envolveu e se preocupou com

sua gravidez, sugerindo a outros homens-pais que tivessem a mesma conduta. Entretanto, o pai era o Outro.

A imagem que remetia à Coluna era representada por uma criança que pilotava a Nave da Mãe sozinha. Tão logo a mulher confirme a gravidez, deve governar sua conduta para constituir-se mulher-mãe de forma a possibilitar que o/a filho/a pilote a nave sozinho/a sem sair da rota planejada pela família. Ao falar de si, a jornalista, mostrava que as identidades da mulher-mãe eram constituídas e as condutas pautadas por diferentes discursos que se atravessavam, às vezes, se confluindo, outras, se distanciando e se chocando. Ao narrar suas experiências, a cronista disseminava e fazia circular um tipo de mulher-mãe desejada pelo Caderno Meu Filho e pode-se observar, a partir do diálogo que ela mantinha com suas leitoras e que transcrevia na Coluna, o quanto essa maternidade era alçada à condição de verdadeira maternidade, como sublinha Meyer (2003).

Na constituição materna da jornalista, com grande acento, preponderou o discurso da saúde. O médico obstetra será a voz autorizada e suas prescrições são tomadas como lei. A gestação, para ela, é um período de preparação, em que o casal tem tempo de organizar a vida para a chegada do bebê. Durante os nove meses de gestação é possível ler muitos livros, buscar informações, organizar a casa, o quarto, contratar babá. Ao final do período gestacional o corpo sinaliza à mulher como será sua vida após parir o bebê, pois, nesta fase da gestação, ela acorda várias vezes devido aos incômodos oriundos da gravidez. O discurso da saúde continuou governando a sua conduta após o nascimento de sua filha nas vozes autorizadas da pediatria e enfermagem. A pediatra ensinava como ela devia cuidar da saúde de sua filha. Segundo o que escreveu, esta profissional teria de ser escolhida antes do parto, levando-se em conta os seguintes quesitos: confiança, disponibilidade de horários e acesso facilitado. Ao longo das análises, percebi o quanto ela indicou o livro *Os Segredos de uma Encantadora de Bebês*, escrito por Tracy Hogg, enfermeira inglesa. Além de indicar, ela usou esta obra, em diferentes momentos, na sua educação e na educação de sua filha.

Além dos discursos da saúde, observei que a psicologia e a psiquiatria, assim como o discurso moral, pedagógico, econômico e religioso, subjetivaram-na. Os indicativos dessa aceitação, concordância e afetação foram possíveis de perceber pela forma como expressava suas práticas e regulava suas condutas em relação à

constituição materna e ao modo como educava sua filha. Desta forma, percebi e procurei apontar que os saberes aos quais ela aderiu a produziram como uma mulher-mãe múltipla: cuidadora e cuidadosa, prevenida, disciplinada, organizadora e organizada, educada e educadora, apaixonada, amorosa, atenta, estudiosa, bem informada, plugada no mundo e, também, mulher sedutora.

Ao longo dos textos, a cronista pouco escreveu que a sua condição econômica foi determinante na produção de uma mulher-mãe múltipla. É bem pequena a parcela de mulheres-mães que podem contratar empregada, babá, sair para jantar em restaurantes, fazer viagens internacionais e nacionais, usando, com frequência, aeronave. Essa condição econômica privilegiada lhe possibilitou, entre outras coisas, manter contato diário, usando atualizadas tecnologias, com sua família, que residia geograficamente muito distante.

A partir de Derrida e Roudinesco (2004), aponto que o modelo da família nuclear burguesa, constituída na modernidade ocidental, vigorante na contemporaneidade, é o mesmo da família Nave Mãe. No capítulo dois, procurei sublinhar que os discursos econômico, pedagógico e moral vão forjar, regular e pautar as relações familiares, destacando-se a figura das mulheres-mães. Segundo as análises, a jornalista percebe-se amorosa, porque se subjetivou nas inúmeras experiências que viveu em sua vida desde a mais tenra idade. Na família da Nave, são muitas mulheres que ensinam a amar. A cronista sente, defende e dissemina que é necessário estabelecer, com sua filha, um amor-disciplina. Ela estabelece esse amor com sua filha porque o recebeu de sua mãe. O amor-disciplina será repleto de afeto, cuidado, atenção, limites e mimos. O amor-disciplina possibilitará que a criança seja independente e que pilote a Nave sozinha, seguindo o caminho planejado pela família. O amor-disciplina é um sentimento forte na relação entre mãe e filha e, também, na relação com as pessoas da família materna. Para que sua mãe e avó mantivessem contato e acompanhassem o crescimento de sua filha, já que, como apontado acima, ambas moravam longe, cada uma em sua casa acessava o *skipe*. O uso das tecnologias para encurtar distâncias, entreter, controlar, acompanhar, vigiar, estava muito presente na família da Nave. Mulher-mãe-digital, que estava conectada no mundo, estabelecendo contato com outras mulheres, através de seu *blog*, o que lhe permitia escrever muitas das suas crônicas. Mulher-mãe empreendedora, que investe em si, para garantir um futuro melhor para sua

filha e, resoluto, decidiu voltar para o Mestrado, quando sua bebê estava com quatro meses.

A gravidez como **estado de graça**. Este é o tema que permeia o terceiro capítulo, no qual faço a análise das confissões da jornalista e dialogo com outras pesquisas. Sublinho que, apesar do cansaço, dores, sustos, temores e apreensão sentidos durante a gravidez, ela afirmava que vivia **a mais linda jornada de sua vida**. Neste capítulo, aponto, a partir das análises, que discursos divergentes estiveram presentes na constituição materna e que isto, de modo algum, foi problemático. Se, ao longo das suas Colunas, ela deixava visível que a maternidade era produzida e vivida culturalmente, de forma dinâmica e diferente para cada mulher, também deixava visível que toda mulher, por nascer pronta para ser mãe, tem impresso dentro de si o que necessita para a maternidade e que essa predisposição biológica e natural permite à mulher sentir por instinto o que fazer com seu/sua filha em muitas situações em que deve tomar uma decisão. Com isso, ao responder perguntas de suas leitoras, sugeria: siga o teu instinto. Neste capítulo, sublinhei alguns marcadores do corpo grávido em que a barriga proeminente era o marcador mais desejado, tendo em vista que ela serviria para atestar o seu estado grávido. No período em que as pessoas viam sua gravidez a partir de sua barriga, afirmava que recebia atenções e mimos e não precisava requerer os direitos concedidos a uma grávida. Afirmou que todas as grávidas são belas e que ela sentia-se linda e criticou opiniões contrárias a essa. Um assunto sobre o qual discorro longamente nesse capítulo é a importância, defesa e campanha que a cronista realiza em prol da amamentação exclusiva até o sexto mês. A partir dos estudos de Yalom (1997), vemos que foram as modernas democracias ocidentais que inventaram o seio político. Retomo a história das amas de leite e a forte campanha, que teve adesão de filósofos, moralistas, médicos, promovida durante o século XIX, para que as mães amamentassem seus/suas filhas. Sublinho que a conduta da jornalista em favor da amamentação é prescrita em consonância à cartilha médica da Organização Mundial de Saúde.

No último capítulo, disserto sobre o quanto o corpo grávido está associado a risco. Com isso, a mulher-mãe cuidará de si de maneira pormenorizada, tendo um grande gerenciamento do seu corpo, para garantir saúde plena ao feto. O investimento no corpo grávido é atravessado por discursos que se multiplicam e

dispersam. Ao cuidar de sua saúde, o poder-saber do discurso médico tem sua completa adesão. A cronista assume e aceita as prescrições do seu médico, mostrando o quanto esta voz autorizada a interpela, deixando visível às suas leitoras que, quando cometeu um pequeno deslize, comendo um alimento não autorizado, tomou-se de culpa, por pensar que sua conduta poderia acarretar danos à sua bebê. Nesse capítulo, sublinho, que desde o início da gravidez, ela defendeu o parto normal, apontando os inúmeros benefícios, tanto para a mulher-mãe quanto para a bebê, no entanto, também, dizia que estava preparada para realizar a cesariana.

A experiência materna constitui-se como singular para cada mulher-mãe. Somos interpeladas por inúmeros aparatos midiáticos, que nos ensinam um jeito de exercer a maternidade. Políticas públicas regulam, ordenam, prescrevem, sugerem um modo de ser mulher-mãe. Os discursos, com seu poder-saber, invadem os nossos eus, nos incitando a viver a partir de uma normatização que acaba normalizando condutas, que estão sujeitas a muitas graduações. A jornalista, ao falar de si e narrar sobre seus temores, dúvidas, medos, alegrias, preocupações sobre a gestação, educação de sua filha, relação com o marido e família, escolha da babá, da pediatra, da confiança no obstetra, das leituras que fez para se preparar para a maternidade, ia mostrando às suas/seus leitoras/es o seu modo ideal desta construção. Em vários momentos, procurou deixar visível a importância da família como alicerce de tudo. Em vários outros, procurou afirmar que a autonomia para a sua filha pilotar a Nave sozinha dependia integralmente dela, e, nesta busca de encontrar um modo de educar sua filha, ia se educando e se produzindo.

Neste endereçamento específico às mulheres leitoras da Coluna, volto a Fischer (2004), ao concluir sobre:

Vidas narradas e vidas vividas estão inter-relacionadas e são interdependentes – e isso pôde ser visto no decorrer da pesquisa. Os códigos sociais, visíveis e vividos no interior de diferentes espaços sociais – [da Nave Mãe] – constituem, pautam, normalizam não só a própria ação, a elaboração das narrativas, como ainda e o modo pela qual são lidas, percebidas e recebidas (p. 6).

Vidas narradas sobre as quais incide aquilo que aprendemos com Foucault, que somos produtos de um tempo histórico e respingos daquilo que os discursos dizem sobre nós. Somos provisórios, e o que vale para um pode não valer para o outro. O nascimento de um/a filho/a é também o nascimento de uma mãe, e esta

mãe deverá continuamente se educar e aprender. A colunista celebrou o tempo inteiro sua maternidade e, nesta celebração, expressou temor, angústia, preocupação e, ao mesmo tempo, felicidade e alegria. Nessa constituição materna, tomou para si a responsabilidade de ser mulher-mãe empreendedora, vaidosa, informada, zelosa, trabalhadora e sempre cuidadosa.

A jornalista lançou-se e encerrou a sua viagem na Coluna Nave Mãe mostrando, a necessidade de a mulher preparar-se no tempo da gravidez, assim como a importância do cuidado de si e de um investimento sobre o corpo, para a condução da conduta da mulher-mãe tornar-se saudável, organizada, disciplinada, atenta para promover ao filho/a possibilidades de conduzir a Nave sozinho/a, sem perder-se ou desviar-se do caminho. Entretanto, apesar de a mulher-mãe desejar e educar sua criança para lançar-se sozinha em sua viagem, ela sempre esperará o retorno da Nave, para ajudar a abastecê-la, se necessário, ou para abraçar o/a filho/a que sempre será seu/sua.

Ao adentrar nesta pesquisa, conferi e confirmei – talvez com “certo atraso” e sem qualquer novidade – que a mídia impressa ensina. Ensina um modo de viver neste tempo histórico; no caso desta Dissertação, ela ensina sobre maternidade e, imersa que estive na leitura das crônicas, me percebi, em muitos momentos, subjetivada pelos fragmentos de discursos que compuseram as confissões da jornalista e que mostravam as verdades (provisórias e contingentes) que a constituíam. Não me senti fora (em vários momentos) desta constituição materna, não estive preocupada em avaliar se era certa ou errada, mas em dividir compromissadamente o meu achado, que talvez pudesse se juntar a outros achados, ratificando que, no presente, podemos (mulheres-mães) nos constituir de modo multifacetado. Este biopoder, que normatiza a vida do corpo grávido, tutela à mulher a responsabilidade infinita de gestar, parir e educar. Este biopoder, que promove a vida, chama, convoca e atribui à mulher-mãe uma responsabilidade infinita, é dado e, também, como aprendi com Larossa, que nos constituímos em narrativas, tanto aquelas em que falamos de outros como aquelas em que dizemos de nós mesmos.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Bento Fagundes de. **Revista Bravo!** Desenho, design e desígnios na perspectiva dos estudos da cultura visual. Porto Alegre (RS), PPGEDU/UFRGS, 2008. Dissertação de Mestrado.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado**. Disponível em: <http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>. Acesso em: 24 jul. de 2011.

BERGER, John. **Modos de Ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BUCKINGHAM, David. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. In: **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre (RS), UFRGS/FACED, vol.35, n.º 3, set/dez., 2010, p. 37- 58.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Infância e Maquinarias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

\_\_\_\_\_. Outras infâncias? In: SOMMER, Luís Henrique e BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Org.) **Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens**. Canoas: ULBRA, 2006, p. 217-231.

\_\_\_\_\_. Infância e Risco. In: **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre (RS), UFRGS/FACED, vol.35, n.º 3, set/dez., 2010, p. 157-174.

CANDIOTTO, Cesar. **Verdade, confissão e desejo em Foucault**. Disponível em: <http://www.observacionesfilosoficas.net/truthconfe.html>. Acesso em: 29 maio 2011.

CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. Disponível em: [http://www.agende.org.br/docs/File/dados\\_pesquisas/feminismo/Empoderamento.pdf](http://www.agende.org.br/docs/File/dados_pesquisas/feminismo/Empoderamento.pdf)  
Acesso em: 29 jun. 2011.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

COSTA, Sylvio de Souza Gadelha. Governamentalidade neoliberal, teoria do Capital Humano e empreendedorismo. In: **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre (RS), UFRGS/FACED, vol. 34, n.º 2, maio/ago., 2009, p. 171-186.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Educação e cultura visual: uma trama entre imagens e infância**. Porto Alegre (RS): PPGEDU/UFRGS, 2005a. Tese de Doutorado.

\_\_\_\_\_. Apontamentos sobre a cultura visual. In: **19º Seminário Nacional de Arte e Educação: a poética da docência**, 2005b: Montenegro. v. 1. p. 29-41.

\_\_\_\_\_. Pedagogias em Artes Visuais na Educação Infantil: Entre Monets e desenhos mimeografados, o que mudou? In: **V Colóquio Internacional de Filosofia da Educação: "Devir-criança da filosofia: infância da educação"**. UERJ, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. São Paulo: 34, 1992.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que Amanhã: diálogos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DONALD, James. Liberdade bem-regulada. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Pedagogia dos Monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 60-87.

DONZELOT, Jacques. **A Polícia das Famílias**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

DORNELLES, Leni Vieira. **Meninas no Papel**. Porto Alegre (RS): PPGEDU/UFRGS, 2002. Tese de Doutorado.

\_\_\_\_\_. **Infâncias que nos Escapam: da criança na rua à criança cyber**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. Sobre o devir-criança ou discursos sobre as infâncias. In: **V Colóquio Internacional de Filosofia da Educação: "Devir-criança da filosofia: infância da educação."** UERJ, 2010.

\_\_\_\_\_. **Práticas Criativas do Professor 2.0: atendendo às demandas da ciberinfância**. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/renote/article/download/15240/8999>, 2010. Acesso em: 28 jun. 2011.

DREYFUS, Hubert L., RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ELLSWORTH, Elizabeth. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 07-76.

EWALD, François. **Foucault, a norma e o direito**. Lisboa: Veja, 1993.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso**: mídia e produção de subjetividade. Porto Alegre (RS): PPGEDU/UFRGS, 1996. Tese de Doutorado.

\_\_\_\_\_. Identidade, Cultura e Mídia: A Complexidade de Novas Questões Educacionais na Contemporaneidade. In: SILVA, Luiz Heron da (Org.). **SÉCULO XXI**: Qual conhecimento? Qual Currículo? Porto Alegre: Vozes, 1999, p. 18-32.

\_\_\_\_\_. **Foucault e a análise do discurso em Educação**. Cadernos de Pesquisa (CEDES), nº114, p. 197-223, Nov/2001.

\_\_\_\_\_. **Mídia e Juventude**: Experiências do público e do privado na 'sociedade da informação'. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Set/2004. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/RosaFischer.pdf>. Acesso em: jul. 2011.

\_\_\_\_\_. **Televisão & Educação**: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2006a.

\_\_\_\_\_. Técnicas de si e Tecnologias Digitais. In: SOMMER, Luís Henrique e BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Org.). **Educação e cultura contemporânea**: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens. Canoas: ULBRA, 2006b, p. 67-76.

\_\_\_\_\_. Cultura e educação, tensão nas fronteiras. In: BUJES, Maria Isabel Edelweiss e BONIN, Iara Tatiana (Org.). **Pedagogias sem Fronteiras**. Canoas: ULBRA, 2010. p. 9-19.

FONSECA, Claudia. **Caminhos da Adoção**. São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. **Família, fofoca e honra**. Porto Alegre, UFRGS, 2004.

\_\_\_\_\_. **Da circulação de crianças à adoção internacional** - Disponível em: [www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30384.pdf.cadernospagu\(26\)](http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30384.pdf.cadernospagu(26)). Acesso em: 14 maio 2011.

FONSECA, Márcio Alves. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 1995.

FONSECA, Márcio Alves. Para pensar o público e o privado: Foucault e o tema das artes de governar. In: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 155-163.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999a.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. Petrópolis (R.J): Vozes: 1999b.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

\_\_\_\_\_. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Estratégia, poder-saber**. Ditos e Escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008c.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

FRIEDERICHS, Marta Cristina. **Mulheres 'on line' e seus diários virtuais**: corpos escritos em blogs. Porto Alegre (RS), PPGEDU/UFRGS, 2009. Dissertação de Mestrado. Disponível: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18265/000727759.pdf?sequence=1>  
Acesso em: 18 jun. 2011.

GROS, Frédéric. O cuidado de si em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGANETO, Alfredo (Org.). **Figuras de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 127-138.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HIRONAKA, Giselda Maria Fernandes Novaes. A incessante travessia dos tempos e renovação dos paradigmas: a família, seu status e seu enquadramento na pós-modernidade. In: BASTOS, Eliene Ferreira, DIAS, Maria Berenice. **A família além dos mitos**. Belo Horizonte: Del Rey, 2008.

HOGG, Tracy. **Os Segredos de uma Encantadora de Bebês**. Barueri (SP): Manole, 2002.

KLEIN, Carin. **Biopolíticas de inclusão social e produção de maternidades e paternidades para uma 'infância melhor'**. Porto Alegre (RS): PPGEDU/UFRGS, 2010. Tese de Doutorado. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27048/000763049.pdf?sequence=1>  
Acesso em: 25 jun. 2011.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Infância e Educação Infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O Sujeito da Educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 35- 86.

\_\_\_\_\_. A libertação da liberdade. In: BRANCO, Guilherme Castelo, PORTOCARRERO, Vera (Org.). **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: Nau, 2000, p. 328- 335.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. **Dispositivo da maternidade**: mídia e produção agonística de experiência. Porto Alegre (RS), PPGEDU/UFRGS, 2003. Dissertação de Mestrado.

MARSHALL, James. Governamentalidade e Educação Liberal. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O Sujeito da Educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 21-34.

MARÍN-DÍAZ, Dora Lilia. Morte da Infância Moderna ou Construção da Quimera Infantil? In: **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre (RS), UFRGS/FACED, vol.35, n.º 3, set/dez., 2010, p. 193-211.

MEYER, Dagmar Estermann. As mamas como constituintes da maternidade: uma história do passado? In: **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre (RS), UFRGS/FACED, vol.25, n.º 2, jul/dez., 2000, p. 117- 133.

\_\_\_\_\_. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos. In: **Revista Movimento**, 2003: Porto Alegre. v. 9. n.º3, p. 33-58.

MOTA, Mara Rute Rebola Pereira de. **Representações Sociais da Gravidez: A Experiência da Maternidade em Instituição.** Disponível em: <http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/3276/18/tese.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2011.

Ó, Jorge Ramos do, CARVALHO, Luís Miguel. **Emergência e circulação do conhecimento psicopedagógico moderno (1880 – 1960): estudos comparados Portugal-Brasil.** [S.l.]: Educa/Unidade de I&D de Ciências da Educação/Autores, 2009.

ORLANDI, Orlando. **Teoria e prática do amor à criança:** introdução à pediatria social no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

PASSOS, Izabel C. Friche. Disciplina, biopoder e resistência em um campo regional de práticas: do asilo à psiquiatria reformada. In: PASSOS, Izabel C. Friche (Org.) **Poder, Normalização e Violência.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

POLLOCK, Linda. Educação e Ensino Cultural dos Ingleses em Casa de 1550 a 1800. In: **Revista Educação e Realidade.** Porto Alegre (RS), UFRGS/FACED, vol.35, n.º 3, set/dez., 2010, p. 17-35.

POPKEWITZ, Thomas. Reforma educacional e construtivismo: o estado como uma problemática de governo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Liberdades Reguladas:** a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. Petrópolis: Vozes, 1998.

POSTMANN, Neil. **O desaparecimento da Infância.** Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PRADO FILHO, Kleber. Uma genealogia das práticas de confissão no Ocidente. In: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Figuras de Foucault.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 139 -146.

RAMOS, Anne. **Meus Avós e Eu**: As relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças. Porto Alegre (RS): PPGEDU/UFRGS, 2011. Tese de Doutorado.

RIFFEL, Mariene Jaeger. **A ordem da humanização do parto na educação da vida**. Porto Alegre (RS): PPGEDU/UFRGS, 2005. Tese de Doutorado. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp027664.pdf>- último acesso em: 24 de julho de 2011.

ROCHA, Cristianne Maria Famer. **A escola na mídia**: nada fora do controle. Porto Alegre (RS): PPGEDU/UFRGS, 2005. Tese de Doutorado. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6351/000484351.pdf?sequence=1>  
Acesso em: 16 jul. 2011.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca Fomos Humanos** – nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 137-204.

\_\_\_\_\_. Como se deve fazer a história do eu? In: **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre. (RS), UFRGS/FACED, vol.1, nº 1 jan/jul., 1976, p. 33-57.

\_\_\_\_\_. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Liberdades Reguladas**: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 30-45.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANTOS, Cláudia Amaral dos. **Toda boa mãe deve... governo das maternidades para a constituição de infâncias saudáveis e normais**. Porto Alegre (RS): PPGEDU/UFRGS, 2009. Tese de Doutorado. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18257/000727615.pdf?sequence=1>  
Acesso em: 24 jun. 2011.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Donas de Si? A educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos**. Porto Alegre (RS): PPGEDU/UFRGS, 2006. Tese de Doutorado. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8937/0005911456.pdf?sequence=1>

Acesso em: 22 jul. 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. As pedagogias psi e o governo da Alma. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Liberdades Reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 7-13.

\_\_\_\_\_. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Carmen Lúcia. Uma genealogia das práticas de confissão no Ocidente. In: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 75-85.

SOARES, Rafael Marques. **Comportamentos Alimentares Inadequados Durante a Gestação: prevalência e fatores associados em amostra de serviços públicos de saúde no sul do Brasil**. Porto Alegre (RS), PPGEPI/UFRGS, 2007. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://www.lume.ufrs.br/bitstream/handle/10183/10620/000598068.pdf?sequence=1>  
Acesso em: 20 jun. 2011.

STEINBERG, R. Shirley e KINCHELOE, L. Joe. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: STEINBERG, R. Shirley e KINCHELOE, L. Joe, (Org.). **Cultura Infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

VAYNE, Paul. Foucault revoluciona a história. In: VAYNE, Paul. **Como se Escreve a História**. Brasília: UnB, 1998, p. 239-285.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A Medicalização do Corpo Feminino**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

WALKERDINE, Valerie. Uma análise foucaultiana da pedagogia construtivista. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Liberdades Reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 143 -216.

WEBER, Carine Imperator. **Entre educação, remédios e silêncios: trajetórias, discursos e políticas de escolarização de crianças hospitalizadas**. Porto Alegre (RS), PPGEDU/UFRGS, 2009. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://www.lumeufrgs.br/bitstream/handle/10183/18255/000727605.pdf?sequence=1>  
Acesso em 20 jun. 2011.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Pedagogia, cultura e mídia: algumas tendências, estudos e perspectivas. In: BUJES, Maria Isabel Edelweiss e BONIN, Iara Tatiana (Org.) **Pedagogias sem Fronteiras**. Canoas: ULBRA, 2010. p. 105-122.

YALOM, Marilyn. **História do Seio**. Lisboa: Teorema, 1998.

ZERO HORA. Caderno Meu filho. Porto Alegre, ago/dez, 2008. 22 edições.

ZERO HORA. Caderno Meu filho. Porto Alegre, jan./dez, 2009. 52 edições.

ZERO HORA. Caderno Meu filho. Porto Alegre, 2010. 11 edições.

ZERO HORA. 03 de março de 2011. p. 37.

## ANEXOS

Data	Caderno	Título
04.08.2008	206	O teste
11.08.2008	207	Os enjôos
18.08.2008	208	Barriguinha, barrigão
25.08.2008	209	O mundo de Sofia
01.09.2008	210	A primeira culpa
08.09.2008	211	Confiança no obstetra
15.09.2008	212	Y La nave va
21.09.2008*	213	Nave Pai
29.09.2008	214	Estado de graça
06.10.2008	215	Filhotes e filhotes
13.10.2008	216	Fora da bolha
20.10.2008	217	Nave Vó
27.10.2008	218	O sétimo mês
03.11.2008	219	Família unida
10.11.2008	220	Gravidez saudável
17.11.2008	221	A escolha (da babá) de Sofia
24.11.2008	222	A reta final
01.12.2008	223	Desconfortos de mãe
08.12.2008	224	Já com saudade
15.12.2008	225	O último mês
22.12.2008	226	Parto normal ou cesárea?
29.12.2008	227	Nasceu a Sofia

\*Consta essa data no Caderno.

Data	Caderno	Título
05.01.2009	228	A chegada de Sofia
12.01.2009	229	A escolha do pediatra
19.01.2009	230	Que dia
26.01.2009	231	Só com uma mão
02.02.2009	232	Mamãe eu quero mamar
09.02.2009	233	Difícil rotina
16.02.2009	234	Mãe sim, mulher também
23.02.2009	235	Quanto riso, ó quanta alegria.
02.03.2009	236	Casa cheia
09.03.2009	237	Banho de alegria
16.03.2009	238	As polêmicas visitas
23.03.2009	239	Mamãe responde
30.03.2009	240	Aguuuu!!
06.04.2009	241	Tecnologices
13.04.2009	242	O retorno
20.04.2009	243	Mamãe responde
27.04.2009	244	Fim às comparações
04.05.2009	245	Privilégios de mãe
11.05.2009	246	Carta para minha mãe
18.05.2009	247	Desmamar?
25.05.2009	248	Bebê índigo?

01.06.2009	249	Crack nem pensar
08.06.2009	250	Mamãe responde
15.06.2009	251	Nas alturas
22.06.2009	252	Religião, religiões
29.06.2009	253	Seis meses
06.07.2009	254	Você lava as mãos?
13.07.2009	255	Papai e papinha
20.07.2009	255 *	Jean Charles
27.07.2009	256	Mudanças e retornos
03.08.2009	257	Na rotina
10.08.2009	258	Saltos
17.08.2009	259	Sofrenilda
24.08.2009	260	A evolução das mamadas
31.08.2009	261	Grávida de novo?
07.09.2009	262	Rumo à independência motora
14.09.2009	263	Desafio de amamentar
21.09.2009	264	Cadeirinha de Miami
28.09.2009	265	Nove meses
05.10.2009	266	Desmamei
12.10.2009	267	A criança em mim
19.10.2009	268	O primeiro susto
26.10.2009	269	Apaixonada por uma mulher
02.11.2009	270	Que viagem?
09.11.2009	271	Sonhos sem limites
16.11.2009	272	Sofia com gripe A
23.11.2009	273	Esquecer de um filho?
30.11.2009	274	Medo da pediatra
07.12.2009	275	Palavrinhas
14.12.2009	276	Não é a mamãe
21.12.2009	277	O verdadeiro espírito de Natal
28.12.2009	278	Feliz aniversário, Sofia!

\* A edição repete a numeração.

Data	Caderno	Título
01/02/2010	283	Primeiros passos
08/02/2010	284	Nana Nenê
15/02/2010	285	Quando dizer não
19/04/2010	294	O dilema da exposição
03/05/2010	296	A festa da barriga
28/06/2010	304	Quando o bebê se engasga
19/07/2010	307	Bilíngue
16/08/2010	311	Banho junto
13/09/2010	314	Circuncisão
01/11/2010	321	Mãe em triplo
27/12/2010	329	Minha despedida